

# SE A MEDIUNIDADE *FALASSE*

**VOLUME 1**  
[COLETÂNEA DOS LIVROS 1 AO 5]

OBRA MEDIÚNICA  
ESPÍRITO IVAN DE ALBUQUERQUE  
MÉDIUM DO GRUPO MARCOS





SÉRIE SE A  
MEDIUNIDADE  
FALASSE

Volume I  
Livros: 1 – 5





# SE A MEDIUNIDADE FALASSE – LIVRO 1

## Iniciação



## PREFÁCIO

**J**ovem amigo,  
Outrora eram os profetas que anunciavam a grandeza de Deus e lembravam a necessidade de se implantar a justiça no mundo. Depois, veio o próprio Cristo a ensinar que a justiça apenas é alcançada com o amor. Hoje, vocês são seguidores de Allan Kardec, Espírito luminoso que, amparado por Jesus, explicou aos homens as Leis do universo, fazendo-nos entender que apenas a evolução moral, alcançada por meio do aprimoramento individual, facultará à criatura aproximar-se do Criador e, inspirada pelas justas Leis universais, tornar-se apta a implantar o Reino de Deus na Terra.

Amigo, contamos com você nessa construção que inicia em si mesmo e que deve se estender aos casebres, às casas de vícios e aos hospícios que cuidam das “vítimas” dos excessos de prazeres materiais. Cuida que sua tarefa não deve ser a da formalidade social, mas a da transformação anunciada pelo Cristo de Deus, pois o Consolador está com você! Nesse instante, nós esperamos, com o coração empolgado, que você esteja com Ele em seus atos, palavras e pensamentos. Em nossa esfera de ação, reconhecemos o seu valor, o seu potencial e a bondade que existe em seu coração; por isso, lhe pedimos: não desperdice tantas dádivas que carrega em nome da inferioridade. Seja nobre, corajoso e destemido! Estamos com você e estaremos juntos até o fim dos tempos da iniquidade. Juntos, eu, você e a falange do Cristo iluminaremos a Terra!

Muita paz,  
Do amigo  
Ivan de Albuquerque.

## NO PÁTIO DE UM CENTRO ESPÍRITA

A o atravessar o pátio de um centro espírita, a senhora Mediunidade passa perto de um jovem, que a cumprimenta:

— Bom dia, senhora!

— Bom dia! — responde a Mediunidade, assustada.

A Mediunidade pensa: *“Quem será este jovem? Ele me cumprimentou! Coisa estranha... Faz tanto tempo que isso não acontece!”*. Curiosa, ela resolve voltar e pergunta:

— Como você se chama?

— Felipe.

— E quantos anos você tem?

— Catorze anos, senhora.

*“Estranho! Desde a época do Chico Xavier e da Yvonne Pereira não converso tranquilamente com um jovem dessa idade”* — pensa ela.

— Diga-me: você é espírita? Faz tempo que frequenta este centro? — pergunta a Mediunidade, interessada.

— Sou espírita desde os onze anos, mas ainda não tive a oportunidade de frequentar um centro espírita. Este é o meu primeiro dia.

“Ah... Por isso conversa comigo com tanta naturalidade. Ainda não foi “educado” pelo atual movimento espírita!” - reflete a Mediunidade.

— Entendo, amigo. Posso lhe chamar de amigo?

— Claro, senhora! Sempre quis lhe conhecer. Sinto-me defasado por não conhecê-la. Afinal, como ser espírita sem ter contato constante com a senhora?

A senhora Mediunidade sorri. Seus olhos se enchem de lágrimas. Será que ela poderia voltar a conversar com os jovens?

Neste instante, passa pelo pátio o dirigente dos estudos mediúnicos. Ela se espanta. Se o dirigente encontrar o jovem, bastará alguns minutos de conversa

e tudo estará perdido! O diálogo entre ela e o jovem acontecerá apenas depois de vinte ou trinta anos, por meio da obsessão, e não de forma equilibrada, como ela gosta. Ao lembrar-se de tantos jovens com depressões e angústias por causa das influências espirituais inferiores, seu coração se entristece. Ela tinha que fazer alguma coisa, pelo menos este jovem ela queria ajudar... Enquanto ela pensa isso, o dirigente passa, sem nada perceber.

— Ufa, foi por pouco! — diz a Mediunidade, aliviada.

— O que foi, senhora? — pergunta Felipe.

— Nada, meu filho. Vamos conversar no jardim, que é mais calmo.

## NO JARDIM

**A**gora que estão sentados sob uma árvore, Felipe fala, dando prosseguimento à conversa:

— Senhora, sei que posso questioná-la sobre muitas coisas, desde que tenha a intenção sincera, método de avaliação e disciplina para aprender a escutar e observar. Por isso, lhe pergunto: o momento é adequado para conversarmos?

A Mediunidade se belisca e pensa: “Será que eu estou sonhando? Alguém que me entende?! Nas atuais circunstâncias, seria possível alguém me entender?” Ela olha então para Felipe, e responde:

— Sim, querido amigo! Conversemos, que a hora é apropriada.

— Eu queria saber a sua história. Quando ela começa?

A Mediunidade respira fundo e vai buscar na memória aquelas histórias valiosas que a maioria das pessoas não têm interesse em conhecer. Estão muito ocupadas com coisa nenhuma...

— Eu sou antiquíssima. Antes de haver habitantes no mundo, eu já existia, porque existo em todos os planos da vida. **Sem mim, o universo seria solidão e a Obra de Deus desolação** — explica ela, humilde e verdadeira em suas palavras.

— Que bonito! Sabia que aprenderia muito. Continue, por favor.

— Eu quem impulsionei o ser primitivo a ter fé em Deus e na vida espiritual. Eu me lembro bem que, na época, eu movia pedras, batia em árvores e permitia que os encarnados vissem os desencarnados. Tantas cenas interessantes... Nas materializações de Espíritos, conseguia que mães descarnadas voltassem para abraçar os filhos amados, e que namorados se despedissem se olhando nos olhos! O ser, mesmo primitivo, já ama; e **ampliar o amor é a minha função!** Também cuidava das crianças. Quando elas ficavam muito tristes pela morte de seus animais, eu fazia de tudo para que elas pudessem vê-los e brincassem com eles. Você precisava ver o quanto elas se alegravam!

— Que interessante! E elas não tinham medo?

— Medo?! De quê?! Elas sentiam que sou parte da obra de Deus e gostavam de mim, tanto quanto das chuvas e dos rios. Que bons tempos! — diz feliz.

— E você ajudou a melhorar a vida deles? Como? — pergunta Felipe, mal contendo sua curiosidade saudável.

— Sim! Comigo tem progresso material e espiritual. Só não gosto de gente preguiçosa, que não quer aprender, e de gente ignorante, que troca espiritualização por ambição.

— Conte-me mais, por favor! Como você ajudou essas pessoas?

— Ajudei na caça e na descoberta de áreas com alimentos para a colheita, por exemplo. Às vezes era inspiração, e às vezes fazia barulho e permitia que o guia protetor da tribo se materializasse e apontasse para onde o grupo deveria ir.

**“A senhora sempre aponta os bons caminhos!”** — pensa Felipe.

— Depois, foi ainda mais interessante. Quer saber mesmo? — pergunta a Mediunidade, que só revela seus segredos para quem realmente quer conhecê-los.

— Sim, quero! Prometo sempre honrar a Senhora — diz Felipe, entusiasmado.

— Tive uma tarefa árdua, mas que deu ótimos resultados. Tinha que possibilitar a descoberta de técnicas agrícolas e de criação de animais, para que os homens pudessem viver em sociedades estabelecidas e deixassem de ser nômades. Era chegada a hora de eles ampliarem a sua capacidade de pensar e de sentir, de terem condições de se questionarem mais sobre a natureza e de dialogarem. **Quando estamos sempre apreensivos com as coisas materiais, o sentimento e a inteligência não se desenvolvem satisfatoriamente.**

— A descoberta da agricultura e da domesticação de animais está relacionada com a Senhora!? — pergunta Felipe, empolgado.

— Não apenas essas descobertas, mas vou falar delas. Os Espíritos mais interessados nesse assunto eram desdobrados — por mim, é claro, pois eram médiuns de desdobramento — e, no

mundo espiritual, eram ensinados a plantar, domesticar animais e escolher os melhores lugares para habitarem. Eles saíam do corpo e treinavam, treinavam e treinavam! Isso é importante que seja entendido: **comigo o trabalho aumenta muito, mas os resultados são excelentes!**

— Que fascinante! E eles lhe agradeciam?

— Sim, com certeza...

A senhora Mediunidade reflete. Há tempos que não ouvia alguém lhe falar em agradecimento. Nestes tempos difíceis, o normal era ela ser desprezada, temida, proibida... — E como eles lhe agradeciam?

— Fundavam templos. Na verdade, oráculos — como explica o José Herculano Pires... Esse sim, me entendeu! Eu era tratada com respeito. Tinha gente preocupada em me ouvir. Por meu intermédio, eram transmitidos muitos conselhos importantes. Mas, sabe como é, fui ficando cada vez mais isolada... Todo apego sufoca, e eu fiquei sufocada. Chegou uma época em que eu não aguentava mais. Precisava sair, ver o sol, conversar diretamente com o povo.

— Mas a Senhora deixou de conversar com o povo?

— Não, nunca! Mas tinha que ser por meio de um oráculo, ou às escondidas... E, por isso, muita gente ficou com medo de mim. Se eu não me comunicasse por um oráculo, eu era combatida... — Entendo... E o que foi feito?

— Falei com Jesus, ainda desconhecido do mundo material, mas conhecido de todos nós.

— A Senhora fala com Jesus?! — interrompe Felipe.

— Claro, meu filho! Não é privilégio não, é porque sem mim ninguém fala com Ele. Entende? A prece é uma comunicação telepática, não é? — diz sorrindo.

— E o que Ele fez? — pergunta Felipe, impressionado.

— Ele enviou pessoas maravilhosas para ensinar nas praças públicas, nos povoados distantes e nas capitais mais importantes. Eles vieram ensinar algo essencial: **eu quero ser amiga de todos!** Depois, Ele mesmo veio pessoalmente ensinar o Amor e ensinar como eu posso ajudar a alcançá-lo.

— A Senhora é importante! — exclama Felipe, com espanto.

— Sou, mas também sou simples. Deus quer que eu conviva com todos.

— Além de Jesus, com quem mais a Senhora conviveu?

— A lista é enorme, mas posso citar alguns que você deve conhecer. Sócrates, por exemplo, falou de mim no seu julgamento. E, de fato, ajudei, e muito, o filósofo de Atenas. Alertei-o que deveria dedicar-se à filosofia... ele queria ser político, mas não podia. Ao menos não naquela encarnação. Graças a mim, ele foi avisado e nasceu a filosofia ocidental! Com minha ajuda, certa vez ele foi salvo de um acidente que seria fatal. Eu permitia que seu guia o inspirasse, os seus discípulos, bem como outros encarnados. Não é fácil fazer filosofia! Transmitir ideias complexas exige muito esforço de todos, de encarnados e de desencarnados. Mas valeu a pena!

— Com quem mais a senhora conviveu? — Felipe mal pode se conter.

— Lembro-me do profeta Isaías. Convivíamos tão bem! Auxiliei-o a moralizar o povo, a condenar as injustiças, falar que Deus é único e descrever o plano espiritual. Também convivia muito feliz com o apóstolo Paulo. Aliás, modéstia à parte, não fosse eu, em vez de ele ter sido um dos maiores cristãos de todos os tempos, teria sido assassino vulgar. Me desculpa por falar assim, mas é meu dever ensinar a verdade.

— E ele foi grato à Senhora?

— Sim! Honrou-me pelo exemplo e pelo que ensinou. **Paulo alertou os cristãos que, sem profetismo (mediunidade), não existiria verdadeiro cristianismo, e escreveu orientações excelentes para que os cristãos me entendessem.**

— Foi? Como? — pergunta Felipe, que nunca imaginou que a mediunidade fosse tão interessante.

A Mediunidade sorri, retira do bolso um pergaminho e lê parte da carta que o apóstolo escreveu para os cristãos da cidade de Corinto (1 Coríntios 12:1,4-10):

*Irmãos, não quero que vocês sejam ignorantes sobre os dons espirituais. Existe diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.*

*Da mesma forma que existe diversidade de atividades no mundo, mas o Deus é o mesmo.*

*Há, também, diversidade de tarefas espirituais, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.*

*A manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil.*

*Porque a um, a manifestação do Espírito dá a **palavra da sabedoria**; e a outro, a manifestação do Espírito dá a **palavra da ciência**; e a outro, a mesma manifestação dá **fé**; e a outro, os **dons de curar**; e a outro, a **operação de maravilhas**; e a outro, a **profecia**; e a outro, o **dom de discernir os Espíritos**; e a outro, a **variedade de línguas**; e a outro, a **interpretação das línguas**.*

Felipe mal acredita. O apóstolo Paulo fala de mediunidade com o nome de *dom*.

— Quais os tipos de manifestação da mediunidade você identifica nesta carta de Paulo? — pergunta sua amiga.

Felipe pensa e diz:

— O dom da palavra da sabedoria e da palavra da ciência são, juntos, a inspiração, a serviço da filosofia e da ciência; o dom de curar pode ser o passe, bem como as cirurgias espirituais. O dom de operar maravilhas pode ser a materialização ou o transporte de objetos para locais fechados. A profecia pode ser a revelação de acontecimentos futuros. O dom de discernir é também inspiração usada, por exemplo, no diálogo com os Espíritos desencarnados, nas reuniões mediúnicas de desobsessão. Os dons da variedade e a interpretação das línguas são vistos quando o médium fala ou entende uma língua estrangeira que não conhece.

A Mediunidade sorri.

Felipe compreendeu a carta do Apóstolo.

## SOB AS ESTRELAS

**A** noitece.  
— A Senhora pode continuar um pouco mais? Sei que não se deve insistir nas comunicações mediúnicas, mas, se for possível... Estou adorando! Nunca pensei que aprenderia tanto!

— Sim, meu amigo, eu posso. O tempo deve ser sempre proporcional à tarefa empreendida. Mudemos de lugar. Vamos para aquele banco. Lá, poderemos olhar as estrelas. Um dia vou lhe falar da minha atuação nos mundos superiores; mas, como ensina Jesus, é necessário primeiro compreender as coisas da Terra.

A Mediunidade respira fundo e diz:

— Depois veio a Idade Média. Não foi fácil. Se nas sociedades agrárias sentia-me sufocada, na Idade Média fui perseguida e classificada de demoníaca. Muitos dos que conviviam comigo sofreram muito:

eram chamados de bruxos, de hereges e até queimados.

— Mas por que essa maldade?

— Queriam que eu servisse aos interesses mesquinhos deles! Busca de dinheiro, de poder ou de satisfação sensual não combina comigo. **Minha tarefa principal é ficar com as pessoas para ajudá-las a se espiritualizarem e a proclamarem a verdade.** Ser verdadeiro custou muito nessa época, mas não nos dobramos nem nos dobraremos — fala, olhando para a sala do curso mediúnico do centro espírita.

— Por que a senhora está olhando para a sala do curso mediúnico?

— Depois falaremos disso. Voltemos à Idade Média... Milhares foram mortos e torturados por serem fiéis à verdade. Os fracos me repeliam, como fizeram com Jesus, mas não os condeno. Cada coisa tem seu tempo. Em algum momento, todos devem dar testemunho da verdade — responde a Mediunidade,

falando essa última parte enquanto olha nos olhos de Felipe, com esperança.

Só mais tarde ele entenderá aquele olhar da Mediunidade.

— Mas tudo foi só tristeza?

— Morrer pela verdade não é tristeza, meu amigo. Fortalece a vontade, torna o Espírito mais lúcido, corajoso e, claro, melhor médium. Triste é a ignorância dos homens. Vou contar-lhe a história de três Espíritos para que você possa me entender melhor. São eles a menina Joana d'Arc (1414-1431) e os jovens Francisco de Assis (1182-1226) e Antônio de Pádua (1195-1231).

— Mas eles conseguiram ser mais avançados do que os profetas?

— Conseguiram, pois me compreenderam melhor. Não pensavam que os Espíritos superiores que se comunicavam com eles eram Deus. Sabiam que eram individualidades, como eles mesmos.

— Que interessante! Eu não sabia que compreender isso era tão importante!

— É fundamental! Ainda hoje, existe quem adore os Espíritos como se eles fossem Deus. É apenas um resquício, mas atrapalha muito — conclui a Mediunidade.

## NO CENTRO ESPÍRITA

**N**a semana seguinte, Felipe entra no centro. É a sua primeira aula no curso da juventude.

– Bom dia! Vamos falar sobre mediunidade – diz o dirigente dos estudos mediúnicos do centro.

“Que legal, meu primeiro dia e já vamos estudar mediunidade!” – pensa Felipe.

– A mediunidade é uma faculdade natural, que todos possuímos. É a capacidade de sofrer, em algum grau, a influência dos Espíritos – explica o dirigente.

Felipe acompanha tudo atentamente. Quando percebe que a aula está próxima do fim, resolve perguntar:

– Que fenômenos mediúnicos vamos observar hoje?

O dirigente olha-o, espantado.

– Fenômeno mediúnico? Aqui? Não é possível! É muito perigoso! Isso é para quem tem MUUUUUITA experiência. – diz, enfático.

– Mas o senhor não disse que a mediunidade é uma faculdade natural? Se a faculdade é natural, o fenômeno não é também natural?

– Sim, sim... Mas isso é teoria... Bem... Não sei explicar direito, mas... Só sei que não podemos ter fenômeno mediúnico aqui!

– Por quê? – indaga Felipe, confuso.

– Não pode e pronto! São as normas da casa. Os Espíritos não querem. É isso! É isso!!! São orientações dos Espíritos!!!

Felipe, sem entender nada, procura a senhora Mediunidade. Ela está do lado de fora da sala e a tudo assiste, com tristeza.

Felipe lembra de tudo que tinha aprendido com ela e com seu guia e tenta argumentar:

– Mas...

— Mas, nada! Você é muito jovem. Apenas quando estudar e crescer vai entender. Vamos fazer a prece final, pois provavelmente você está obsediado — conclui o dirigente.

Assim, a aula é encerrada.

Felipe está desconsolado, abatido. Como podia tudo aquilo? Ele falou tanto para depois, na prática, negar tudo.

Vai para casa, triste. Fecha-se no quarto, ora e dorme.

Ao sair do corpo, estão lhe esperando a senhora Mediunidade e seu guia espiritual. Estes, sorrindo, lhe abraçam. É daqueles abraços que fazem a gente ter coragem de tudo enfrentar.

— Meu filho — diz a Mediunidade — por incrível que pareça, muitos espíritas não me entendem. Sem mim e sem a ajuda de muitos jovens da sua idade, não haveria Doutrina Espírita, mas, mesmo assim, eles não permitem que eu possa estar presente na maioria das ocasiões. Afastam-me dos jovens. Temo que eles adotem as regras da época dos oráculos... Na verdade, alguns já fazem isso. Tratam os médiuns como pessoas especiais. **Deus é amor e misericórdia: todos os Seus filhos são médiuns. É suficiente o esforço sincero de se espiritualizar para merecer a companhia dos bons Espíritos.**

— Sabemos de sua sinceridade e coragem. Queremos que você nos ajude a mostrar como a mediunidade é natural. — acrescenta pai Joaquim.

— Mas, como poderei fazer isso? — pergunta Felipe, intrigado.

— Vivendo a mediunidade com naturalidade. Não adotando postura de santo, nem de pop star — explica pai Joaquim. — Então viverei como vivem todos os jovens e terei também muitas experiências mediúnicas? — pergunta Felipe, tentando entender seu guia.

— Sim. Você deve viver como os de sua idade, como vivem os jovens saudáveis — diz o Espírito protetor.

— Mas... O que significa ser saudável? Quero dizer, ser saudável na prática? — pergunta Felipe, que quer entender exatamente o que ele deve fazer.

— Bem — responde o guia — todos sabem o que é ser saudável, mas está tudo tão confuso na Terra, que eu vou lhe explicar. Primeiro: **cultivar o equilíbrio emocional é essencial!** Muitos não entendem que, por terem vivido uma juventude *cheia de emoções*, passarão o resto da encarnação angustiados, irritadiços e nervosos.

— E que emoções são essas?

— São as emoções grosseiras. *Ficantes* e namoros sem compromisso, por exemplo. **Quando mexemos com a emoção de outro ser humano sem a devida responsabilidade, destruímos nosso próprio equilíbrio.** As energias geradas pelos sentimentos não elevados se acumulam e, muitas vezes, “*apodrecem*” em nosso corpo espiritual.

Daí a sintonia com os bons Espíritos fica difícil.

— Então eu não posso namorar?! — pergunta Felipe, assustado.

— Calma! — diz, sorrindo, o amigo espiritual. Pode e deve. Mas no momento certo, e com os sentimentos adequados. Namorar por namorar, para “experimentar”, não. Isso é vulgaridade e inferioriza quem faz. Ser humano não é amostra grátis para ficar sendo experimentado. Namorar, com sentimento sincero, no momento certo, eleva o ser.

Entendeu?

— Ah... — diz Felipe, aliviado. Pensei que não podia nunca!

Seu amigo espiritual sorri. Já mais aliviado, Felipe pergunta:

— E o que mais?

— **Bons hábitos. Ler livros e artigos instrutivos. Ouvir boas músicas. Frequentar festas saudáveis, evitar ambientes com excesso de álcool. Drogas e pornografia, nem pensar! A não ser que queira contato com Espíritos das trevas, que vão arruinar sua sintonia, sua paz e sua vida. Sei que não irá atrás disso, mas é possível que, algum dia, alguém lhe ofereça e sua recusa deve ser firme e tranquila, se queres que eu permaneça ao seu lado.**

— Eu não sabia que isso é tão sério — diz Felipe, lembrando-se de alguns amigos da escola.

— Sim, Felipe. É seríssimo. E seus amigos, que cultivam esses hábitos infelizes, muito sofrerão. Ore por eles. No futuro,

você terá que socorrer alguns em regiões de dor e de trevas. É o livre arbítrio de cada um. **Quando tiver oportunidade, fale pra eles da Doutrina Espírita, e assim você poderá evitar grandes tragédias na vida de muitos** — conclui pai Joaquim e, em seguida, prossegue: Quero, agora que conhece as suas responsabilidades, lhe apresentar um amigo.

Nesse momento, entra um Espírito com aparência jovem, que o cumprimenta:

— Boa noite, eu sou o Ivan.

— Ivan irá lhe ajudar a entender as dificuldades dos espíritas em relação à mediunidade. Após o curso que você fará, iniciaremos as atividades psicográficas, que estão programadas desde antes de seu nascimento. Quando acordar, lembre-se de todas as recomendações. Elas são a garantia do sucesso de sua encarnação atual — conclui seu guia espiritual.

Ivan fala, com carinho:

— Começaremos em uma semana. Prepare-se para dormir com o coração em paz. Além da oração sincera antes de dormir e do cultivo de bons sentimentos e de bons pensamentos durante o dia, você deve cumprir fielmente seus deveres espirituais. Isso facilitará seu aprendizado.

Eles se abraçam e se despedem.

Felipe acorda emocionado com tudo que tinha vivido. Nunca imaginou que fosse tão empolgante ser médium!

## TRÊS JOVENS MÉDIUNS

**S**enhora pode começar por Francisco de Assis? — pede Felipe, entusiasmado.

— Bem, o Francisco era jovem como você e adorava uma festa! Na verdade, umas boas farras... E aí entro eu! **Sem mim, muitas pessoas boas se perdem nos ilusórios caminhos da vida material, para depois viver um doloroso despertar...** Mas com ele não foi assim. Logo que ouviu o chamado mediúnico do Cristo, ele mudou! E teve um errinho de comunicação, que foi até engraçado, mas que é comum de acontecer...

— Conta mais! — pede Felipe, curioso.

— Jesus tinha falado para Francisco reconstruir a Sua Igreja (mudar a forma de viver dos cristãos) e ele achou que era uma Igreja abandonada, perto de onde morava... — conta a Mediunidade, rindo ao se lembrar da história.

— Mas como ele entendeu que não era aquela igreja?

— Com o tempo, quem me cultiva espiritualiza-se e passa a entender tudo melhor, de forma mais clara. Depois as comunicações tornaram-se comuns e fizeram parte da vida de Francisco até o momento da desencarnação, que, por sinal, teve impressionantes fenômenos mediúnicos, como os estigmas.

— A Senhora quer dizer que os **estigmas de Francisco de Assis** são um fenômeno mediúnico?!

— Como não, meu amigo? É pena que ninguém estude mais esse fenômeno...

Felipe sabia que os estigmas eram ferimentos, semelhantes aos que o Cristo sofreu na crucificação, que apareceram no corpo de Francisco de Assis. Ele gostaria de entender melhor esse fenômeno, mas sabia que o diálogo mediúnico tem que ter organização e que ele deveria estudar antes de questionar. Ele decide aguardar pelo momento oportuno para, depois de estudar o assunto, dialogar com a Mediunidade.

Interrompendo seus pensamentos, Felipe diz:

— Fale alguma coisa do Antônio de Pádua, por favor.

— Ele viveu na mesma época que Francisco de Assis. Que médium extraordinário! Uma vez, enquanto ele pregava na Espanha, seu pai estava sendo condenado injustamente por um crime em Pádua, na Itália. Ele adormeceu durante a pregação e foi até o outro país, em Espírito; materializando-se lá, ele defendeu o seu pai, que foi inocentado, voltou e continuou a pregação. Um lindo fenômeno mediúnico a favor da justiça! — conta a Mediunidade, entusiasmada.

— É o mesmo fenômeno que aconteceu com Eurípedes?

— Sim! Eurípedes Barsanulfo, que viveu na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais, fez isso várias vezes na sala de aula do colégio Allan Kardec e seus alunos, que tinham a mesma idade que você, assistiam e ajudavam com apoio energético.

— E Joana D'Arc teve contato com a Senhora ainda jovem?

— pergunta Felipe, que quer aproveitar cada segundo.

— Que menina inteligente e corajosa! Começamos ostensivamente quando ela tinha menos de 12 anos. Tornou-se uma das maiores generais da história. Com 17 anos, comandava um exército com mais de 4000 homens e venceu uma guerra que se prolongava há mais de cem anos. Por isso o nome de Guerra dos Cem Anos. E é claro que eu dei uma mãozinha... — conclui, sorrindo, ao se lembrar de uma médium tão amada. Conte-me mais alguma coisa da história dela, por favor!

— No começo, ninguém acreditava que ela tinha mediunidade e excelentes guias espirituais. Ela foi falar com o rei para comandar o exército da França. Tanto insistiu que o rei resolveu recebê-la e testá-la.

Quando ela entra no palácio, está acontecendo uma grande festa e o rei se disfarça e coloca outra pessoa no trono. Ela entra e, guiada mediunicamente, é claro, encontra o rei no meio dos convidados e o saúda!

Todos ficam impressionados.

— E ela foi ferida alguma vez nas batalhas?

— Sim. **Eu ajudo, oriento e consolo, mas cada um tem que fazer sua parte.** Foi assim: ela foi avisada, mediunicamente, que

seria ferida com uma flecha, mas que não deveria se preocupar, que tudo ficaria bem. Assim aconteceu, e ela deu um exemplo de coragem para todos.

— Mas ela não poderia ter evitado, já que sabia?

— Muitas coisas são evitadas com a minha ajuda, mas há outras que são importantes testemunhos a serem dados! É como eu disse: eu ajudo, mas cada um tem que vivenciar os ensinamentos do Cristo, superando suas provações.

— Sim, eu entendi. Eu também terei meus testemunhos.

A Mediunidade sorri. É bom ver alguém que não queira extrair dela alguma vantagem egoísta.

— Está ficando tarde. Hora de partir. Eu devo fazer parte do dia a dia das pessoas, mas todos devem cumprir suas obrigações materiais. **O dever é sempre bom conselheiro!** — conclui a senhora Mediunidade, que está radiante com aquele encontro. — Gostaria de vê-la novamente... — Nada mais fácil!

— A senhora estará aqui na próxima semana? — pergunta Felipe, com esperança.

— Certamente nos encontraremos!

— Que maravilha! Vou esperar a Senhora.

Felipe mal se contém de alegria. Agora, sim, sente-se espírita!

Despedem-se.

## NA CASA DE FELIPE

**F**elipe está fazendo o **Culto do Evangelho no Lar** quando a Mediunidade aparece.

— Oi Felipe, vim lhe fazer uma visitinha!

— Mas... A Senhora pode nos visitar em casa?!

— Claro, meu amigo! Principalmente quando tem equilíbrio e oração sincera. Vejo que você faz seu Culto do Evangelho no Lar sozinho, e vim lhe dar um incentivo.

A Mediunidade coloca a mão na testa de Felipe e ele vê alguns jovens de sua idade, que acompanham a sua leitura do Evangelho.

Felipe fica exultante.

— Que legal! Quer dizer que eu não estou só?!

— Exatamente! **Eu multiplico o trabalho e os amigos.**

— A Senhora pode ficar um pouco para conversarmos?

— Sim, vim para isso.

— Eu tava pensando nas histórias que a Senhora me contou. De Joana D'Arc, de Francisco de Assis e de Antônio de Pádua... — diz Felipe, um tanto constrangido.

— Diga, amigo. Estou aqui para conversarmos. É sempre melhor expor o que se pensa do que viver na dúvida ou no erro! — estimula a Mediunidade.

— Eu sei que eu sou médium e espírita. Isso quer dizer que tenho uma grande missão, que ficarei famoso?... É esse o meu caminho?

— É pensando assim que você vai é se dar mal! O caminho da fama mediúnica é o caminho da desgraça! — diz um dos jovens desencarnados, que acompanha o diálogo.

Felipe se espanta.

— Calma, amigo — diz a Mediunidade. Eu lhe explico. Sei que você quer aprender. **Eu não sou perigosa, mas quando alguém me coloca junto com a vaidade ou a ambição, é desgraça na certa. Pouquíssimos médiuns devem ser famosos: um em**

**muitos milhões. Esses vão ficar famosos mesmo sem quererem, e vão sofrer muito com isso. A fama neste planeta é provação duríssima, que eu não desejo para ninguém!**

Após uma pausa, a senhora Mediunidade continua:

— É dever de todo médium não aparecer, não chamar a atenção para si mesmo. É obrigação moral ocultar-se e servir em silêncio. Você entende? Os bons Espíritos, que eu conheço muito bem, se afastam quando o médium quer aparecer. Pra isso ficar mais claro, eu vou ler pra você uma mensagem que o Espírito da Verdade escreveu para os médiuns. É uma mensagem muito séria e sábia. Se eu pudesse, eu a transformaria na **Oração dos Médiuns** — fala a Mediunidade, que tira do bolso um belo exemplar de **O Livro dos Médiuns** e lê o seguinte trecho:

*Todos os médiuns são chamados a servir a causa do Espiritismo na medida de suas faculdades; mas poucos escapam da malícia do amor-próprio. Entre centenas de médiuns, dificilmente é encontrado um que, no início de sua mediunidade, não acreditou estar destinado à realização de uma grande missão.*

*Aqueles que caem na armadilha dessa vaidosa crença — e são muitos — tornam-se presas dos Espíritos obsessores, que os subjagam, alimentando o seu orgulho; e quanto maior é sua ambição, mais miserável será sua queda.*

*As grandes missões são confiadas apenas a escolhidos que são guiados pela Providência — e não por sua vontade — para uma posição na qual suas ações serão mais eficazes.*

*Médiuns iniciantes devem ser extremamente críticos com Espíritos que os elogiam e que exaltam a importância de suas tarefas, porque, se eles levarem a sério esses elogios, colherão decepções tanto no mundo físico como no espiritual.*

*Alertem-se aos médiuns que eles podem realizar um bom trabalho, mesmo nos lugares mais obscuros e nos*

*grupos mais modestos, ajudando a convencer os incrédulos ou consolando os aflitos.*

*Caso a missão do médium seja além de sua limitada esfera de ação mediúnica, ele será guiado de onde estiver a uma esfera mais ampla, por mãos invisíveis, que irão abrir-lhe o caminho e impulsioná-lo adiante, como se diz, apesar dele mesmo. Alerte-se a todos que sigam essas palavras: **Aquele que se exalta será humilhado; e aquele que se humilha será exaltado.***

— *O Espírito da Verdade.*

— Que chocante! Eu conheço tanto médium que vive se promovendo e promovendo os livros que psicografa! — diz Felipe.

— Pois é... — responde, desolada, a Mediunidade.

— Mas eles não fazem isso orientados pelos seus guias espirituais?

— Pelos “guias” que escolheram, sim. Pelos Espíritos superiores, não! — afirma, enfática, a Mediunidade.

— Como a senhora tem tanta certeza?

— Nenhum Espírito superior irá contra as orientações do Espírito da Verdade. Posso garantir!

— Mas quem é o Espírito da Verdade?! — pergunta Felipe, um tanto frustrado. Ele já tinha imaginado sua carreira de médium famoso, de autoridade em assuntos espíritas... Palestras, conselhos, aplausos... Contaria centenas de vezes seus testemunhos... Seria adulado, bajulado...

— Meu amigo, **o Espírito da Verdade é o próprio Cristo. Não te iludas! Se queres a mediunidade como trampolim para a fama, lembra-te: colherás decepções neste mundo e um severo castigo no outro. É o Cristo quem te avisa!**

A explicação não deixa dúvida quanto à seriedade do assunto. Felipe, chocado, enche os olhos de lágrimas... Quantos sonhos de fama mediúnica tinha acalentado...

— Teu guia quer falar-te. Eleva teu pensamento e escuta, querido amigo — afirma a Mediunidade.

Felipe respira fundo, ora e consegue ouvi-lo:

Querido filho, é o amor que nos une! Não estou aqui para te condenar, nem para te julgar. Escuta-me com o coração: a mediunidade é concessão sagrada de Deus, e como muito desejo a tua felicidade, quero que te torne digno dela. Aprende a servir em silêncio.

Para que a fama, se o próprio Criador sustenta o universo sem se auto-promover? Usa tuas faculdades para amenizar o sofrimento e a dor; para receber mensagens elevadas e para distribuí-las aos que querem se elevar. Mas para que colocar o teu nome em capas de livros que não são teus? Adota o anonimato, filho. Foge da loucura humana, que busca a fama vazia e torpe.

Aprende com Jesus a servir em silêncio e acenderás uma luz imortal em teu coração. Estaremos juntos em todos os momentos e terás verdadeiros amigos, os quais a busca do orgulho afastaria de ti.

É momento de decisão; então peço-te: escolhe a mediunidade orientada pelo Cristo. Lamenta e ora, em silêncio, pelos que desmoralizam a mediunidade ao utilizá-la para a fama... Uma terrível justiça os aguarda. Cumpre teu papel de médium anônimo e dedicado e estaremos juntos para sempre.

Chamo-me pai Joaquim.

Felipe chora de tanta emoção.

Graças a Deus ele entendeu, em tempo, o caminho que deve seguir.

Ele olha então para a Mediunidade, com profunda gratidão.

Ela sorri e diz:

— Foi um excelente dia de aprendizado, mas já vou embora, amigo. Despedem-se.

Felipe pesquisa a mensagem de **O Livro dos Médiuns**, citada pela Mediunidade. Encontra-a no **capítulo XXXI, item XV** do livro. Imprime-a e prega-a perto de sua cama.

*“Vou ler essa mensagem todos os dias. Não quero me afastar do Cristo!”* - pensa Felipe.

É uma decisão inabalável.

Seu guia, que o observa em silêncio, chora emocionado.

## OBSERVANDO CERTOS ESPÍRITAS

**N**o sábado, depois de Felipe se deitar, Ivan se aproxima e lhe aplica passes, de forma que Felipe se desdobra com facilidade.

Ivan sorri e diz:

— Veja como foi fácil sair lúcido do corpo! Isso é o resultado de uma semana vivida com equilíbrio.

Felipe abraça o novo amigo.

— Hoje vamos avaliar algumas situações tristes. Não nos cabe julgar; muito menos, condenar ninguém. Estudaremos os problemas com o objetivo de orientar os futuros médiuns. Por isso, nada de condenação. Estamos combinados?

— Sim — responde Felipe, intrigado para saber o que estudaria naquela noite.

Ivan pega-o pela mão e leva-o até uma região sombria. Eles param em frente a uma espécie de boate.

— Vamos entrar. Eles não podem nos ver — explica Ivan.

Em uma mesa no canto, estão sentados o dirigente das atividades mediúnicas e dois médiuns do centro espírita, conversando animadamente. Talvez por causa da presença dos dois, o dirigente lembra-se do ocorrido na aula da juventude e comenta:

— Você acredita que um jovem queria ver fenômenos mediúnicos?

— Mas qual o problema? — pergunta Everaldo, um dos médiuns.

— Ora essa! — diz Ribaldo. A mediunidade revela muita coisa. E se eles descobrem que sempre nos encontramos aqui!?

— E tem mais — acrescenta o dirigente. Quanto mais eles estudarem, mais vão nos questionar e descobrir que há muito não estudamos as obras de Kardec, nem as de Léon Denis. Já pensou que vergonha! Estou pensando até em estabelecer uma idade

mínima para o estudo mediúnico. Talvez tenha sido um erro falar de mediunidade para jovens.

— Idade mínima? — pergunta Everaldo, sem acreditar. Isso é tão absurdo que nem mesmo quem não conhece a Doutrina Espírita aceitará...

— Veremos! Eles são tão tolos que basta ir falando discretamente e, em pouco tempo, vai ter gente dizendo que foi Kardec quem orientou! — diz o dirigente, gargalhando.

— Nisso eu não acredito! Todos sabem que Kardec trabalhou com meninas de catorze anos! — diz Ribaldo.

— Quer apostar? — desafia o dirigente. Kardec, para os espíritos encarnados, não passa de um nome que todos dizem respeitar e não conhecem! — fala, gargalhando.

Felipe está abalado. Ver espíritos tratarem a Doutrina Espírita com tanto desamor e desrespeito o choca. Ivan expressa sua tristeza em seu olhar lúcido e sincero.

— Vamos sair daqui. Já ouvimos o suficiente — fala Ivan.

Saem e vão para um bosque, perto da cidade em que Felipe mora. Ivan ajuda Felipe a se refazer do choque emocional e energético vivido.

— Como pode acontecer isso com trabalhadores espíritos? — pergunta Felipe.

— Infelizmente, eles não são a exceção.

— Mas por que combater a vivência mediúnica?

— Você ouviu a explicação. Quando o Espírito, encarnado ou desencarnado, se acovarda e não enfrenta a si mesmo, não reconhece suas fraquezas e seus defeitos. Ele não se esforça para superá-los, se animaliza e quer se esconder cada vez mais.

Ante o olhar perplexo de Felipe, Ivan conclui:

**— Eles combatem a mediunidade porque a vivência mediúnica cristã os impulsionaria a se tornarem melhores; teriam que admitir seus defeitos e lutar para superá-los.**

— Mas ter que enfrentar as próprias fraquezas e medos não é apenas para Espíritos muito evoluídos? Não é exigir muito deles?

— Não. Nós não esperamos que os Espíritos da Terra sejam santos. Isso seria um erro. Queremos apenas que eles se

disponham, honestamente, a assumir seus defeitos, esforçando-se para superá-los. Se eles agissem assim, nós poderíamos ajudá-los e muito.

— Como eu posso ajudá-los? — pergunta Felipe, angustiado.

— Orando por eles. No momento, não é possível avisá-los. Eles fecharam as portas que temos para socorrê-los. No último aviso que fiz, na reunião mediúnica, fui classificado como mistificador. Quando inspirei um trabalhador a alertá-los, eles o expulsaram do grupo. Eles caminham para um desequilíbrio profundo, e o pior é que induzem muitos a isso com pensamentos infelizes, claramente contrários ao Cristo e a Kardec.

Ivan olha Felipe nos olhos e diz:

— Contamos com você para alterar essa situação!

— Como?

— De nada adiantariam discussões inúteis ou polêmicas estéreis. Queremos que você os conteste, sem agressividade, por meio de uma conduta espírita-cristã, inclusive em relação à mediunidade.

Ivan silencia e, em seguida, pergunta:

— Você aceita?

— Aceito.

— Ótimo. Vamos conhecer outros jovens que também aceitaram esse desafio. São muitos, você se surpreenderá!

Partem.

Aproximam-se de um imenso castelo que tem, no portão de entrada, a seguinte inscrição:

Colégio Allan Kardec

Felipe, ao ler o nome do colégio, emociona-se. É a escola fundada por Eurípedes Barsanulfo, um Espírito que ele ama profundamente.

Ivan, percebendo a emoção de Felipe, afirma:

— Amigo, hoje começa um bom trabalho. **Aprenderás o quanto é valiosa a virtude. Uma vida equilibrada e de renúncia nos abre as portas de aventuras e belezas sem fim.**

Entram pelo imenso portão e percorrem uma estrada florida até um auditório a céu aberto, que se localiza à direita do castelo.

Alguns milhares de jovens estão sentados, em silêncio. Os dois se sentam e Ivan explica:

— Assistiremos à aula inicial, que será dada por Eurípedes Barsanulfo. Fiquemos em silêncio. Um encontro com Eurípedes é sempre um momento especial.

Após alguns minutos, Eurípedes, que está sentado em uma pequena elevação do jardim, levanta-se, cumprimenta a todos e faz a prece inicial:

*Senhor, graças Te dou porque permites nos reunirmos com estes jovens, que tão árduas missões devem executar no mundo.*

*Ajuda-me a lhes ensinar que a mediunidade deve ser vivida santamente e com autenticidade, devotamento e humildade.*

*Permita, Pai, que cada um deles tenha a coragem de enfrentar a si mesmo e de se tornar digno do exercício mediúnico, orientado por Jesus.*

O ambiente está envolto em luz e paz.

O professor de Sacramento se projeta, de forma a ser visto claramente por todos que ali estão.

— Amigos, irmãos! — fala Eurípedes, olhando nos olhos de cada um, com seu olhar penetrante, repleto de austeridade, ternura e carinho. Em seguida, ele continua: Não se enganem: é necessário que vocês passem por duras provas! Apenas enfrentando o sofrimento, se tornarão fortes. Apenas se tornando fortes, saberão serem verdadeiros cristãos! Se estas palavras chegam a vocês, é porque vocês já têm condições de assumir um importante compromisso com o Cristo!

Eu lhes acompanharei até a suprema vitória espiritual e não lhes quero ver envolvidos nas sombras da sexualidade desregrada, nem de outros infelizes vícios. Vocês serão os construtores da sociedade nova, anunciada pelo jovem da Galileia.

Assim Ele quer. Assim será!

Essa escola lhes acolhe como valorosos trabalhadores de Jesus. Não utilizem, jamais, seu aprendizado para satisfazer à vaidade, à malícia ou aos vícios.

Os que optarem por uma vida animalizada, serão excluídos de nossos cursos. **Aqui não se atiram pérolas aos porcos!**

Aos que viverem a mediunidade como testemunho vivo do poder de Deus e da imortalidade, lhes serão concedidas alegrias e ensinamentos que, hoje, vocês não podem sequer imaginar.

Ao término dos três primeiros anos de curso, vocês conhecerão os apóstolos do Cristo, que querem lhes ensinar a sublime arte de servir.

No futuro, para o discípulo digno, se abrirão as portas dos mundos superiores, para que ele aprenda como melhor servir na Terra.

**Sinceridade absoluta** é a nossa palavra de ordem. Basta de falsos profetas no seio do Consolador! Não queremos os combates tolos, queremos a vivência diária de devotamento e de abnegação.

Suas faculdades mediúnicas se ampliarão, suas responsabilidades também. Vocês não devem estar entre os jovens animalizados do mundo! Vocês devem se preparar para socorrê-los no mundo e nas reuniões mediúnicas. É o seu dever!

O momento é chegado!

Estudem e vivam: não lhes faltará proteção!

Eurípedes silencia.

Todos choram, discretamente.

Por fim, com uma voz poderosa, forte como um trovão, Eurípedes conclui:

Nos últimos dias, com o poder de meu Espírito, impulsionarei a espiritualização de todos que estão na carne; filhos e filhas de meu coração profetizarão: jovens terão visões; anciãos, sonhos. Não duvidem: no fim dos tempos da maldade, aqueles que me seguem profetizarão em abundância. Tudo que vocês precisam saber lhes foi dito. O Cristo nos ampara. A vitória pertence a Deus e a Seu enviado, que os convoca ao trabalho junto ao Consolador.

Felipe acorda, banhado em lágrimas. Em seguida, lê a **Mensagem aos Médiuns** do Espírito da Verdade.

Levanta-se.

É segunda-feira, dia de aula.

Na quarta-feira, Felipe recebe um convite para uma festinha “daquelas”, no fim de semana, em que todos vão para o sítio de um amigo e não vai o pai de ninguém. Vão no sábado pela manhã e voltam no domingo, à tarde.

Felipe lembra-se do compromisso com Ivan no fim de semana. É o dia de suas aulas no Colégio Allan Kardec. Mas resolve ir, mesmo assim. “Afinal, é só uma festa” — pensa ele, tentando se convencer.

Na sexta-feira, acorda um tanto estranho. Sente que há alguma coisa errada. À noite, arruma suas coisas. Está empolgado com o fim de semana.

“Vai ser muito legal!” — pensa.

Filipe adormece pensando na festa do dia seguinte. Churrasco, muita cerveja, as meninas...

Ao acordar, levanta-se e escuta uma voz enfática, sem saber a origem. Ela diz: **“Aqui não se atiram pérolas aos porcos!”**

Lembra-se do dirigente e dos dois médiuns que viu em desdobramento e pensa: “Estou indo pelo mesmo caminho... O que vou fazer? Está tudo marcado!” Ele está indeciso. Então ora, pede ajuda de seu guia espiritual e tem uma clara intuição do que deve fazer. Liga para os amigos, fala que teve um imprevisto e que não vai para a festa. Felipe troca a farra por um bom filme, que foi ver com os amigos que ficaram, e vai dormir em paz.

## A PRIMEIRA AULA

**F**elipe sai do corpo e encontra Ivan, que lhe abraça, sorrindo.

— Que bom que você está aqui!

Ele entende o que Ivan quer dizer e abraça-o, feliz. Sua decisão foi uma importante vitória, como ambos sabem.

— Vamos assistir a uma reunião mediúnica do centro que você frequenta — afirma Ivan.

— Como? Agora?

— Assistiremos à gravação da última reunião, ocorrida há três dias — explica Ivan.

Dão-se as mãos e transportam-se até o colégio Allan Kardec. O colégio é um lindo castelo com torres altíssimas, uma entrada majestosa e um imenso jardim. O caminho que vai do portão à porta do castelo é formado por flores de diversas cores, que exaltam um maravilhoso aroma. Ao observar a curiosidade de Felipe, Ivan explica:

— Esse caminho ajuda a melhorar a vibração espiritual dos alunos, antes que entrem no interior do castelo; mas, os que chegam aqui excessivamente carregados de paixões inferiores, sentem profundo mal-estar e nunca conseguem atravessar esse caminho. Muitas vezes eles acordam com forte sensação de vômito e suando muito. Alguns pensam que estiveram em uma região inferior quando, na verdade, estiveram em contato com a inferioridade que cultivaram em si mesmos.

Felipe fica com medo.

— Não temas. Hoje estamos bem e amanhã deveremos estar ainda melhores — fala Ivan, para tranquilizá-lo.

— Você tem certeza?

— Talvez sinta um pouco de tontura no início do caminho; afinal, assimilou alguns fluidos da festa. Mas é possível percorrermos o caminho, vencendo os obstáculos — conclui Ivan.

Ao iniciar o caminho, Felipe começa a suar muito e a tremer. Olha então para o Ivan, que demonstra sentir grande bem-estar.

— Por favor, ajude-me.

— Calma, é apenas a ressaca que você desejou. Continue e em breve ela passará.

Felipe sente-se mal, treme, não aguenta e cai ao lado de Ivan, que o ampara e olha com carinho. Ele aguarda que seu organismo espiritual elimine os tóxicos assimilados. Passam-se alguns minutos. Felipe acorda com Ivan enxugando sua testa.

— Vamos, amigo, senão nos atrasaremos!

Felipe já se sente melhor. Ele se levanta e um incrível bem-estar invade todo seu corpo espiritual. Sente-se leve, feliz.

— A ressaca era sua, não seria justo tirá-la. Agora que você conseguiu superá-la, é a hora do trabalho.

Percorrem o caminho, sentindo o aroma variado das flores, escutando uma música de beleza indescritível, observando o colorido das árvores, os desenhos dos diversos jardins que rodeiam o castelo e a beleza dos astros, pois, apesar de o castelo ser sempre iluminado, a iluminação nunca ofusca as estrelas.

“Percorrer aquele caminho vale todos os sacrifícios!” — pensa Felipe.

Ivan, captando os pensamentos de Felipe, brinca:

— Não se emocione tanto, estamos apenas começando.

Chegam à porta do castelo, que está sempre aberta. Entram. O interior do castelo é deslumbrante. No centro do térreo, tem uma recepção com uma mesa circular e, para cada raio do círculo, existe um corredor que dá acesso às amplas escadas, que conduzem aos vários andares do colégio. Apenas na direção da porta de entrada não há escadas e sim dois elevadores, um em cada lado.

Tudo é amplo, organizado e artisticamente integrado. As amplas escadas possuem formas e estilos diferentes, que se integram harmonicamente. A iluminação dos corredores tem uma tonalidade levemente diferenciada.

— O interior do castelo é uma obra de arte, que apenas ao longo dos anos vamos captando de forma completa — afirma Ivan, ao ver o deslumbramento de Felipe.

Em seguida, afirma:

— Hoje estudaremos a postura mental dos espíritas em uma reunião mediúnica. Após cumprir um currículo básico de estudos, você terá acesso às variadas aulas que o colégio oferece e montará seu próprio roteiro de estudo. Nesta semana e na próxima, deveremos finalizar seu estudo inicial. Vamos pra sala, pois nosso estudo começa em trinta minutos. Eurípedes é sempre pontual.

— Veremos Eurípedes hoje?

— Não, mas tudo aqui é reflexo do psiquismo superior do mestre de Sacramento; por isso, devemos honrar sempre a oportunidade de estar aqui. É necessário comparecer, pelo menos, quinze minutos antes do início de cada atividade, embora o ideal sejam trinta — conclui Ivan.

Seguem pelo corredor da direita. Andam três lances de escadas, param em frente à porta e, antes de entrarem, Ivan comenta:

— É impossível, para um Espírito com pensamento inferior, subir estas escadas. No primeiro lance de escadas, ele sentiria um profundo cansaço; no seguinte, uma angústia e depressão intensas; e, caso conseguisse ultrapassar o segundo lance, eclodiriam em sua mente todos os seus erros do passado, o que é insuportável para todos os Espíritos pouco evoluídos.

Apesar do olhar admirado de Felipe, Ivan continua:

— Digo isso para que entendas a afirmação de Eurípedes na aula inaugural. Quando ele disse que aqui não se atiram pérolas aos porcos, isso é um fato. Não tente ir além do terceiro andar; ninguém irá lhe impedir, mas seria desastroso. **Aceitar as próprias imperfeições é a segunda lição desta escola, e ela nunca deve ser esquecida!**

Ivan abre a porta.

Entram em uma sala, que tem centenas de jovens.

— O silêncio antes das aulas é a melhor maneira de se preparar para aprender — diz Ivan, baixinho.

Sentam-se e ficam ambos em silêncio.

“Nunca imaginei que tantos jovens tivessem os mesmos interesses que tenho!” — pensa Felipe.

O ambiente está inundado por uma música suave, mas só ouvem os que sabem ficar em silêncio interior. **Em tudo, o mérito do esforço próprio. É a terceira lição.**

Na hora exata da aula, o professor levanta-se e faz a prece inicial:

*Amado Mestre Jesus, obrigado por tua companhia nos momentos angustiosos da vida. Seja na vida material, seja na vida espiritual, Tu sempre nos ampara e acolhe.*

*Ampara os extraviados que optaram em não estar aqui conosco, ensina-nos a misericórdia para que possamos ajudá-los em seus descaminhos e, mesmo que momentaneamente eles neguem o Teu amor, que possamos ajudá-los a Te encontrar.*

*Sabemos, Mestre, que apenas a misericórdia que se transforma em serviço ao próximo pode nos salvar de nós mesmos. Te rogamos: ajuda-nos e permita que trabalhemos em Tua seara, para que benditos sejam os nossos destinos ao Teu lado!*

Após um momento de silêncio, diz:

— Sejam bem-vindos! Chamo-me José. Hoje estudaremos o comportamento dos espíritos nas reuniões mediúnicas. Embora, certamente, existam exceções, a reunião que estudaremos representa a realidade das casas espíritas em que o estudo da Codificação é relegado ao segundo plano. Fiz observações semelhantes, ainda quando encarnado, mas, ao desencarnar, constato que a situação é mais grave do que eu pensava.

Felipe, que lera alguns de seus livros, está exultante.

Inicia-se a projeção da reunião mediúnica do centro espírita que Felipe frequenta. São dez pessoas, sentadas ao redor de uma mesa, em aparente estado de concentração.

Todos veem os pensamentos dos encarnados e a movimentação dos Espíritos ao redor do grupo. Felipe fica estupefocado. Dos dez participantes, apenas um estava, de fato, concentrado, e outro tentava sinceramente concentrar-se!

Os outros, inclusive o dirigente, geravam verdadeiro turbilhão negro sobre suas cabeças. Metade do trabalho da equipe espiritual é dedicado aos trabalhadores despreparados. É possível ver os pensamentos originados pelos médiuns. Alguns não conseguem desviar seus pensamentos de desejos sensuais, outros pedem benefícios apenas para os seus familiares, outros se perguntam se deveriam estar na reunião e dois emitem pensamentos infelizes a respeito de outros participantes.

É difícil dizer qual o quadro mais desolador, se o dos desencarnados que iriam ser socorridos ou o dos trabalhadores. O esforço do dirigente espiritual para se aproximar do dirigente encarnado é de verdadeira abnegação, pois o choque energético que sofre é imenso.

Após o início da reunião, a projeção é suspensa.

— Essa observação é suficiente para abordarmos o tema de nosso estudo: **Mediunidade: faculdade diária e eterna**. O que seria necessário para que nossos irmãos estivessem melhor preparados para a atividade mediúnica? — questiona o professor.

— Que tivessem organizado o seu dia de forma a evitar excessos de estresse — diz um jovem, que está perto de Felipe.

— Que evitassem pensamentos grosseiros, ao longo do dia — responde outro.

— Que no dia da reunião cuidassem da alimentação, não comessem carne e nem trabalhasse muito — acrescenta outro.

— Observem que temos aqui um grave problema — diz José, que sorri e continua: Todos se preocuparam com tudo o que vocês falaram. Os médiuns que vocês viram tiveram todos esses cuidados: mas somente no dia da reunião! Comer carne é uma evpreocupação menor; na verdade, insignificante. O que se deve evitar é ir a uma reunião mediúnica ou a uma aula importante com o estômago cheio de alimentos, porque isso dificulta a concentração. Quanto ao trabalho, isso eu posso garantir, quanto mais trabalho equilibrado, melhor! Trinta minutos de concentração e de prece antes da reunião refazem o desgaste do dia. **O grande problema é que a maioria dos médiuns pensa em se preparar apenas no dia da reunião!**

Analisemos o caso do Everaldo.

Nesse momento, uma projeção apresenta a síntese da semana do médium, incluindo seus desdobramentos e suas relações no plano espiritual inferior. Algumas cenas são asquerosas, pois as entidades que com ele se afinam têm feições animais e compartilham com ele prazeres lamentáveis.

— Vocês acham que um dia de boa vontade espiritual é suficiente para que nosso irmão esteja preparado para o trabalho? — pergunta José.

O silêncio expressa o espanto de todos.

— É fundamental entender que equilíbrio moral e emocional não se inventa, nem se adquire em um dia. Quem quiser vivência mediúnica produtiva e interiormente satisfatória, deve aprender a sacrificar-se diariamente. Se não sacrificar a animalidade, o orgulho e a vaidade, estará em situação semelhante à que estudamos.

O professor pega então o **Livro dos Espíritos**, abre-o nas questões 466, 467, 468 e 469. Elas são projetadas por trás do professor, no momento em que ele as lê.

**466. Por que permite Deus que os Espíritos nos incitem ao mal?**

**R. Os Espíritos imperfeitos são os instrumentos destinados a experimentar a fé e a constância dos homens no bem. Tu, sendo Espírito, deves progredir na ciência do infinito, e é por isso que passas pelas provas do mal até chegar ao bem. Nossa missão é a de te pôr no bom caminho, e quando más influências agem sobre ti, és tu que as chamas, pelo desejo do mal, porque os Espíritos inferiores vêm em teu auxílio no mal, quando tens a vontade de o cometer; eles não podem ajudar-**

***te no mal, senão quando tu  
desejas o mal. Se és inclinado ao  
assassínio, pois bem! terás uma  
nuvem de Espíritos que  
entreterão esse pensamento em  
ti; mas também terás outros, que  
tratarão de influenciar para o  
bem, o que faz que se reequilibre  
a balança e te deixe senhor de ti.***

*É assim que Deus deixa à nossa consciência a escolha da  
rota que devemos seguir, e a liberdade de ceder a uma ou a outra  
das influências contrárias que se exercem sobre nós.*

**467. Pode o homem se afastar da  
influência dos Espíritos que o  
incitam ao mal?**

**R. Sim, porque eles só se ligam aos  
que os solicitam por seus desejos  
ou os atraem por seus  
pensamentos**

**468. Os Espíritos cuja influência é  
repelida pela vontade do homem  
renunciam às suas tentativas?**

**R. Que queres que eles façam?  
Quando nada têm a fazer,  
abandonam o campo. Não  
obstante, espreitam o momento  
favorável, como o gato espreita o  
rato.**

**469. Por que meio se pode neutralizar  
a influência dos maus Espíritos?**

**R. Fazendo o bem e colocando toda  
a vossa confiança em Deus,  
repelis a influência dos Espíritos  
inferiores e destróis o império**

***que desejam ter sobre vós. Guardai-vos de escutar as sugestões dos Espíritos que suscitam em vós os maus pensamentos, que insuflam a discórdia e excitam em vós todas as más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, porque eles atacam na vossa fraqueza. Eis porque Jesus voz faz dizer na oração dominical: "Senhor não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal!"***

Após a leitura, o professor comenta:

— A clareza das explicações não deixa dúvida que a sintonia espiritual é construção diária, e não dá para ser improvisada na hora da reunião mediúnica. Por favor, dividam-se em grupos com quatro participantes. Peço que compartilhem as suas dificuldades para chegar nesse curso. A experiência de cada um de vocês é um exemplo de vivência mediúnica.

Abrem-se as laterais da sala e vemos duzentas pequenas salas com uma mesa e quatro cadeiras.

Aleatoriamente, formam-se os grupos. O grupo de Felipe é composto por dois jovens, Abelardo e Cirilo, e uma jovem, Alessandra.

Abelardo inicia:

— Para mim, iniciar a minha espiritualização custou o namoro — fala, bem-humorado.

— Conte melhor essa história — pede Alessandra.

— Bem, minha namorada decidiu que a sua vida na Terra deveria ser um parque de diversões. Todos os fins de semana deveriam ser de festas e bebidas. Sei que reencarnamos para constituir uma família, mas, com o tempo, fomos nos distanciando... Enquanto eu ia ao centro espírita, ela programava

suas saídas... Depois de alguns anos, mesmo gostando dela, terminei o namoro. Não tinha como dar certo, vocês não acham?

Todos concordam, mas lamentam o pesado sacrifício.

— E agora eu estou aqui. Quem sabe papai do céu não dá uma força e eu arranjo outra namorada — diz, brincando, para aliviar o clima.

Todos riem.

Felipe conta a história do churrasco.

— Eu comecei assim e por pouco não termino com uma overdose! — fala Cirilo, ao que todos ficaram chocados.

— É verdade? — pergunta Felipe, olhando para Cirilo.

— Sim, olhe meus braços. Cheguei a aplicar na veia!

— Como você conseguiu se recuperar? — pergunta Alessandra.

— Minha mãe se afastou de tudo, por dois anos, só para tentar me salvar. Fiz tratamentos em várias clínicas, além de ter recebido ajuda de um centro espírita, que tem uma sala mediúnica especializada em ajudar jovens viciados. Além da ajuda clínica, recebi muitos medicamentos espirituais e sofri várias operações mediúnicas. Hoje, estudo mediunidade e quero fazer psiquiatria para ampliar esse tipo de trabalho. Não posso esquecer que ainda existem milhares que necessitam desse tipo de ajuda. **Quero estimular a ligação entre as boas orientações psiquiátricas e o amparo espiritual direto para amparar as pessoas** — conclui Cirilo.

— No meu caso, o alcoolismo de meu pai foi a maior dificuldade para chegar até aqui. Em casa, vivo uma verdadeira batalha diária. Tenho aprendido a amar meu pai, a ajudá-lo e, ao mesmo tempo, proteger-me dos inúmeros Espíritos que frequentam meu lar, por conta da conduta dele. Desenvolvi o hábito de fazer o Evangelho no Lar diariamente. Assim, tenho socorrido muitos Espíritos e evitado uma tragédia maior em minha família. Estou no meio desse processo e tenho aprendido a manter boa sintonia — conta Alessandra.

Apesar dos relatos difíceis, o ambiente é de alegria. Todos já tinham obtido importantes vitórias.

Nesse momento, foi solicitado que cada grupo elaborasse uma coreografia ou um teatro de mímica, que representasse as histórias compartilhadas.

Enquanto se elabora a expressão artística, o salão é organizado em miniteatros, em que cabem quarenta pessoas, as quais são orientadas por dois assistentes, que comentam as apresentações.

Os espetáculos são comovedores. **Não há dúvida: ninguém cresce espiritualmente sem superar obstáculos externos e, também, superar a si mesmo.**

Ao término, o professor comenta as apresentações e nos propõe que, durante a semana, ajudemos um amigo a entender melhor a imortalidade. Fala que deseja encontrar todos no próximo final de semana e alerta que, dos 1060 jovens da aula inicial, que deveriam estar conosco, apenas 602 estão presentes. Os demais escolheram outros caminhos e terão que viver as consequências de sua escolha.

Após a prece final, todos vão ao jardim conversar e se divertir.

Ao acordar, Felipe lembra apenas de uma parte dos acontecimentos, pois não tinha se preparado adequadamente. Sente, de qualquer forma, uma intensa paz, e tem confiança de que, no futuro, conseguirá uma lembrança mais completa.

## NA ESCOLA

**N**a segunda-feira, o assunto é o churrasco. Felipe sente um pouco de inveja, mas se dá conta que, em poucos dias, aquela experiência seria esquecida, enquanto que seu aprendizado tem valor eterno. Em silêncio, ele agradece a Deus por tudo o que tem aprendido.

A semana é de muito estudo. É final de semestre, e a semana seguinte é de provas. Felipe dorme menos para dar conta de estudar tudo e, ansioso, come muito. Fica, assim, preocupado que isso possa atrapalhar sua preparação para o curso do fim de semana.

Na quarta-feira, em seu **Evangelho no Lar**, pede ajuda aos bons Espíritos, pois precisa preparar-se para as provas, mas não quer se desarmonizar e perder o curso.

Depois da prece, vê a senhora Mediunidade, sorrindo ao seu lado.

— Que surpresa maravilhosa ver a Senhora aqui! — diz Felipe, falando alto.

— Por que a surpresa?

— Com uma semana tão atarefada, achei que não teria condições de vê-la!

— Estou sempre por perto. O problema não é ser muito atarefado.

O problema é quando as intenções envolvidas em uma ocupação são inferiores.

— Não entendi...

— Quando a pessoa trabalha 6 ou 8 horas por dia por ganância, simplesmente para ter mais, isso irá desequilibrá-la. Se ela trabalha 16 horas por dia para ajudar quem sofre, isso irá espiritualizá-la e será fonte de paz e alegria interior. Entendeu?

— Mas é possível alguém trabalhar 16 horas por dia!? — comenta Felipe, assustado.

— Sim, sem problemas! **O médium deve ter seus afazeres materiais e espirituais, mas ambos devem ser direcionados para a sua espiritualização.** O médico ou o professor que, mesmo recebendo remuneração, prioriza, emocionalmente, o bem-estar daqueles que assiste, está se espiritualizando. O médium jamais pode receber remuneração, nem ter nenhum tipo de vantagem indireta de seu trabalho, mas também deve priorizar servir sem exigir. Cada atividade tem suas regras, que devem ser obedecidas. Ambas devem ajudar na evolução espiritual.

— Só não entendi essa coisa de vantagem indireta...

— Digamos, por exemplo, que o médium ajude na orientação de uma pessoa. E ela, por gratidão, ajuda-o a ser promovido em seu emprego ou evita que ele pegue uma fila de atendimento em um serviço público. É uma vantagem pessoal, obtida por causa do trabalho mediúnico realizado pelos Espíritos, e não pelo médium. Muitas vezes, isso acontece de forma sutil; mas uma coisa é certa: se isso é constante, os Espíritos superiores se afastam.

— Entendi. Isso é muito sério!

— É sim... Bom, eu tenho que ir agora, meu amigo; mas tenho um recado de seu guia espiritual.

— Qual? — pergunta Felipe, pensando se seria uma dica para as provas.

— Ele orienta que você estude uma hora a mais por dia as duas matérias em que tem mais dificuldade.

— Ah... Sei...

Felipe está decepcionado

— Felipe — diz a Mediunidade, olhando-o nos olhos — **só os tolos tentam a vitória por meios fáceis. E tudo que conseguem são decepções e desgraças!**

— Ainda bem que tenho um bom Espírito amigo! Diga-lhe que seguirei o conselho. Afinal, não tem jeito... — diz Felipe, agora sorrindo.

A Mediunidade emociona-se. Felipe é a prova de que existem jovens que não querem o caminho das facilidades ilusórias.

— Você não se arrependerá! — diz a Mediunidade, ao se despedir.

Felipe finaliza seu Evangelho no Lar e vai estudar.

Sexta-feira, dia de ir a barzinhos e festas. Felipe fica em casa, lendo e escutando música, apesar dos convites dos amigos. Sabia que acabaria sendo chamado de esquisito! Não era “normal” que ele não saísse no fim de semana para se divertir. Ele está lendo o livro **Memórias de um Suicida**, da médium Yvonne do Amaral Pereira. É uma experiência mais forte e mais radical do que seus amigos jamais poderiam imaginar.

No sábado, dorme até tarde. Ajuda em algumas coisas em casa, estuda e vai jogar bola. No fim do dia, está exausto. Mais uma vez, recusa-se a ir a uma festa na casa de um amigo, pois já sabe como seria.

Opta, então, por cultivar a paz em seu coração.

## A INICIAÇÃO

**A**o dormir, logo encontra Ivan, ao seu lado.  
— Espero que o jogo não lhe tenha cansado muito — diz Ivan, bem-humorado.  
— Você estava lá? — pergunta Felipe, impressionado.  
— Eu até ajudei no último gol, mas não atrapalhei o time adversário — explica o amigo espiritual.  
— Então seremos parceiros de futebol!?  
— Negativo. Eu apenas dei uma mãozinha, ou melhor, um pezinho. Na verdade, eu estava lá para prepará-lo para a aula de hoje. Vamos?

Ambos vão então até a entrada do colégio Allan Kardec. Ao pararem no portão, Felipe lembra-se do fim de semana anterior e olha para Ivan, que lhe diz:

— Vá, entre primeiro. Estarei aqui esperando um amigo. Caso precise, me chame.

Felipe treme. Fica amarelo, branco, azul...

— Você está ficando com mais cores do que as flores do jardim. — brinca Ivan, e então explica com convicção: Não tenha medo! O caminho da evolução espiritual é sempre o da conquista da autonomia.

Felipe decide entrar.

“O pior que pode acontecer é eu morrer e, se morrer, já fico por aqui mesmo...” — pensa Felipe, para criar coragem.

Ao iniciar o caminho, sente uma paz intensa. As flores e o céu estão ainda mais belos do que da outra vez. Ganha confiança, atravessa o jardim, entra no castelo e apresenta-se na recepção. Após identificar-se, a recepcionista fala:

— Sala 27, segundo andar, professor José. A aula começa em 40 minutos.

— Aqui existe biblioteca?

— Existe uma biblioteca em cada andar; desde que você consiga chegar lá, pode ler e consultar o que quiser. Aproveite seus 10 minutos — responde, simpática, a recepcionista.

— Só mais uma pergunta... Que dia eu posso vir consultar a biblioteca?

— Aqui todo o conhecimento está acessível a todos, desde que ajam com dignidade. Funcionamos sempre. Atendemos Espíritos de todos os continentes e visitantes de outros planetas. Estudamos desde astronomia até sociologia espírita — explica a recepcionista que, em seguida, diz: Após a aula de hoje, você receberá todas as instruções e, desde que — diz ela com ênfase — mantenha seu programa de espiritualização, poderá escolher os próprios cursos e vir aqui todos os dias.

Felipe está exultante: “Poderei estar aqui sempre que eu quiser!”

— Sim, certamente. Vá conhecer a biblioteca. Fica no fim deste corredor — falou a atendente, respondendo ao seu pensamento.

Felipe a olha, com espanto, ao que ela responde:

— Aqui nós também aprendemos a ler pensamentos. — explica, sorrindo.

Felipe agradece e vai conhecer a biblioteca, caminhando rapidamente. Ao abrir a porta, para, impressionado. Como aquilo seria possível? Nunca viu uma biblioteca tão vasta.

A iluminação de cada seção é diferenciada e os livros também. Deve ter umas três mil pessoas ou mais ali. Gente de todos os lugares do mundo. E de todas as épocas! Alguns jovens vestem-se como essênios, outros romanos, egípcios... Nas prateleiras, livros diferentes: pergaminhos, papiros, livros comuns, eletrônicos... “Como pode tudo isso?” — pergunta-se Felipe, ao caminhar entre os livros.

Lembra-se então de Ivan e de que ele deve lhe explicar tudo mais tarde. Ao se lembrar dele, lembra-se também da aula. Olha para o relógio e pensa: “Faltam 29 minutos para o início da aula. Eu já deveria estar na sala”. Felipe vai então para a sala 27.

O professor José recebe os alunos na entrada da sala, com grande simpatia. Felipe cumprimenta-o e entra. Aproveita para

orar e elevar sua sintonia. Desligando-se de qualquer distração, relaxa profundamente.

Ao ouvir a prece do professor, dá-se conta de que sua percepção está diferente. Sente medo, mas ao ver que Ivan está ao seu lado, tranquiliza-se. Ivan explica:

— **Os poderes do Espírito são quase ilimitados. Só Deus possui mais poderes do que nós e Ele quer que sejamos fortes e sábios. Não tema: os corajosos crescem.** Observe a prece do professor e depois volte ao seu estado normal de consciência.

Felipe olha para o professor e vê uma luz tão intensa e de tantas cores que fica deslumbrado: é como se muitos sóis, de cores variadas, estivessem ao redor de sua cabeça.

Após a prece, abre os olhos e observa o professor, agora sem tantas luzes. “Que interessante, mesmo no plano espiritual podemos ampliar nossa capacidade de perceber a realidade!” — pensa Felipe.

O professor começa a aula:

— Hoje vamos estudar a reação dos encarnados ante algumas manifestações mediúnicas. Este será o nosso tema hoje: **O MEDO DE NOSSOS FANTASMAS INTERIORES.**

É projetada a mesma reunião do estudo anterior; contudo, é apresentado o desenrolar de toda a reunião mediúnica. Além das energias emanadas dos encarnados, é possível ver as imagens mentais que as comunicações produzem em cada um dos participantes.

Uma comunicação chama a atenção.

O Espírito comunicante pertencia às zonas inferiores do mundo espiritual. Foi um cruel e poderoso senhor de escravos no mundo e ainda possuía muito poder, apesar de estar desencarnado há mais de mil anos.

A história não é nova. O que estarrece a todos é ver as reações dos participantes da reunião mediúnica. O pavor, apesar de disfarçado externamente, é inegável. A presença daquele Espírito evoca lembranças e sentimentos que os encarnados querem esquecer, mas não conseguem; pelo menos não no nível espiritual.

Após a projeção, o professor afirma:

— Teremos uma experiência que desvelará para nós a intimidade de uma pessoa. **É imperioso agir com ética no trato com os fenômenos mediúnicos. Quem não souber respeitar com dignidade e discrição a intimidade do outro, não será aceito nos trabalhos com os bons Espíritos.** Peço respeito e atenção. Realizaremos uma regressão de memória em um dos médiuns da reunião. Vocês podem, telepaticamente, enviar perguntas. Os que ainda não conhecem a comunicação telepática, devem fazer as perguntas depois de encerramos a regressão.

Nesse momento, entra na sala o médium, amparado por dois Espíritos. Ele se deita em um sofá, em frente ao professor.

José faz uma prece e o induz a se lembrar da reunião mediúnica que assistimos. Seu rosto é projetado em uma grande tela, de modo que possamos acompanhar suas expressões faciais detalhadamente.

O professor pede-lhe que narre a comunicação com o senhor de escravos. Depois que ele finaliza sua narrativa, indaga:

— Por que você tem tanto medo desse tipo de manifestação?

— Eu... Eu... — balbucia Everaldo.

— Nesse momento, você está seguro, entre pessoas que sempre lhe respeitarão. É preciso que você exponha seus medos para que consiga superá-los. Conte-nos porque você tem tanto medo — fala, tranquilamente, o professor.

— Eu temo voltar para lá... Eu não quero mais essa vida... Não quero mais, sofri muito...

— Se você não quer voltar mais, por que temer? Você não sabe que está seguro em um centro espírita? — fala o professor, expressando a pergunta telepática de um aluno.

— É... Eu quero e não quero... Eu não quero, mas tenho ainda impulsos, ligações, vontade de dominar os outros, de ser autoritário. A presença deste Espírito desperta essa vontade em mim. Por isso, eu temo tanto...

— Então você acha que os bons Espíritos que dirigem a reunião mediúnica não deveriam trazer esse tipo de Espírito para se comunicar? — outro aluno questiona, por meio do professor.

— Sim, é isso! Não se deve estimular esses sentimentos! Eu já tenho tantos problemas! Não entendo porque eles fazem isso... Assim vou acabar voltando para lá... — explica o médium, com revolta e medo.

— E por que os Espíritos fazem isso?

— Não sei... Deve ser coisa dos obsessores... — tenta explicar o médium.

— Não é coisa de obsessor; mas, mesmo que fosse, só poderia acontecer se fosse permitido pelos Espíritos que comandam a reunião. Por que eles permitem isso?

— Não sei... Não sei... — fala, baixinho, o médium.

— Sim, você sabe. Diga-me, diga-me! Por quê? — insiste o professor.

O médium começa a chorar e a ter convulsões. O professor, tranquilamente, aplica-lhe um passe. Ele se acalma. O professor concentra-se e ordena:

— Diga-me!

— Eles querem, eles querem... Os bons Espíritos querem que eu enfrente os meus medos, meus complexos de culpa... Não! Eu não quero! — grita, desesperado.

— Qual a relação entre enfrentar os seus medos e complexos interiores e a comunicação mediúnica? — pergunta, telepaticamente, Alessandra. Tudo!... Tudo!... Eles fazem que eu me lembre de meus conflitos. e, assim, forcem-me a ver quem eu sou. Eu não quero! Eu não quero saber quem eu sou! — grita, de forma estridente.

Felipe quer fazer uma pergunta. Poderia tentar, mas nunca tinha feito uma pergunta telepática em uma situação como aquela. Então concentra-se no que quer perguntar.

— Explique melhor: quais seriam as consequências de você enfrentar a si mesmo? — fala o professor, fazendo a pergunta de Felipe.

José olha para Felipe e sorri. No colégio Allan Kardec, as conquistas espirituais de um aluno, por menor que pareçam, são o maior motivo de alegria. Todos vibram pelo crescimento espiritual de cada um!

— **Eu sei que enfrentar a mim mesmo me daria paz e me livraria da necessidade de controlar os outros... Mas eu tenho medo! É melhor ficar na minha posição. Todos me obedecem e respeitam!** Se souberem que, de fato, sou um Espírito necessitado, um mero aprendiz da vida, que será de mim?! Serei tratado como um qualquer... Não aceito isso! Não! — fala o médium.

— Todos somos aprendizes da vida, meu irmão. Todos somos Espíritos necessitados da misericórdia de Deus e do Cristo. — explica José, comovido com a penúria espiritual daquele irmão de ideal. E então conclui: **Nós somos pequeninos, meu irmão; só nosso Mestre e nosso Pai são verdadeiramente grandes. E eles tanto nos amam, que aceitam nossa pequenez e nos aguardam para o futuro glorioso de paz e felicidade imperecíveis.**

O médium está trêmulo e banhado de suor. José enxugalha a testa e pede que volte ao seu estado normal de consciência e mantenha a total lembrança do diálogo.

Os Espíritos auxiliares o levam.

— Mais perguntas? — indaga José.

— Professor, as comunicações mediúnicas e as necessidades psicológicas de um grupo estão sempre relacionadas? — indaga um jovem.

— Sim. Claro que não são absolutamente todas as comunicações que têm essas características, mas essa é a regra geral. O trabalho mediúnico tem profundas implicações psicológicas. As comunicações refletem não apenas o socorro aos Espíritos desencarnados e o alívio aos encarnados. São mensagens vivas sobre aquilo que deve ser enfrentado e transformado no íntimo dos participantes. Por isso, o medo de determinado tipo de comunicação não deve ser encarado com desculpismo, mas com humildade e coragem, com enfrentamento íntimo.

Alessandra levanta a mão e comenta:

— Esse é o motivo do medo da mediunidade?

— Sim. O medo de se conhecer explica, mas não justifica o medo da obra de Deus — fala José, bem-humorado, e continua: Não é justificável o medo dos espíritos em relação à comunicação mediúnica. Uma reunião mediúnica bem conduzida será sempre

um convite ao autodescobrimento, à espiritualização. Alguns temem e se afastam; outros temem e tentam limitá-las, segundo seus medos e sua ignorância. É preciso ter muita misericórdia com estes companheiros que fogem da luz para se manterem nas trevas. A situação deles, após o desencarne, é deplorável. **A compreensão das fraquezas do outro e a coragem de sermos autênticos e verdadeiros têm que estar alinhadas. A mediunidade é a janela que Deus nos concede para apreciarmos as infinitas belezas da criação. Inclusive a nós mesmos. Coitados dos que não a dignificam!**

Todos estão impressionados; nunca tinham ouvido uma reflexão tão profunda sobre o medo das próprias imperfeições estar relacionado com o medo da mediunidade. Para a maioria, mediunidade é apenas fenômeno, receber e conversar com Espíritos.

**José relacionou autoconhecimento, espiritualização e mediunidade. Quem isso entender, terá compreendido um dos mecanismos mais importantes da evolução no universo: comunicamo-nos para nos conhecer melhor e nos espiritualizarmos.**

O professor pede que se formem duplas para comentar os medos de cada um, relacionados à mediunidade.

Felipe fica com uma jovem simpática, chamada Lany. Depois de se apresentarem, Felipe inicia:

— Meu maior medo é ser recriminado pelos amigos. Eles sabem que eu sou espírita, mas não sei como reagiriam se contasse o que ocorre comigo.

— E como você pretende resolver isso? — pergunta Lany.

— Ainda não sei bem... Acho que estudando a Doutrina Espírita e tendo uma vida equilibrada, terei cada vez mais coragem e, no momento certo, enfrentarei as críticas dos que não conhecem a realidade espiritual.

— É uma ideia excelente. Só acrescentaria um exercício de autoconhecimento. Aqui tem um curso inteiro sobre autoconhecimento.

— Que interessante, vou fazer! E você? Que medo enfrenta?

— Ah... Meu medo é parecido com o seu. O que eu temo são meus pais! Eles são catolicíssimos e, se sonharem que sou espírita e médium, me matam... — fala Lany, triste.

— Aí você vem pra cá! — brinca Felipe.

— Não é má ideia, mas tem que ser na hora certa — completa a amiga.

— E o que você pretende fazer?

— No momento, rezar e esperar. Acho que o diálogo vai ser muito, muito difícil. Estou com 12 anos. Logo que entrar na faculdade e começar a trabalhar, vou falar com eles. Tenho uma tarefa na área mediúnica: vou psicografar livros infantis que ensinem as crianças a não temer a mediunidade. Se necessário, terei que morar sozinha ao concluir a faculdade. Isso, claro, se eles não aceitarem a minha tarefa mediúnica. Mas torço que eles possam entender a minha missão na Terra e, assim, possamos ficar todos juntos — fala Lany, com um brilho de esperança no olhar.

Felipe sorri de admiração por aquela jovem de 12 anos.

Nesse instante, o professor pede para cada um desenhar uma dificuldade e a maneira que encontrou de superá-la. Os desenhos são apresentados em um grande painel. Atividade artística é sempre algo empolgante.

A tarefa da semana para cada um é ajudar, quando desdobrado, a pessoa com quem conversou.

O professor pede silêncio e prece. É o momento final do curso.

Foram três semanas de intenso aprendizado e vivência equilibrada.

José avisa então que o diretor da escola irá se comunicar.

Felipe, concentrado e em oração, sente-se leve. Mais uma vez sua percepção se amplia. Ele vê Ivan ao seu lado, que lhe diz, telepaticamente:

— Fique em silêncio. Ore. Este é um momento importante.

Felipe nunca viu Ivan tão compenetrado. Silencia e ora, como pedido. Após uns 15 minutos, sente que a sala desaparece e vê uma cena, que se passa em outro lugar.

Eurípedes Barsanulfo, Bezerra de Menezes, Léon Denis, Cairbar Schutel e muitos outros Espíritos estão reunidos. Eurípedes olha para Felipe com imensa ternura e lhe estende a mão. Felipe treme pois, intuitivamente, sabe que aceitar aquela mão estendida significa assumir um gravíssimo compromisso. Fica paralisado.

Ivan, calado, tudo observa, sem interferir.

Felipe ora. Sente-se envolvido pelo amor do Cristo. Estende sua mão, que toca a mão de Eurípedes, aberta à sua espera. Estranha energia percorre seu corpo; ele ouve uma voz meiga e forte que lhe diz: **Muitos são os chamados, poucos os escolhidos. Seja bem-vindo como fiel discípulo do Cristo. Estejamos juntos até o fim dos tempos!**

Felipe retorna ao seu estado de consciência normal. Está envolvido por intensa luz. É o sinal dos que aceitaram o convite de Eurípedes Barsanulfo.

Ivan abraça-o. Choram de emoção.

— Seremos amigos e estaremos juntos nesta e nas encarnações seguintes. Seremos fiéis discípulos do Cristo e de Eurípedes. — fala Ivan.

Felipe olha ao seu redor e vê que Alessandra, Lany, Abelardo e Cirilo também estão iluminados. Os outros estão cabisbaixos e sem luz...

— A decisão de hoje afetará a sua vida material e espiritual neste e nos próximos séculos — afirma Ivan.

Partem convictos de que iniciaram uma maravilhosa aventura espiritual. **A iniciação é um processo de provas, testemunhos e amadurecimento; é aventura intensa e desafiadora. É o caminho dos corajosos que têm sede de paz, de justiça e de fraternidade. Felipe aceitou a Iniciação no caminho da evolução espiritual. E você?**

Ao se despedir, Ivan fala para Felipe:

— Este é só o começo. A obra de Deus é infinita, plena de amor e felicidade para todos os Seus filhos que querem servi-Lo com devoção. Mas de uma coisa tenho certeza: eu, você e todos os demais que aceitarem o convite estaremos juntos eternamente, em nome do Cristo!



# SE A MEDIUNIDADE FALASSE – LIVRO 2

## Vampirização



## PREFÁCIO

**J**ovem amigo,  
Não te iludas quanto à necessidade do sacrifício íntimo para que conquistes a paz. O Evangelho é roteiro divino, a ser trilhado pelos corajosos de todos os tempos. Chega a hora em que as palavras do Messias devem se tornar atos, em cada instante de tua vida. Para trás com as ilusões de outrora, avante com as conquistas do ideal superior, da fraternidade e do amor. A vampirização não envolve apenas as relações entre encarnados e desencarnados. A vampirização é a marca concreta das relações sociais em mundos inferiores como a Terra, sendo preciso reconhecer que toda a exploração e a subjugação vaidosa do próximo é um ato vampirizador.

Não te assustes com isso, estás no mundo para mudar a triste realidade social de Terra, tornando-te abnegado, prestativo com os que mais sofrem, justo em tua escola e em teu trabalho. Ama, e a vampirização deixará a Terra. Acomoda-te, e serás mais uma vítima de ti mesmo, nesse imenso vale de tristeza, formado pela busca incessante de prazeres mentirosos. A verdadeira alegria, o prazer saudável, este terás toda vez que, unindo-te ao Cristo e a teus amigos nobres, agires em nome do Bem. Aprenda com Atilde, personagem deste livro, que, apenas renunciando, alcançarás a paz verdadeira em teu coração.

Com o peito empolgado de alegria, despeço-me, desejando que um dia façamos todos a vontade do Mestre: nos amemos como ele nos amou e ama.

Paz,

Ivan de Albuquerque.

## A QUEM MUITO FOI DADO, MUITO SERÁ COBRADO

**F**elipe vai dormir no horário de sempre. Concentra-se, pede o amparo de Deus, abre o **Evangelho Segundo o Espiritismo** “ao acaso” e lê o trecho dos itens 10 a 12 do capítulo XVIII, com atenção. Faz uma prece e adormece, pensando no significado da afirmação de Jesus que dá nome a este trecho: *A quem muito foi dado, muito será cobrado.*

Após adormecer, Felipe sai do corpo e começa a ver cenas terríveis.

O quarto está escuro, o clima espiritual é assustador. Ele ouve gemidos e gritos ameaçadores e vê sombras de seres estranhos, por todo quarto. Sente que está sendo observado, que pode ser atacado a qualquer momento...

“O que isso tem a ver com o trecho do Evangelho que eu li? Qual a relação?” — pensa.

Não há mais tempo para pensar. Uma mão gelada toca seu ombro. Vira-se. Um homem idoso, desfigurado... No lugar dos olhos, ele tem feridas que sangram. Suas mãos trêmulas tateiam no escuro e, ao tocar Felipe, ele apenas consegue dizer:

— So... cor... ro... So... corro... Socorro... Alguém me ajude...

Sua voz é carregada de dor. Comovido e assustado, Felipe não sabe o que fazer. Num impulso, abraça o infeliz e faz uma prece. Pede a Deus e aos bons Espíritos que ajudem aquele necessitado, que usem as suas melhores energias para tratar daquele Espírito tão sofrido.

Faz-se silêncio.

Instala-se um clima de paz e o quarto, antes tão escuro, torna-se claro como o dia. Alguns Espíritos correm para se esconder da luz. O senhor começa a chorar e afirma que, pela primeira vez em muitos anos, sente-se melhor. Explica que não sabe como chegou até ali, que apenas sentiu que alguém lhe

carregou à força. Agradece a ajuda e, com medo, pergunta o que vai acontecer com ele.

— Vamos orar juntos e pedir ajuda aos bons Espíritos — diz Felipe.

Concentram-se e oram, com fervor. Nesse momento, Felipe consegue ver seu guia espiritual e os Espíritos que o acompanham. Pai Joaquim, o guia de Felipe, lhe diz, sorrindo:

— Fico muito feliz em ver como você ajudou esse irmão!

Após um sinal, os auxiliares de pai Joaquim amparam o Espírito. Felipe olha com carinho para aquele senhor, beijando-lhe a testa, e ele é levado embora.

Feliz com a presença de seu guia, Felipe indaga:

— Pai Joaquim, se você já estava aqui, por que não o socorreu? Eu nem sabia direito o que fazer...

— Meu filho! Fiz isso, em primeiro lugar, porque cada um deve cumprir com sua parte nas tarefas de socorro. Se eu fizesse tudo, para que serviriam seus estudos de Espiritismo? Além do mais, você já deve saber o que fazer: ajudar sempre a todos!

— Mas eu fiquei com medo... — diz Felipe, timidamente.

— Eu vi. — responde pai Joaquim, sorrindo. E estou feliz porque você o venceu! **Escute filho, quando Deus permite que alguém cruze o nosso caminho, mesmo que esse alguém queira nos fazer o mal, nossa obrigação é ajudar sempre! Socorrendo, conversando ou orando. Deus não permitiu a esse coitado ser arrastado para cá para assustar você, mas para que você pudesse socorrê-lo. É muito bom ver que você entendeu o que tinha de fazer.**

Felipe lembra agora que viu um Espírito se escondendo em um canto do seu quarto. Pai Joaquim, lendo seus pensamentos, diz:

— Esse nós vamos ajudar juntos. Ele é mais necessitado do que o idoso. Ele faz maldade de forma calculada.

— O que vamos fazer?

— Eu preciso falar com ele, mas ele não consegue me ver. Vamos trazê-lo até aqui para que ele, sintonizado com você, possa me ver.

Felipe assusta-se. Sentia que aquele Espírito era um inimigo seu do passado. Pai Joaquim então fala:

— Não é uma ótima maneira de vocês começarem a fazer as pazes? Vão ficar bem juntos e ele vai sentir que você não tem mais ódio dele.

Felipe, apesar do medo, não pode discordar de um argumento tão claro. Concentra-se para poder acolhê-lo da melhor forma.

O Espírito, que tem um aspecto animalesco, é “descoberto” atrás do armário, em que pensava estar escondido. É segurado pelos braços por dois Espíritos de índios. Revolta-se com isso mas, ao ver que não pode resistir, começa a olhar fixamente para Felipe, tentando intimidá-lo. Felipe treme, mas pai Joaquim ajuda-lhe, aplicando-lhe um passe. Felipe ora e, com a ajuda de pai Joaquim, consegue transmitir telepaticamente a visão e a mensagem de seu guia espiritual.

O Espírito vê pai Joaquim. Entre assombrado e revoltado, afirma:

— Só podia ser você! Defendendo esse criminosinho!

— Não é isso — diz pai Joaquim, com calma. Ele saberia defender-se sozinho. Vim aqui para ajudá-lo, pois é você quem precisa ser protegido.

— De quem? Deste rapazinho de nada? — pergunta, com ironia.

— Não, ele não lhe agrediria. É preciso que você seja protegido de você mesmo. Veja seu estado. Observe seu corpo espiritual, seu perispírito. Você está cada vez mais animalizado. As baixas paixões em que você vive desde sua última encarnação estão lhe desfigurando.

Pai Joaquim forma um objeto, semelhante a um espelho, em frente ao Espírito comunicante, que passa a ver não apenas sua aparência, mas o real estado de seu corpo espiritual. Ele se assusta e começa a gritar, com intenso pavor:

— Eu estou podre! Estou todo pobre por dentro! Tirem esses vermes horríveis de dentro de mim! Ajudem-me! Ajudem-me!

— Estamos aqui para isso. Apenas preciso que você me acompanhe em uma prece.

— Prece? Eu? Para quê?!

— A prece cria um ambiente mais equilibrado, e este será o início

de seu processo de cura. Faremos uma operação de emergência e, em seguida, você será levado a um hospital. Preciso de sua ajuda. É da Lei de Deus que cada um tem que fazer algum esforço próprio para ser ajudado. Acompanhe-me na oração do Pai Nosso.

O Espírito comunicante baixa a cabeça e diz:

— Por favor, ore por mim. Acompanharei, em silêncio.

Pai Joaquim faz a prece em voz alta, enquanto aplica um passe para amenizar a deplorável situação do corpo espiritual daquele Espírito. O objetivo não é tratá-lo, mas apenas proporcionar algum alívio. O tratamento será muito mais longo e complexo.

Terminada a prece, ele é levado, semiadormecido.

Em seguida, Felipe volta a si. Olha para pai Joaquim, que lhe diz, feliz:

— Começamos bem a noite. Prepare-se para ir ao colégio.

— Mas eu gostaria de continuar com você...

— É preciso aprender a viver cada momento com equilíbrio e saber aproveitar o seu valor. Há momentos de ficarmos próximos, há momentos de exercermos tarefas diferentes. A criação de nosso Pai é infinita e nos prendermos egoisticamente é um erro grave. Se cumprirmos nossos deveres, estaremos sempre juntos. O amor de Deus tem meios de nos ligar, sem que nos prendamos. — diz, olhando-o com carinho.

Nesse instante, chega Ivan que, ao observar as boas energias que envolvem Felipe, comenta:

— Vejo que você se preparou muito bem. Não terá nenhum problema para entrar no colégio. Hoje você poderá escolher o módulo de estudo que mais lhe agradar.

Ao lembrar-se do colégio, Felipe fica muito empolgado. E ainda mais agora, que iria escolher o que estudar! Olha para seu

guia e entende o quanto perdemos ao limitar nossas tarefas e nossa disposição para aprender.

— Vamos partir agora?

— Na verdade, está na hora de você ir. Eu vou com pai Joaquim, para outra atividade.

Felipe fica pálido. Nunca tinha ido sozinho ao colégio... Mas Ivan não lhe dá espaço para hesitações.

— Você conhece o caminho, não terá problemas para entrar. No colégio, receberá todas as informações necessárias. Abelardo e Lany já estão no colégio e Alessandra e Cirilo estão a caminho — conclui.

Felipe abraça os amigos e parte. “Nada melhor do que a sensação de independência, mesmo que com um pouco de medo...” — pensa ele, a caminho do Colégio Allan Kardec.

Ao chegar, Felipe para e olha. **O portão sempre está aberto, simbolizando o convite do Criador a todos. A estrada simboliza a necessidade do esforço próprio para evoluir.** Respira fundo, entra, caminha. Ao longo do caminho, vê alguns jovens caídos, sendo amparados por seus guias espirituais, e lembra do sufoco que passou. Observa também que outros jovens percorrem o caminho, levitando a uma grande altura. “Será que algum dia entrarei lá?” — pensa. Nesse instante, sente que alguém toca em seu ombro. É Cirilo, que fala, alegre:

— Nada mais de ressaca, não é meu amigo?

— Graças a Deus, não!

— Sinta o aroma destas flores e a leveza que nos envolve quando respiramos lentamente!

Felipe concentra-se, respirando fundo. Sente como se voasse. Na verdade, começa a flutuar, mas Cirilo o puxa de volta.

— Calma lá. Não é bom querer subir sem poder.

Felipe volta a si, ambos riem e continuam a caminhada.

— Que curso você pretende fazer? — indaga Felipe.

— Não tenho certeza... Estou indeciso entre estudar magnetismo curador ou técnicas psicográficas. E você?

— Não sei, mas vou procurar um curso que me ajude a convencer os dirigentes do centro espírita que frequento a aceitar jovens nos estudos mediúnicos.

— E aqui tem curso de milagre? — pergunta Cirilo, bem-humorado.

— Talvez tenha — responde Felipe, rindo.

— Como saberemos exatamente quais os cursos que serão ofertados?

— O Ivan disse que teremos um encontro para escolher os cursos. Ele também falou que participarão adultos e idosos que atenderem aos mesmos critérios que nos são exigidos.

— Vamos ver se eles são tão bons como nós, os jovens! — brinca Cirilo.

Chegam à frente do castelo e veem uma faixa luminosa:

**Bem-vindos novos aprovados!**

**Eurípedes vos saúda.**

**Terceiro Andar.**

**Sala XXXII.**

Um olha para o outro, preocupado. Estariam vibratoriamente preparados para subirem sozinhos as escadas? Como estão com tempo, decidem primeiro dar uma volta no jardim.

— O que acontecerá se eu não estiver bem? — pergunta Cirilo, que está com mais medo do que Felipe.

Felipe lembra o que Ivan tinha lhe explicado sobre as escadas, mas acha melhor mudar de assunto.

— Nós estamos bem, não se preocupe.

— Conte-me — insiste Cirilo.

— Bem, pelo que o Ivan me disse, é assim: no primeiro andar, quem não está vibratoriamente preparado sente um profundo cansaço; no segundo, angústia e depressão... — E no terceiro? — insiste Cirilo.

— No terceiro, eclodem as piores lembranças da história do Espírito...

Cirilo fica apavorado!

— Vamos orar, Cirilo. Se estivéssemos tão mal assim, não teríamos nem atravessado o caminho até aqui. Vamos só elevar um pouco mais sua vibração para garantir — fala Felipe que, em

seguida, retira do bolso um pequeno exemplar de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, entrega-o a Cirilo e pede:

— Abra-o “ao acaso” e leia com atenção.

Cirilo faz uma prece, abre o livro e lê a seguinte mensagem: **Ajuda-te e o céu te ajudará** (Capítulo XXV). Sente-se mais confiante, levanta-se e diz:

— Vamos. Faltam 35 minutos para o início do encontro.

Ambos entram no castelo confiantes, mas param antes de dar o primeiro passo no degrau. Cirilo olha para Felipe e pergunta:

— Este lance de escadas é o do cansaço profundo, né?

— É! — responde Felipe, que o puxa pelo braço e, assim, ambos sobem rapidamente.

Chegam facilmente ao primeiro andar, sem dar tempo para o medo. Da mesma forma, iniciam o segundo lance de escadas. No início do terceiro, Cirilo quer parar, mas Felipe puxa-o, dizendo:

— É agora ou nunca!

No meio da escada, Cirilo fica imóvel e pálido. Felipe assusta-se, mas lembra que a transmissão de energias sempre ajuda. Concentra-se, pede ajuda mentalmente a Ivan, e aplica-lhe um passe. Com isso, Cirilo retorna a si, pouco a pouco, olha para Felipe e afirma estar se sentindo bem. Ambos sorriem e sobem os degraus que faltam, indo até a entrada da sala XXXII. Cirilo olha para Felipe, agradecido, e, quando vai falar, Felipe apressa-se e diz:

— Vamos nos preparar para escolhermos nosso curso!

Entram na sala e param, impressionados. É um enorme salão, de dois mil lugares, quase todos preenchidos.

Todos estão em silêncio. São adolescentes, jovens, adultos e idosos. Felipe e Cirilo se despedem com o olhar e vão procurar um lugar vago. Cirilo encontra um lugar na parte de trás do salão, enquanto Felipe senta-se no meio. Ambos já aprenderam que o silêncio é a melhor forma de se preparar para uma atividade espiritual. O silêncio interior permite a ampliação da percepção espiritual, da intuição, da telepatia e do autoconhecimento.

Quando a mente está desarmonizada, ele é a melhor forma de se harmonizar.

Aos que haviam aprendido a meditar, era possível ouvir sons variados e harmônicos; alguns também viam as cores que os sons expressavam. **É a Lei universal: a quem mais tem, mais é dado.**

Na hora programada, sobe no tablado um Espírito com vestes árabes. Todos ficam atentos. Ele faz a prece inicial:

Deus — grande criador do universo — louvada seja a Tua sabedoria, que permite a Tuas criaturas a liberdade e a autonomia da escolha.

Queremos seguir Tuas leis e sabemos que, apenas nos tornando fortes e responsáveis, seremos capazes de executar fielmente a Tua vontade!

Muitas vezes nos escondemos de Teus sábios desígnios, tantas vezes alegamos compromissos sociais, tantas vezes usamos as mais belas desculpas para nos acorrentarmos ao lodo da terra! Ajuda-nos, Pai!

Não queremos mais as escolhas que nos prendem aos primeiros degraus da evolução. Não nos satisfaz a riqueza vazia da matéria. Não nos alegra ao coração o amor que prende e sufoca.

Queremos, Pai, a liberdade responsável e ética.

Queremos, Pai, ter amor o suficiente para abraçar os deserdados do mundo e, com eles, partilhar nosso pão e nosso lar.

Queremos, Pai, nos desmaterializarmos para sentirmos em profundidade o Teu amor, para cruzarmos o universo, que é a Tua morada, e saber, por toda a eternidade, que ele é também a nossa casa e que somos Teus filhos amados, como ensina o sublime Mestre da Galileia.

As vibrações dessa prece são intensas, há grandeza do amor em suas palavras.

O professor Hamud começa as explicações:

— Leiam o livro que está na gaveta de suas mesas. Ele contém um breve histórico do Colégio Allan Kardec e a história espiritual de seu fundador, Eurípedes Barsanulfo. Existe uma

ligação histórico-espiritual entre Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo, ainda não conhecida no mundo da matéria densa, mas que um dia será explicada a todos de boa-fé. Por hora, é importante que vocês, alunos de Kardec e de Eurípedes, entendam o significado da Doutrina dos Espíritos e a importância de honrarem a oportunidade que é proporcionada por essa escola a todos vocês.

Após um instante, em que os alunos pegam o livro que está sob suas mesas, o instrutor continua:

— Atenção: aqui não se escolhem cursos por mera curiosidade.

Ensina o Messias que “*a quem muito é dado, muito será cobrado*”. Avaliem a importância do tema que vão escolher para vocês e para os outros. Egoísmo e leviandade são companhias que devem ficar para trás, no início da estrada evolutiva. Utilizem o aparelho que está embutido em suas mesas. Ele contém imagens, relatos, avaliações e gravações de trechos dos cursos anteriores. Vocês terão duas horas. **Lembrem-se: o caminho que escolhes, escolher-te-á como discípulo.**

Felipe não sabe por onde começar. A tela a sua frente mostra uma infinidade de possibilidades para pesquisa, mas o livro, com capa que parece de couro e letras manuscritas, o atrai mais do que tudo. Começa pelo livro. Abre-o e se espanta: “Quantos cursos!”.

Passa os olhos em leitura rápida para ter uma ideia geral de suas opções. Lê, entre outros, as descrições dos seguintes cursos:

— Iniciação Essênica: despertar psíquico por meio de uma vida equilibrada e do silêncio interior;

— Magnetismo Egípcio: curas perispirituais e medicina energética preventiva;

— Arquitetura de Júpiter: beleza moralizadora;

— Estrutura Socioespiritual do Império Romano e seu colapso por causa das paixões inferiores;

Fenômenos Mediúnicos Célticos: a coragem desenvolvida pela certeza da imortalidade;

— Música no Sistema Solar: vibrações que desenvolvem os sentimentos elevados;

- Processos de Autoconhecimento Segundo a Filosofia Hindu: os ensinamentos de Krishna;
- Antropologia Psicoespiritual da Civilização Grega: a técnica da reencarnação como meio de superação de vícios;
- Teatro e Inteligência emocional: alteridade e superação do ego;
- A Mente Infantil e a Percepção Espiritual: a infância da Terra e de Saturno em um estudo comparativo;
- Magia na Sociedade Contemporânea: a persistência da ignorância;
- A Busca da Verdade: estudo das reencarnações de Giordano Bruno;
- Dinâmica Psíquica e Morte Física: os espíritos ante a desencarnação;
- Leis Morais e Estrutura Psíquica: a desencarnação no Antigo e no Novo Testamento;
- Transcomunicação Instrumental: envio de imagens e filmes para a Terra;
- O Medo da Realidade Quântica nas Universidades Terrenas;
- Aparelhagem Espiritual nas Reuniões Mediúnicas de Socorro a Viciados em Alcool e Cigarro;
- Mediunidade e Juventude: os casos de Joana d'Arc, Ermance Dufaux e Chico Xavier;
- Vampirismo Socioespiritual: relações doentes combinadas.

## A ESCOLHA

Felipe lê atentamente a definição do curso XIX:  
**Vampirismo é a ação de um Espírito, encarnado ou desencarnado, que rompe a lei de cooperação e estabelece uma relação em que um indivíduo se beneficia de outro Espírito, encarnado ou desencarnado, prejudicando-o com sua permissão consciente ou inconsciente.**

Felipe pensa que aquele conhecimento poderia ser de extrema utilidade para auxiliar os dirigentes do centro espírita que frequenta. Entender que todas as relações humanas, saudáveis ou não, são relações espirituais, os ajudaria a compreender a mediunidade de uma forma mais justa, entendendo assim a necessidade de os jovens terem acesso ao curso mediúnico, de forma a receberem orientações para evitar o vampirismo.

Felipe lê atentamente dezenas de outros títulos e explicações de cursos a que poderia ter acesso. Tudo isso leva uma hora e meia. Resolve então reservar os últimos trinta minutos para meditar e assim tomar a decisão certa. Faz silêncio interior, orando a Deus.

Relembra tudo o que havia acontecido desde a sua ida ao centro espírita até aquele momento. Entende que o estudo do vampirismo está vinculado ao episódio do churrasco, ao comportamento dos dirigentes do curso mediúnico no centro espírita e no mundo espiritual e ao amparo espiritual antes da aula. Tudo fica claro: ele vai estudar o vampirismo!

Exatamente duas horas depois, o instrutor informa:

— Registrem sua escolha tocando com a palma da mão na tela e pensando no curso que escolheram. Ela registrará também sua disposição mental em relação ao tema escolhido. Após o término do curso, vocês avaliarão a influência de seus

sentimentos iniciais no aproveitamento das aulas teóricas e práticas.

Felipe registra sua escolha. Vê pelo computador que Cirilo e Alessandra também haviam escolhido o mesmo curso. “Que bom!” — pensa ele, feliz.

O instrutor abre espaço para perguntas. Uma jovem de 16 anos indaga:

— Seria possível alguém conseguir realizar todos os cursos que o colégio oferece?

O instrutor sorri e responde:

— Considerando o atual estado evolutivo deste grupo, posso assegurar que só seria possível em muitos milênios de estudo. Contudo, **é preciso considerar que, quando o Espírito progride moral e intelectualmente, ele se torna capaz de aprender em minutos o que antes levaria muitos anos.** Isso foi expresso pelo Cristo, quando Ele disse: “mais se dá àquele que tem”. Além disso, não é necessário fazer todos os cursos para ter acesso aos andares superiores. Indispensável é a compreensão profunda da responsabilidade que todos temos perante Deus e o entendimento dos temas teóricos e práticos centrais. Vocês possuem condições de alcançar os andares superiores ainda nesta encarnação ou na atual desencarnação, para os que estão desencarnados — conclui com bom humor.

Todos estão felizes ao saber que, se tiverem coragem para vivenciar os ensinamentos do Evangelho no dia a dia, alcançarão conquistas mais valiosas que a fama ou o dinheiro.

Após a prece final, todos vão conversar nos jardins do Colégio.

— Lidar com o vampirismo é lidar com o sofrimento humano — fala Alessandra. Por isso, escolhi esse tema. Não foi pela “aventura” de simplesmente conhecer as regiões inferiores, nem pelo desejo de impressionar os outros. Quero aprender a ajudar os outros a se libertarem dos vícios e também libertar-me de minhas paixões inferiores.

— Que paixões inferiores? — pergunta Cirilo, surpreso.

Alessandra sorri e responde, com segurança:

— Se eu não tivesse defeitos, não estaria no grupo inicial, não acha?

— Pensei que você ia me dizer que era viciada em alguma droga ou que tinha matado alguém...

— É muito difícil, segundo as leis divinas, saber quem é mais culpado. **Será mais culpado um alcoólatra que não se liberta por medo e fraqueza ou um espírita, que sempre pode fazer muito, mas se acomoda apesar de ver tanto sofrimento no mundo?**

— É verdade — diz Felipe — não tinha pensado nisso. O egoísmo cruel, disfarçado de virtude, talvez seja um erro até maior... — Também nunca tinha pensado assim — fala Cirilo.

— Julgar os outros é sempre muito complicado! Não tem como saber se a pessoa, mesmo errando, não está fazendo o seu máximo ou se, aparentemente acertando, não está deixando de fazer o que deveria... — conclui Alessandra.

— Bem, vou tratar é de fazer a minha parte! Coitado de mim se eu não fizer! — conclui Cirilo.

Todos riem.

O sol está nascendo no mundo físico.

Todos se despedem. É sempre uma imensa alegria vivenciar esses momentos. Todos sabem que o testemunho no mundo exigirá muito de cada um, mas a certeza de que estarão sempre juntos é o melhor estímulo que podem ter.

Cirilo e Felipe acompanham Alessandra até a porta de sua casa. Despedem-se, partem, vão acordar. Mais um dia começa no mundo. Quantos saberiam dizer onde estiveram durante o sono? Um mundo ainda tão ignorante, que nem sequer sabe o que acontece nas horas em que dorme, precisará de muita ajuda para acordar para as verdades do Espírito.

Felipe, Alessandra e Cirilo estão entre aqueles que darão o testemunho da imortalidade. *E você, o que fará?*

## VAMPIRISMO: USUFRUIR SEM CONTRIBUIR

**F**elipe acorda. Levanta-se com calma e começa a recordar o que viveu durante a noite, sentindo-se feliz e pensando em como as dificuldades de sua vida têm um sentido e são passageiras. Ora a Deus e abre o **Evangelho Segundo o Espiritismo** “ao acaso”, lendo com atenção o capítulo XXI, item 10: **Os falsos profetas da erraticidade**. O que aquela mensagem significaria para ele?

Pai Joaquim, que está ao seu lado, explica-lhe que os que agem como vampiros, frequentemente, convencem suas futuras vítimas com teorias sedutoras e mentirosas, para depois sugá-las. Felipe sorri por entender a explicação, levanta-se e vai se arrumar.

No intervalo da aula, o assunto é a festa a que muitos foram, em um novo bar. Todos têm muitas histórias para contar: quem “ficou” com quem, quem bebeu, quem fumou...

Felipe sente-se isolado... Com quem compartilhar suas experiências de fim de semana? Não tem inveja, mas se sente sozinho. E assim um amigo, vendo-o triste, aproxima-se e pergunta:

— O que você fez no fim de semana?

— Nada... — diz Felipe, sem jeito.

— Mas por que você não foi para a festa? Sua mãe não deixou?

“Como explicar? O que eu posso dizer? Se eu falar a verdade, ele vai dizer que sou doido, vai rir de mim...” — reflete Felipe, para então responder:

— Eu não gosto de festa...

— Ah... Hoje, depois da aula, nós vamos fazer umas coisas legais.

Quer vir?

— O quê? — pergunta, curioso.

— Vamos! Você vai gostar!

— Tá — diz Felipe, sem vontade.

Na saída do colégio, Clístenes e outros amigos aguardam Felipe. Chamam-no e vão para casa de Clístenes, pois seus pais estão viajando e sua tia só volta à noite. Ao chegarem, a festa já está organizada. Garrafas de bebida, cigarros e música.

O clima é de euforia. Felipe fica desconcertado. Senta e se afunda em uma poltrona. Quer participar, se divertir, ficar mais próximo dos amigos... Por outro lado, ele sabe que esse não é o melhor caminho... O conflito que vive é doloroso. Não quer ser o esquisito, o “chato” da turma... Mas sabe o que tudo aquilo significa espiritualmente... Clístenes interrompe os pensamentos de Felipe e estende a mão, dizendo:

— Vamos, só falta você! Tem que virar!

Todos riem.

Felipe treme. Pega o copo que lhe é oferecido, com a mão trêmula...

— Vamos, vamos! — dizem os amigos. Felipe bebe tudo, de um só gole.

Todos riem e aplaudem. Alguns Espíritos vampírescos também gargalham. Felipe sente-se bem, sente-se forte. Nesse instante, um Espírito aproxima-se de Felipe, abraça-o e diz.

— Vamos, meu amigo. Beba mais, precisamos de muito mais!

Felipe tem um choque e sente um terrível peso na consciência. Fica pálido e os amigos o olham, sem nada entender.

— Você está sentindo alguma coisa, você está bem?

O que mais incomoda Felipe não são as energias que absorveu, mas a sua consciência.

— Felipe? Felipe, você está bem? — Clístenes pergunta, quase gritando.

— Sim, sim... Tudo bem — diz pálido e entristecido.

Levanta-se. Vai até o banheiro, lava o rosto e olha-se no espelho.

Uma terrível tristeza invade seu coração. Felipe sente-se abatido, fracassado. Respira fundo e, ao sair, todos o observam.

— Tenho que ir — diz, com uma voz que expressava a pior das decepções: a decepção consigo mesmo.

Sai e vai andar. Anda muito. Vai ao shopping e passeia pelo jardim público, chegando em casa às três horas da tarde. Sua mãe não está. Como havia avisado que estaria na casa de um amigo, ela não se preocupou. Foi para seu quarto viver, em silêncio, o sentimento de decepção, somado à solidão e ao fato de sentir que não sabia como viver.

Chora muito. Que tipo de vida viveria? Ama ao Cristo, embora não como os sacerdotes, nem como os beatos... Que vida viveria? Lembra-se da mensagem do Evangelho, que lera pela manhã. Como ela fazia sentido agora! Resolve pedir ajuda. Ora com fervor, pedindo de coração uma orientação espiritual. Abre com fé o **Evangelho Segundo o Espiritismo** “ao acaso” e, com espanto, vê a mensagem do capítulo XVII, item 10: **O homem no mundo**.

Lê o trecho com atenção e entende que o Espiritismo não defende o isolamento, mas também não incentiva os desequilíbrios. Mas quem seriam seus amigos? Com quem conviveria, como seria seu lazer? Não teria direito às alegrias que todos têm? Sentindo-se triste, deprimido e revoltado, ora e adormece.

Vê-se transportado para a casa de Clístenes. A festa continua, mas do ângulo espiritual o espetáculo é terrível. Dezenas de entidades inferiores estão com eles. Uma delas, vendo Felipe, vai ao seu encontro e diz:

— Você devia estar aqui acordado. Desse lado não vamos dar bebida para você. Já bastam esses — diz, apontando para as entidades que brigam para sugar o hálito do Clístenes, encostando suas bocas na boca e no nariz dele para se “alimentarem”. Vá pro seu corpo e trate de virar homem e beber mais! — conclui, falando com revolta.

Felipe acorda tremendo. Seria o medo? Seria a ressaca? Seriam os fluidos que assimilou? Não sabe. Olha para o relógio, são seis horas da tarde. Levanta-se e vai tomar banho para se recuperar.

Ao sair do banheiro, sente a presença de pai Joaquim. Sabe da seriedade de tudo o que aconteceu. “Acho que ele não está feliz comigo...” — pensa.

Deita-se triste e adormece. Ao sair do corpo, encontra com o amigo espiritual.

— Pai Joaquim, ajude-me! — diz, quase suplicando.

— Acalme-se, meu filho — fala o bondoso amigo, passando a mão em sua cabeça. Vamos conversar. **Quando aprendemos com o erro, ele se torna uma experiência positiva.** Diga-me: o que fez você ir à casa de seu amigo, mesmo sabendo do que se tratava?

— Eu não sabia... — diz Felipe, como se estivesse se defendendo.

Pai Joaquim olha-o com seriedade.

— Na verdade, eu estava cansado de me sentir sozinho... — E agora, você se sente menos sozinho?

— Não...

— E acha que, se ainda estivesse na festa, sua solidão passaria?

— Depois seria bem pior... — responde Felipe, com sinceridade.

— Meu filho, apenas fugir do mal não trará conforto ao seu coração; mas evitar repetir os vícios inferiores é o começo de sua redenção.

Você entende?

— Repetir?!

— Sim, repetir. Todos que ali estão e alguns outros amigos do colégio formam um grupo que, por muitos séculos, cultiva vícios infelizes... Continuar trará seríssimas consequências.

— Que consequências?

— Na medida em que essas experiências são cultivadas, os vícios do passado são despertados, e esses impulsos milenares, que deveriam ser reeducados, somam-se aos das companhias espirituais, por meio da sintonia do vício. Quando isso acontece, vícios milenares despertados e obsessão, é quase impossível solucionar o problema em poucos séculos.

Felipe abala-se ao ouvir a afirmativa serena de pai Joaquim, que conclui:

— **Meu filho! O encarnado, e mesmo o estudioso do Espiritismo, ainda está longe de compreender o poder do que cultivamos na Terra. Muitos se contentam com o mero contato**

mediúnico, mas aqueles que meditam nos ensinamentos do Cristo estão seguros de que o poder do pensamento ainda é incalculável. Não ensinou Jesus que é melhor perder a mão ou o olho do que se entregar às inferiores paixões? Em breve, a medicina e a física quântica comprovarão essas palavras, pois o pensamento e o ato geram deformações no corpo espiritual, piores do que as da amputação. Isso comprovará a verdade do alerta do Mestre.

Depois de um longo silêncio, pai Joaquim olha Felipe nos olhos e diz:

— Filho, se você ainda deseja permanecer no colégio Allan Kardec, prepare-se de uma maneira intensa.

— Nesta semana?

— Sim. Nesta semana e em todas as outras!

— Eu ainda sou fraco... — fala timidamente, Felipe.

— A fraqueza ainda nos caracteriza a todos. Isso é aceitável. Acomodar-se não é! — responde, com firmeza, e continua: Descubra como lidar com a sua tendência à fuga e aos vícios. É muito importante pensar sobre isso. Acima de tudo, descubra como preencher o vazio que você sente: isso é essencial para sua vitória espiritual!

Pai Joaquim abraça-o e parte.

Durante a noite, Felipe acorda várias vezes.

Levanta cedo. Pensa em um programa para se reequilibrar. Orará com mais fervor. Meditará todos os dias. Evitará os programas vulgares da televisão. Lerá o livro **Vampirismo** de José Herculano Piões. Foi fraco, mas não desistirá de sua felicidade, de seus compromissos espirituais. Sente que tem amigos, e mesmo que não os encontre no dia a dia, tudo fará para manter a sintonia com eles. Deus certamente permitirá que, no futuro, possa conviver com amigos que pensem como ele. Para isso, precisa se tornar merecedor. E isso ele fará, custe o que custar.

A semana passa com suas atividades normais e as novas atividades do programa de reequilíbrio. No sábado, Felipe resolve meditar e ler sobre vampirismo a tarde toda. Quer recuperar-se, o máximo possível. Adormece escutando uma suave música instrumental. Ao sair do corpo, nada vê de

diferente. Não vê pai Joaquim, nem Ivan. “Devo ir sozinho” — pensa.

Ao sair de casa, encontra a turma da festa. Estão juntos encarnados e desencarnados, em estado de euforia. Clístenes se aproxima e diz:

— Hoje vai ser radical! O Cosmes vai nos ensinar a “sugar”. Vamos!

— Você... Clístenes... — Felipe não consegue terminar a frase.

— Você o quê! Seu frouxo! Vai querer agora me dar lição de moral?!

Clístenes parte para cima de Felipe. Empurra-o e vai começar a esmurrá-lo. Felipe não tem tempo de pensar. Fecha os olhos e faz uma prece, envolvendo-se de luz. Clístenes recua espantado, dizendo:

— O que é isso, seu covarde! Que arma você tá usando?! Cosmes segura Clístenes e fala, nervoso:

— Vamos, vamos. Já, já chegam os amigos do Cordeiro. Ele é um deles. Vamos!

Clístenes, sem entender nada, vai embora, puxado por Cosmes. Felipe está atordoado. Como podia Clístenes estar naquela situação? Em seguida, lembra-se do Colégio Allan Kardec. Apressa-se. Chega ao portão e vê que Cirilo está na estrada. Chama Cirilo que, ao notar o nervosismo de Felipe, volta e diz:

— Vamos! Se você desmaiar, eu cuido de você. Não tem problema se não der para entrarmos. O importante é você se recuperar.

Felipe, que passou a semana toda se sentindo sozinho, enche os olhos de lágrimas.

— Vamos! Talvez você tenha que suar um pouco — brinca Cirilo, que segura-o pelo braço.

Entram juntos, atravessando o caminho com relativa facilidade. Ao chegarem na entrada do castelo, Cirilo propõe um descanso no jardim. Felipe aceita, sabe dos três andares que tem que enfrentar.

Sentam-se debaixo de uma árvore. Cirilo vê Alessandra passando e lhe chama. Ela olha para Felipe, vê que ele não está bem, mas não fala nada.

Cirilo tira de sua bolsa uma embalagem e estende o abraço para Felipe, dizendo:

— Coma: isto lhe ajudará!

— O que é isso? — pergunta Felipe.

— É uma substância que ajuda a eliminar os excessos de fluidos pesados.

— Isso é possível?

— Claro! — explica Alessandra. Ela ajuda na eliminação das toxinas, como fazem muitos alimentos naturais na Terra. Depois que você comer, vamos lhe doar energias.

Felipe coloca-a na boca e logo faz uma careta, dizendo:

— Que amargo!

— Amaríssimo! — fala Cirilo, brincando. Olhei até no dicionário para descobrir o nome de algo muito amargo.

— Engula — orienta Alessandra.

Felipe respira fundo e engole.

— Vamos agora aplicar passes em você, para que o efeito seja potencializado. Concentre-se!

Enquanto Cirilo coloca as mãos na cabeça de Felipe e faz uma oração, Alessandra aplica-lhe o sopro magnético nos centros energéticos da testa e do estômago. Depois que terminam, Felipe pergunta:

— Como você aprendeu isso?

— Simples. Fui ajudado assim, aqui mesmo nesta árvore, dois dias atrás. Vim aqui para ficar no jardim, para me refazer, senti-me mal e fui ajudado — explica Cirilo.

— Agora escute! Vá até o banheiro e, em poucos minutos, isso vai fazer efeito — explica Alessandra.

Felipe não quis perguntar o que aconteceria. Foi rápido. Suando muito, vomita substâncias que jamais imaginou que estivessem dentro dele, com algumas parecendo vermes.

Volta refeito ao encontro de Cirilo e Alessandra. Eles não perguntam o que aconteceu. Apenas abraçam-no e vão juntos

para a aula. Conseguem subir e, ao chegarem à porta da sala, Felipe olha-os com carinho. Cirilo, tocando no ombro de Felipe, diz:

— Não se acostume, porque com o tempo o incômodo é maior e a desintoxicação tem um efeito menor.

— Não quero mais, muito obrigado — responde Felipe, bem-humorado. Alessandra encontra três lugares vagos. Sentam-se juntos e, após quinze minutos de silêncio, veem José Herculano Pires entrar pela porta, calmamente.

Os olhos de Felipe brilham: é o seu autor preferido. O professor inicia a aula com bom humor:

— Ainda não temos um termo adequado para cumprimentar quem acaba de dormir. Digamos, então: sejam bem-vindos, caros recém dormidos e caros desencarnados!

Todos riem.

“Ele é um grande intelectual, que tem a simplicidade de um homem do povo!” — pensa Felipe.

— Nosso grupo é composto de encarnados e de desencarnados e estudará a prevenção e o tratamento do vampirismo. Devido à proliferação desse problema na Terra, temos a necessidade de formar equipes integradas para auxiliar no socorro destes milhões de Espíritos que optaram por fugir da felicidade verdadeira. Nos auxiliará nesse estudo o valoroso amigo que muito nos tem ensinado: pai Joaquim.

Neste momento, Cirilo e Alessandra olham para Felipe, que também não sabia da participação de seu guia espiritual no curso.

Pai Joaquim aparece, ao lado do professor José. Felipe está eufórico. Pai Joaquim abraça o professor e explica aos alunos que, muitas vezes, em socorros espirituais, é necessário saber tornar-se invisível e mostrar-se apenas na hora adequada. Depois disso, ele fica em silêncio, e todos sabem que é chegado o momento de pai Joaquim realizar a prece, com sua voz é intensa, cheia de força e convicção:

Paí, ajuda-nos a superar a ilusão das aparências!

Ajuda nossos irmãos que vivem fascinados com as aparências exteriores. Nosso Mestre, pobre filho de carpinteiro,

nos ensinou que o Teu Reino não vem com as aparências externas, mas nossos irmãos não se esquecem do fascínio do ouro e da falsa beleza, não conseguem superar o apego. Matam, traem e mentem para mostrar que são melhores por fora. Muitos desprezam a simplicidade. Muitos não querem ver a beleza da natureza, que é Tua obra, e atiram-se em busca de sintonia destruidora.

Vampirizam a natureza, em vez de amá-la. Vampirizam os irmãos fracos, em vez de ampará-los. Vampirizam os encarnados nos lares que se esquecem do Teu amor. Vampirizam os desprevenidos nos locais em que eles pensam aproveitar a vida.

Coitados! Preparam colheita farta de dor e de angústia para muitos séculos. Serão sofrimentos terríveis, porque eles sabem que deveriam atender ao chamado de Jesus e conquistar a felicidade eterna.

Pai! Te pedimos ajuda não para os que sofrem servindo e amando, mas para os verdadeiros infelizes, que por pouco tempo mandam, esbanjam e parecem felizes.

Nesse momento, após a conclusão da prece de pai Joaquim, o ambiente está envolto de luz e de intensa paz. Ele então olha para todos e fala:

— É preciso saber elevar o coração ao alto e descer aos abismos da verdadeira infelicidade para ajudar, sem jamais condenar!

E, após uma breve pausa, conclui:

— O Zé — diz, olhando para o professor Herculano com carinho e bom humor — explicará as ideias básicas. Depois, vamos conhecer os verdadeiros lugares de sofrimento do mundo, que muitos chamam de “lugares de diversão”. Outro amigo nos acompanhará nos estudos práticos.

Após exibir uma cena de um filme clássico, que conta a lenda do Drácula, ante o espanto de muitos, o professor começa sua exposição:

— A lenda do vampiro, do conde Drácula, tem mais verdade do que se pensa. O vampiro que suga o sangue das pessoas para se alimentar simboliza todos aqueles que, por não cumprirem a Lei de Deus, não captam da natureza as energias equilibradas e estimulantes para o enfrentamento dos desafios

evolutivos. Ensina Jesus de Nazaré: *meu alimento é fazer a vontade de meu Pai, que está nos céus*. O Espírito ainda limitado não entende a profundidade dessa afirmativa tão simples. A Lei de Deus é de cooperação: coopera a água com a vida, o sol com os seres e as espécies entre si, além de cooperarem com o solo. Igualmente o equilíbrio gravitacional, que harmoniza milhões de sóis, é fruto da cooperação. O vampirismo, no entanto, é uma relação que fere a Lei de Cooperação.

O vampirismo é uma relação de cooperação doente, em que um indivíduo pensa se beneficiar de outro. Atentem para isso: ninguém, de fato, ganha com a relação vampíresca, pois o vampiro também se degrada e se sente infeliz, em vez de estar se alimentando da paz e da beleza, que Deus doa a todos. Certamente, vocês já leram as obras indicadas ao assunto, já que nosso curso tem como pré-requisito o estudo antecipado do tema a ser discutido. Por isso, não me alongarei em expor o que já é conhecido. Citarei casos gerais antes de iniciarmos o momento das dúvidas.

Após breve pausa, o professor continua:

— Existe uma relação vampíresca quando se explora a trabalhadora doméstica, exigindo-se mais do que o esforço justo, e quando não se garante seus direitos legais. Existe a mesma relação no caso de empresas que exploram funcionários, comumente criando ambientes de ameaça, em que o medo faculta a extração de suas energias, de forma desequilibradora. Existe relação vampíresca quando o estudante copia as respostas do colega esforçado e quando o filho não se dispõe a colaborar em casa. Como podemos ver, **o vampirismo é um problema de relação humana que engloba, além das relações viciosas entre encarnados e desencarnados, as relações mais visíveis do dia a dia da sociedade**. Perguntas?

Alessandra, ansiosa para entender melhor o vampirismo nas famílias, levanta a mão e, com a permissão do professor, pergunta:

— Não devem os pais cuidar dos filhos, fornecer alimento e proteção? Como falar que os filhos podem ser vampiros dos pais?

— Tudo na natureza obedece ao equilíbrio. Quando o Espírito está no ventre da mãe é justo que, naquele momento, ele receba alimento e proteção, sem nenhum esforço. Ao nascer, começa a mudar a situação. Inicialmente, ele terá, muitas vezes, que “avisar” que está com fome ou com outra necessidade. É o primeiro passo para se tornar independente. Em seguida, aprenderá a falar, a andar e, pouco a pouco, terá uma maior participação no processo de suprir suas necessidades. Tudo é proporcional à fase de desenvolvimento. Pais que, por exemplo, não permitem que seus filhos expressem suas necessidades e procuram sempre supri-las, sem permitir o menor esforço da criança, estão limitando o crescimento do filho e estimulando uma conduta vampíresca.

Alessandra novamente pergunta:

— O adolescente que não trabalha e, por isso, não contribui em casa é um vampiro?

— Cada caso é individual. Devemos entender que cada um tem a obrigação de cooperar. Afinal, o alimento consumido não chega à casa por passe de mágica, o teto protetor foi construído com esforço de muitos. O que afirmo é que a cooperação não precisa, necessariamente, ser financeira. Pode-se auxiliar na arrumação da casa, em evitar desperdícios, em cuidar do jardim, pois as plantas colaboram com a harmonia da casa. Pode-se auxiliar os pais nas tarefas de casa e de muitas outras maneiras.

**Vampiro é aquele que quer usufruir sem contribuir, isto é, beneficiar-se sem retribuir de uma forma saudável.**

— Aqueles que pedem ajuda, como os mendigos, e que não têm como retribuir, são considerados vampiros? — pergunta um senhor de 50 anos.

— Há muitas formas de retribuição. Vejamos um exemplo. O Espírito que está em uma situação de miséria, por total falta de alternativa, e que, ao receber ajuda, *retribui* com sentimentos sinceros de gratidão no momento e, posteriormente, com sua dedicação, não é de forma nenhuma um vampiro. É o caso estudado por Allan Kardec, em **O Céu e o Inferno**, intitulado **Mendigo, Max**. Podemos sintetizar isso da seguinte forma: **aquele que retribui com os meios que possui está agindo conforme a Lei**

de Deus; aquele que quer se beneficiar, sem retribuir com o bem, é um vampiro encarnado ou desencarnado.

Após breve pausa, continua:

— Há apenas uma forma de prevenir o vampirismo: ser justo em nossas relações, dar a cada um o que tem direito e não se permitir relações de dependência com encarnados ou com desencarnados. É da Lei de Deus: devemos crescer em responsabilidade e em autonomia. Jesus ensina: *a cada um segundo as suas obras*. Aquele que quer ou aceita mais do que tem direito torna-se vítima do vampirismo de encarnados e desencarnados.

Um jovem de aparência síria indaga:

— Como explicar o vampirismo sexual?

— O prazer e a dor são experiências naturais, que todos devem experimentar. Quando o Espírito, por fraqueza e medo, não aceita suas dores e quer ter mais prazer do que o limite natural, vincula-se a vampiros e torna-se um vampiro. Normalmente, o vampirizado também é um vampiro de outras pessoas. Assim, eles se alimentam e se degradam mutuamente. A busca do prazer em excesso, seja na alimentação ou no sexo, gera vínculos espirituais perniciosos. A sexualidade, hoje, é a maior fonte de perturbação no mundo da matéria densa e em seus arredores espirituais. Uma vez desarmonizadas as energias da vida, o Espírito tende a se degradar em outros vícios. Por isso, os Espíritos inteligentes da espiritualidade inferior tanto investem no desequilíbrio sexual.

— Que meios devemos utilizar para não nos vincular ao vampirismo sexual? — pergunta uma jovem francesa.

— Os vampiros que estimulam esses acontecimentos deprimentes na Terra compreendem que, para melhor gerarem o ambiente de loucura e de vampirismo, é necessário incentivar as ideias que mascaram os desequilíbrios e que dificultam o socorro de suas vítimas. Esse é o motivo de tantas “campanhas” pela “licença social”, para que todos possam viver tudo que lhes dá prazer. São escritores, acadêmicos, artistas e intelectuais envolvidos por esses Espíritos para disseminar a ideia da “normalidade” da loucura. A primeira prevenção, e a mais importante, é examinar os fatos! Observem as pessoas que

defendem esses desequilíbrios, sem as maquiagens mentirosas da mídia. São elas realmente felizes? O que elas têm, além da fama? Serão portadoras de paz e de lucidez, ou exemplos de desequilíbrios e angústias, que mascaram com o consumo de drogas e com hábitos deprimentes? **Não aceitar como normal as doenças comportamentais da moda é um passo decisivo.** No mundo, vocês ainda são minoria, mas não é melhor ser uma minoria saudável do que uma maioria dementada, a caninhão dos abismos de dor?

— Como diferenciar as modas doentes do que é saudável?  
— indaga um jovem africano.

— A verdade é universal. Observe o comportamento de *todos* os Espíritos verdadeiramente evoluídos, para ter um parâmetro real. Para darmos um exemplo, um Espírito evoluído jamais irá querer apropriar-se do que não é seu. O comum é que ele compartilhe o que é seu. Nesse caso, lembro-me de Mahatma Gandhi, que afirmava que, na dúvida, deve-se adotar a decisão que beneficia mais o outro do que a nós mesmos. Jesus, ao dialogar com o moço rico, não aceita sequer um elogio indevido. Em relação à sexualidade, todos são unânimes ao afirmar a importância do equilíbrio, inclusive dos pensamentos.

Gandhi teve uma vida conjugal por décadas, sempre orientada pelo respeito e o equilíbrio. Jesus ensina o cuidado com os pensamentos, em relação aos desejos sexuais. O pensamento é que cria sintonia, estimula os desequilíbrios ou reequilibra o Espírito, atraindo a companhia dos vampiros ou dos bons Espíritos. Portanto, **quem quer que estimule uma conduta sexual promíscua, sem compromisso e ética, independente de títulos acadêmicos ou de fama social, está em posição contrária aos ensinamentos espirituais elevados, de todos os tempos. Está opondo-se aos profetas, aos essênios, aos grandes sacerdotes egípcios e aos sábios do hinduísmo e do budismo e, principalmente, à Lei de Deus.** Seguir a moda transitória da loucura não me parece uma boa opção — encerra o professor José, com um toque de leveza e bom humor.

Após essas explicações, fala pai Joaquim:

— Vamos nos organizar em grupos; todos devem contribuir no amparo dos Espíritos que encontraremos. Lembrem-se: julgar

é fácil e errado, compreender e auxiliar é difícil e divino. Não nos cabe culpar ou atacar ninguém. O trabalho cristão é de auxílio, amparo e compreensão. O que vocês verão é a face espiritual do mundo em que vivem ou viverão em breve; quem tiver um pensamento de condenação, peça a Deus compreensão e tolerância. O codificador participa dessas tarefas e nelas exemplifica o lema que adotou em vida: **Trabalho, Solidariedade e Tolerância.**

Não seremos nós, trabalhadores ainda tão falíveis, que ousaremos condenar em vez de amparar.

Todos estão impressionados, pois nunca imaginaram a participação de Allan Kardec em socorro a vítimas do vampirismo. Pai Joaquim, ao perceber o espanto geral, esclarece:

— **Muitos pensam que o grande organizador do Espiritismo era um intelectual, isolado do mundo. Isso nunca foi verdade! Quem estudar a vida dele vai descobrir que ele andava, e muito, em presídios, em enfermarias, nos bairros pobres, além de amparar centenas e centenas de crianças carentes. Quem é verdadeiramente grande está sempre ao lado dos sofredores, independentemente de outras tarefas que faça. Quem quiser seguir o Cristo só tem um caminho: ser amigo dos sofredores.** Existem outros caminhos, mas eles sempre levam à desilusão. Laboratório, filosofia e cálculo são importantes, mas têm que servir para o bem de quem mais sofre. Senão, é enganação, é a verdadeira mistificação. E todos têm que estar atentos a isso, pois é essa mistificação que abre as portas para os vampiros. Preparem-se ao longo da semana. Em seis dias, teremos a prática.

Assim foi encerrada a reunião.

Felipe acorda com essas recomendações, vivas em sua memória.

A semana é de muita atividade. Felipe cuida de sua sintonia espiritual, continua com a meditação e a oração todos os dias, além de ler sobre o codificador em três dias da semana. **Estudo, oração e meditação é a fórmula que Felipe segue.**

## O ABRAÇO RESTAURADOR

Sábado à noite. Estão sentados juntos Felipe, Alessandra e Cirilo. Duas filas atrás estão Rivalina, Romildo e Astrobrito, espíritas que estão em recuperação dos equívocos da última existência. Cirilo olha para trás e, num gesto de espanto, mexe no ombro de Felipe, que também olha e fala:

— Meu Deus, será que é verdade!?

Todos estão em silêncio.

Kardec entra calmamente. Anda com tranquilidade, olhando para todos, com ternura. Sobe no pequeno tablado e, sorrindo, fala:

— É uma grande alegria para mim estar aqui hoje. O movimento espírita venceu suas primeiras etapas. Resta-nos avançar e produzir os frutos que Deus espera de nós. Para começar, peço agora que Rivalina faça a nossa prece inicial.

Rivalina, visivelmente nervosa, responde:

— Senhor, eu não tenho condições de fazer uma prece... Aqui... — diz, timidamente.

— Se você não tem agora, terá alguns segundos para se preparar — fala com bom-humor e continua, agora com um tom mais sério: O espírita, considerando a necessidade do mundo e o tanto que já recebeu, não poderá mais fugir de suas responsabilidades. Deve confiar em si mesmo, deve confiar em Deus, no Cristo e nos amigos espirituais. Em toda a história da humanidade, não há um só caso de um indivíduo que decidiu agir abnegadamente e que não tenha sido amparado pelo Alto. O que falta a muitos de nossos irmãos espíritas é a disposição ao trabalho, ao sacrifício, à abnegação.

Olha para Rivalina e continua:

— É preciso confiar que Jesus sempre suprirá as nossas falhas, quando agimos em Seu nome e com sincera boa vontade. Rivalina levanta-se, em silêncio, fecha os olhos e ora: Pai, quanta

tristeza sinto por eu não ter aceito plenamente o Teu chamado. Mais uma vez, temi. Temi a opinião dos outros, temi por minha vaidade, temi errar e ser criticada. Ajuda-me para que eu possa, com essa prece, ajudar meus irmãos.

*Sua voz é comovida e sincera. Depois de breve pausa, sua voz muda. É a voz de Eurípedes!*

Avante, avante todos! Neste encontro queremos firmar, em vossos corações, que o temor não faz sentido aos discípulos do Cristo.

Eis o grande codificador que, como o Cristo, se faz pequeno entre os pequenos, para que todos tenham a convicção do amparo infinito que vem de Deus e se manifesta de mil formas! Nunca, nunca estareis sós. Vos acompanhamos, sempre. A solidão é apenas a limitação dos vossos sentidos, é a prova necessária para desenvolverdes vossos potenciais. A cada ação, a cada pensamento e a cada sentimento nobre, nossas ligações se estreitam. Investi vosso tempo na obra do bem; o bem é o elo sublime que ligará para sempre vossos corações aos dos guias da Humanidade.

Nesse instante, Rivalina caminha, como que transfigurada, em direção a Kardec. Vemos claramente Eurípedes Barsanulfo.

Allan Kardec e Rivalina/Eurípedes se abraçam.

É o símbolo da união de todos nós a esses grandes Espíritos. Todos choram. Sentimos a energia gerada por esse abraço. Estamos ligados uns aos outros. Sinto-me fortalecido, amparado, em paz. Não há medo, nem dúvida. Sinto-me profundamente amado, independentemente de qualquer erro cometido. Sinto vontade de ser um verdadeiro seguidor do Cristo.

Eurípedes, agora visível a todos, afasta-se de Rivalina e lhe diz, com serenidade:

— Rivalina, muito obrigado! Espero que você continue com a sua educação mediúnica. Precisaremos de muitos médiuns!

Ela agradece, emocionada, e volta ao seu lugar.

Ivan, José e pai Joaquim, que estão sentados na última fila, vão até a frente da sala, cumprimentando Kardec e Eurípedes.

Ivan nos informa:

— Formaremos três grupos. Observem em suas mesas a indicação do grupo do qual vocês farão parte. O grupo um será coordenado por Allan Kardec; o grupo dois por Eurípedes Barsanulfo e o grupo três por pai Joaquim. Bem sei que, se pudessem, vocês usariam da *tricorporeidade* para estar em todos os grupos, mas vocês ainda não fizeram esse curso — conclui, com alegria.

Todos olham. Felipe: grupo um. Cirilo: grupo dois. Alessandra: grupo três.

Todos estão felizes, pois depois poderão trocar as experiências.

A sala se reestrutura em três compartimentos e, silenciosamente, os participantes dirigem-se aos seus grupos.

No grupo um, o Codificador abre um pergaminho cor de prata e lê um trecho de **Salmos**, do Antigo Testamento:

*O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.*

*Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.*

*Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça por eu amar Seu nome.*

*Ainda que eu ande pelo vale da sombra e da morte, não temerei mal algum, porque Tu estás comigo; Teu poder e Tua misericórdia me consolam.*

*Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei a Tua Casa por longos dias.*

Em seguida, Kardec comenta:

— **Quero falar de um sentimento que tem petrificado os trabalhos do Consolador no mundo da matéria densa: o medo.** Podeis perguntar qual a relação entre o medo e o vampirismo; eu vos responderei: a relação é total. O vampirismo é um tipo de relação fundada no medo. Após a dissipação das ilusões iniciais dos prazeres grosseiros, o que mantém a relação vampiresca? O medo. O medo da solidão, o medo da crítica dos que apenas condenam e o medo da crítica dos que estão envolvidos na relação vampiresca. É aparentemente um “beco sem saída”. O alcoólatra, por exemplo, quando bebe, tem medo de não ser aceito pelos não-viciados; quando tenta se recuperar, tem medo de ser abandonado pelos que lhe partilham o vício. Daí resultam várias tentativas de superação. Vejamos o caso de Maria Madalena, Espírito pelo qual temos imenso respeito. Participe de uma relação vampiresca de caráter sexual, devido às suas orações e sincera busca de libertação, foi socorrida pelo Mestre, curou-se e foi homenageada por Ele com sua aparição após a crucificação. Ainda assim, não foi acolhida pelos cristãos da época. Seu testemunho foi o da solidão e o da devoção ao ideal superior do cristianismo primitivo. **Ela é o símbolo da recuperação da criatura humana da Terra. Todos que queiram superar as relações vampirescas ou evitá-las, como Madalena, precisam passar por**

**momentos de solidão e de devoção, que facultarão o encontro consigo e com o Cristo.** Após seu testemunho, Madalena foi acolhida pelo Mestre no mundo espiritual.

Felipe impressiona-se com os ensinados de Kardec. Nunca imaginou que o medo fosse a base do vampirismo.

O Mestre-codificador continua:

— O medo da solidão, da crítica e do testemunho têm paralisado os espíritas-cristãos no momento atual. Eles temem ver seu passado. Temem ser identificados como “impuros” ou obsediados (na linguagem atual). Temem servir abnegadamente. Temem seus inimigos. Temem ser criticados. Esquecem que todos somos Espíritos imperfeitos e que a única forma de salvação é o crescimento, é a purificação por meio da dedicação total ao Cristo. Isso significa devoção ao próximo em todas as ocasiões, e não apenas ocasionalmente.

Após breve pausa, conclui:

— Vamos observar uma reunião em que o vampirismo se manifesta ostensivamente. Mas não vos enganeis: **em todos os lugares em que os indivíduos fogem dos compromissos da consciência, existe algum tipo de vampirismo fundado na acomodação espiritual e que, obviamente, tem consequências infelizes.** Concentrem-se. Visitaremos um lugar de lazer do mundo.

Não foi difícil para o grupo deslocar-se para a Terra. Chegamos a um bar. Música alta, conversas, ambiente de alegria.

— Observem, diz o codificador. Em cada mesa temos uma realidade psíquica e espiritual específica. Nem todos estão envoltos nos fluidos pesados que predominam no ambiente. Infelizmente, na Terra, a diversão quase sempre está envolta em paixões inferiores, que rebaixam a criatura.

Felipe, lembrando-se de sua experiência, pergunta ao codificador:

— Pode ser saudável vir a estes lugares?

— Tudo depende da intenção e da frequência. A vinda regular a lugares de excesso, certamente trará graves prejuízos psíquicos. Algumas vezes temos que cumprir deveres sociais relevantes, uma comemoração especial ou um momento de

reencontro de amigos. E isso pode justificar nossa vinda a esses lugares, que deve ser sempre equilibrada e sem excessos.

— Como se divertir em nossa vida de encarnados? — indaga um jovem.

— É preciso primeiro cumprir os deveres que vos são colocados pela consciência. Ao fazer isso, vosso psiquismo será alterado, vossas necessidades se modificarão e aprendereis a ter um lazer verdadeiramente saudável, que irá recompor vossas energias. Esse tipo de lazer — diz, olhando para as mesas — além de não recompor as energias, irá destruí-las. Muitos aqui tornam-se suicidas.

— Como transformar-se sem sofrer? — pergunta uma jovem.

— Não existe crescimento sem dificuldades. Lembre-se de Madalena! **Para criarmos um novo padrão espiritual, é indispensável atravessar o deserto criado pelas ilusões para chegar ao oásis do verdadeiro amor.** É preciso atravessá-lo e não permanecer nele, como alguns aqui estão fazendo. Observemos aquela animada mesa de jovens... — conclui o Codificador.

Ao nos aproximarmos, nossa atenção volta-se para uma bonita jovem, que prendia a atenção de todos ao redor dela. Aparentando 16 ou 17 anos de idade, possui cabelos longos e um rosto pintado com cores fortes. Usa roupa curta e sensual, fala alto, bebe muito e faz questão de que todos olhem para ela. É uma espécie de líder do grupo, composto por outros jovens. Ela quer ser invejada pelas amigas e desejada pelos amigos.

Kardec inicia a orientação:

— Não seremos vistos pelos desencarnados. No entanto, cuidado: não nos cabe julgar nem condenar ninguém. Estudaremos aqui o caso de Atilde — diz, olhando para a “jovem-líder”. O primeiro objetivo é entender nossos conflitos; o segundo, auxiliá-la. Farei que alguns de seus pensamentos-sentimentos sejam projetados acima de onde ela se encontra para que vocês possam entender a relação entre o medo e a vampirização que ela vivencia.

Kardec continua:

— O grande drama de Atilde é não se sentir amada pelo pai. Ainda criança, seus pais se separaram e o genitor se afastou

dela. O erro do pai dele poderia ter sido para ela valiosa oportunidade de crescimento emocional. Contudo, até o momento, ela busca preencher esse vazio com a atenção de outras pessoas. Esse é o início emocional da relação vampíresca. O desejo de Atilde é legítimo e saudável, pois todos queremos ser amados, mas a forma como ela busca satisfazer esse desejo é desastrosa.

Kardec estende a mão e, por meio de um processo que os alunos desconhecem, todos passam a ver os Espíritos que estão vinculados ao corpo de Atilde. São seis entidades medonhas. Duas delas envolvem suas pernas, como se fossem cobras com cabeças que lembram homens. Outra se agarra à cintura e a envolve até o pescoço. Outras duas ficam ao seu lado e a sexta coloca-se atrás de Atilde e controla seus impulsos e ideias. Não se vê mais a sedutora jovem. Agora, aos olhos de Felipe e dos demais alunos, observa-se alguém envolto em animais sujos que, na verdade, são Espíritos animalizados. Alguns alunos têm o impulso de gritar, outros de correr.

— Acalmem-se — diz o codificador. Estamos aqui para aprender e para servir. Tenham dignidade! A compaixão sincera é o sentimento adequado à situação.

As palavras de Allan Kardec têm um impacto maior do que a visão de Atilde, só que no sentido oposto, o de transmitir coragem e tranquilidade. Kardec então orienta:

— Concentrem-se nos pensamentos de Atilde!

São mostradas cenas da infância de uma criança muito sozinha. Muitas vezes chorava, sem que ninguém a consolasse. A presença de seu pai foi diminuindo e, na medida em que isso acontecia, a dor da solidão ampliava-se. Atilde prometia a si mesma que nunca mais se sentiria sozinha... Jurava que tudo faria para não mais viver aquela solidão novamente... Que tudo aceitaria, desde que não sofresse mais solidão... Sua adolescência foi uma busca desenfreada por namorados, por festas, por amigos e amigas, não importando quem fossem. Queria estar sempre com muitas pessoas. Isso tornou sua vida agitada, popular e... transtornada. Assim, ela chegou à situação em que a vemos. Muito bonita, atraente, cercada por todos, com imensas angústias

e com temíveis companhias espirituais, que não lhe respeitam a intimidade.

O choque é imenso.

Felipe imaginou que veria as cenas mais extravagantes e infernais, mas não uma cena como aquela, tão familiar e ao mesmo tempo tão devastadora...

Kardec, entendendo a necessidade da lição a ser assimilada, antes de novas investigações, convida o grupo a encerrar o momento de estudo próximo ao mar. Antes de sair, fazem uma prece. Kardec orienta Espíritos trabalhadores a realizar o socorro às entidades que demonstrem arrependimento e atende cordialmente o guia espiritual de Atilde, que busca orientações sobre como melhor proceder em caso tão delicado.

Partem em direção ao mar. Estão à beira da praia, refazendo-se, quando algo muito inusitado acontece. Um grande foco luminoso, que sai do mar, eleva-se, pairando sobre as ondas, e vai em direção do grupo. Não fosse a beleza daquela luz e a presença de Kardec, muitos teriam corrido... Quando a luz se aproxima, Felipe e os outros alunos compreendem do que se trata: é o grupo de pai Joaquim que, sorrindo do espanto geral, explica bem-humorado:

— Estamos nos refazendo com o auxílio das algas marinhas. As energias revigorantes da natureza são imensas. Nunca temam a criação de Deus; é preciso conhecê-la e amá-la.

Mal acaba de falar e outra luz desce do céu, como uma estrela cadente. “Será o grupo de Eurípedes?” — pensa Felipe.

Ao chegar, vendo o espanto geral, o Mestre de Sacramento explica:

— A beleza da visão da Terra e das estrelas também reestabelece as energias — conclui, sorrindo.

Após breve pausa, Kardec olha para todos, ergue os braços e envolve o grupo de Felipe com energias poderosas e sutis. Felipe sente uma paz intensa e profunda. Sente-se na presença de Deus. “Como posso sentir tanto amor, tanta emoção, tanto paz...” — pensa. A emoção aumenta e todos se ajoelham, por conta do intenso sentimento de gratidão. Ninguém pode jamais imaginar o que é sentir o amor de Deus. É um momento de plena integração. Uma poderosa ordem telepática orienta: “abracem

vibratoriamente os amigos dos outros grupos”. Uma explosão atômica não geraria tanta luz... Estão todos iluminados, em profunda paz.

Kardec ergue sua voz e agradece ao Pai.

*Nada é mais restaurador do que as energias de um abraço de quem ama...*

# SE A MEDIUNIDADE FALASSE - LIVRO 3

## Despertar



## PREFÁCIO

Jovens amigos,  
É com o coração empolgado de alegria que dirigimos estas palavras a vocês.

À Nova Geração cabe, no mundo, a realização das promessas de uma sociedade plena de paz, concórdia e prosperidade. Não se enganem, jovens e abnegados amigos. Cabe ao seu esforço sacrificial a tarefa de implantar, no mundo, os valores do Cristo. E tal tarefa apenas se faz com a abnegação de todo interesse egoísta e de todo interesse material. Saber diminuir-se para que o Cristo cresça é a lição que vocês devem seguir a cada instante de suas vidas.

Nosso personagem, Felipe, está em busca de sua cristificação. Luta contra si mesmo e devota-se ao bem de forma real, honesta e verdadeira. Nada mais esperamos de vocês, a não ser o sincero empenho em vencer a si mesmos e agir de forma ética e coerente com os ensinamentos de Jesus. Ainda uma vez, nós, Espíritos ligados à regeneração do mundo, lhes dizemos: é chegada a hora em que o mal deve ceder à poderosa influência do Bem; estamos no momento histórico em que a realização das profecias acontece, e felizes serão todos os que desejarem servir ao amor, porque receberão mil vezes os tesouros de amor que cultivam em seus corações.

Paz.

Ivan de Albuquerque,  
um amigo da juventude espírita.

## UMA DESCOBERTA DOLOROSA

*932. Por que, neste mundo, os maus exercem geralmente maior influência sobre os bons?*

*— Pela fraqueza dos bons. Os maus são intrigantes e audaciosos; os bons são tímidos. Estes, quando quiserem, assumirão a preponderância. (Livro dos Espíritos)*

Felipe vê uma pessoa sentada em uma cadeira. Está presa por faixas e com a cabeça coberta. Ela se debate, pedindo socorro.

Ele corre para socorrê-la. Porém, quanto mais ele corre, mais sente que não conseguirá alcançá-la. Está aflito, quer ajudar. A pessoa está sufocada, debate-se. Ele tenta mais uma vez, esforça-se, corre ainda mais, cansa. Enfim, lembra-se: deve orar. Ora, pede ajuda e, quando se dá conta, está em frente à cadeira.

Felipe retira rapidamente o capuz da pessoa. Espanta-se... Nunca poderia imaginar... É a senhora Mediunidade que, suplicante, lhe envia um pedido telepático:

— Ajude-me, ajude-me!

Ele quer rasgar as amarras que lhe envolvem os braços, a boca e as pernas, mas suas mãos estão dormientes, imóveis. Ela endereça a Felipe um olhar de piedade, mais uma vez lhe transmitindo o mesmo pensamento:

— Socorra-me, deixe-me falar... Estou sufocada...

Ao olhá-la atentamente, ele lê expressões que estão escritas nos trapos que a prendem:

**Doutrina ispiritista**

**Autoridade**

**Seriedade**

**Rispeito**

**Istudo**

Felipe tenta, com todas as forças, erguer os braços para soltá-la, mas seus braços estão dormentes! Ele insiste, debate-se... nada. Ele se desespera. Por fim, acorda se debatendo, muito suado.

Felipe senta-se na cama e olha para o relógio: seis e quinze da manhã. Respira fundo e faz uma prece. É quarta-feira. Ele se levanta e se arruma para ir ao colégio. Foi um começo de dia diferente. “O que significaria aquele sonho?” — pensa.

O dia passa como outro qualquer. À noite, durante o Evangelho no Lar, torce para que pai Joaquim ou Ivan apareça. Como gostaria de uma explicação sobre aquele sonho! Faz a prece inicial, abre o Evangelho Segundo o Espiritismo “ao acaso” e lê, em voz alta, o capítulo XVI, item 1: Ninguém pode servir a dois senhores. Depois lê um capítulo do livro Jesus no Lar, psicografia de Francisco Cândido Xavier, denominado O talismã Divino, também aberto “ao acaso”. Faz a prece final, com um pouco de tristeza. Para ele, “ninguém” apareceu.

No entanto, Pai Joaquim está na casa de Felipe desde o momento em que ele acordou. Ele permaneceu lá com a equipe responsável pelo Evangelho no Lar, pois, **no dia do Culto do Evangelho, uma equipe espiritual permanece, durante todo o dia, preparando o ambiente. O Culto do Evangelho é uma atividade de grande importância para os bons Espíritos.** Induzido por pai Joaquim, Felipe relembra o sonho que tivera e se pergunta: por que não consegui, no início, chegar até a mediunidade? *Porque não se pode querer ajudar ninguém em clima de desarmonia; primeiro, é necessário preparar-se para auxiliar verdadeiramente* — este pensamento lhe vem à mente. Felipe então reflete: “Por que a Mediunidade estava amordaçada? E porque aquelas

palavras escritas de forma errada? Doutrina ispiritista, autoridade, seriedade, respeito, estudo... O que tudo isso significa? Por que essas palavras escritas erradas estavam amordaçando a mediunidade?”

Subitamente, vem a resposta: *a mediunidade não está amordaçada pela Doutrina Espírita, nem pela autoridade moral, nem pela seriedade verdadeira, nem pelo respeito e, muito menos, pelo estudo, pois eles auxiliam a mediunidade. Ela está sufocada pela falsa compreensão do Espiritismo, pela autoridade que é autoritarismo, pela falsa seriedade, que é agressividade, pelo falso respeito que é, na verdade, medo de vivenciar a mediunidade, pelo falso estudo que é apenas teórico e não se transforma em ação.*

Felipe fica chocado com essa explicação tão clara, que surgiu em sua mente e pensa: “Será que estou sendo inspirado? Se pai Joaquim está aqui, porque não aparece?” **Felipe ainda não entende que a mediunidade acontece segundo a nossa necessidade, e não segundo os nossos desejos.**

Felipe lembra então da parte final do seu sonho e reflete: “Porque meus braços ficaram dormentes? Parecia tão fácil desamarrear a Mediunidade, mas os meus braços não se moviam... Por quê?” Pai Joaquim projeta na mente de Felipe a resposta, mas ele não capta. Pai Joaquim tenta então projetar imagens, utilizando-se da vidência de Felipe. E é em vão, pois Felipe está muito agitado com as explicações recebidas e não consegue mais captar as vibrações de pai Joaquim. O guia espiritual o abraça com carinho e diz, sem a pretensão de ser ouvido:

— Descansa, meu filho. Mais tarde estaremos juntos e continuaremos nosso diálogo.

Felipe se deita e, ao se desdobrar, encontra o seu guia. Lembra a frustração de não tê-lo visto no Evangelho, e pensa em reclamar. Pai Joaquim olha-o com seriedade, pois vê seus pensamentos, e diz:

— Filho, não é o capricho que tem de ser atendido, mas a necessidade real da tua evolução. Lembra-te da mensagem de teu Evangelho no lar?

— Sim — diz Felipe, desconcertado. E fala: **Ninguém pode servir a dois senhores.**

— Então observa, meu filho. que não podes servir a Deus e aos teus caprichos. Entendes?

— Sim — diz Felipe, baixando a cabeça.

— Agora, pergunta o que desejas — fala pai Joaquim, com voz amena.

Felipe sorri, pois sabe que seu amigo espiritual não está com raiva, mas apenas se preocupa com seu crescimento moral, com a sua felicidade. — Pai Joaquim, o que significa o sonho que eu tive?

E, quando ia narrar o sonho, seu amigo espiritual o interrompe, sorrindo, e diz:

— Conta-me a parte que não entendeste, porque boa parte já te expliquei.

Felipe se dá conta da origem de suas intuições e acha graça dele mesmo, que pensou estar sozinho durante o Evangelho.

— A Mediunidade está realmente amordaçada? — começa Felipe.

— Sim, meu filho. Infelizmente... As maiores belezas do mundo só existem por causa dela e aqueles que deveriam honrá-la estão amordaçando-a.

— Quem, pai Joaquim? Quem faria isso? — indaga Felipe, sem entender.

— Aqueles que mais a conhecem. Por isso, a prisão é tão tirânica. Eles sabem como expandi-la e sabem como amordaçá-la — responde pai Joaquim, com tristeza.

Felipe sente a tristeza do amigo que tanto ama e pergunta:

— Mas porque eu não tive condições de libertá-la? Parecia tão fácil!

— Sim. Na verdade, é sim muito fácil! Por que você não a libertou?

— fala, devolvendo a pergunta a Felipe.

— Não sei... Meus braços não se moviam...

— O que os tornou imóveis, apáticos? — insiste pai Joaquim.

— O medo — diz Felipe, impressionado com a própria resposta.

— É isso, meu filho. Nós, os Espíritos desencarnados, não podemos sozinhos libertar a mediunidade. Vocês, encarnados, quando entendem que ela está aprisionada, têm medo de agir. Recuam ante a tarefa de libertá-la... Seria tão fácil se vocês, de fato, o quisessem — fala pai Joaquim, com a voz triste.

Felipe, que nunca tinha visto o amigo daquele jeito, pergunta, preocupado:

— Mas isso é tão grave assim?

— É muito mais do que você pode imaginar. **Sem a mediunidade, não haverá convicção da imortalidade, nem compreensão profunda da vida verdadeira, nem fé raciocinada, nem abnegação. O movimento espírita, que deve ser fonte poderosa de espiritualização, materializa-se.** Discute-se, e muito, regras formais e cargos de destaque. Adoram-se palestrantes e médiuns que gostam de se exhibir. Poucos pesquisam com seriedade e vivem com abnegação. Muitos investem na bajulação. É o caminho da porta larga, é querer servir a dois senhores.

Felipe está estarecido. E balbucia, então, mais uma pergunta:

— O que eu poderia fazer?...

— Muito, meu filho. Muito. **Queremos que os jovens deem o exemplo cristão ao movimento. Sem acusações, mas com vivência e compreensão.**

Produziremos muito pela mediunidade dos jovens sinceros e dedicados. Assim, aqueles que amarram a mediunidade, por mais que queiram, não poderão mantê-la sufocada.

Vem à mente de Felipe os diálogos que teve com aquela senhora, simpática e alegre, em contraste com a lembrança de seu olhar de pavor e de tristeza. Lembra-se dela sentada no jardim do centro espírita e, depois, dela sentada em uma cadeira, amarrada por trapos imundos. O coração de Felipe dispara e então ele olha para seu guia espiritual e diz:

— Eu quero fazer parte do grupo de jovens que irá libertá-la! De agora em diante, terei coragem! Psicografarei em casa, terei uma vida equilibrada. Provarei que ela, a Mediunidade, deve falar! E aqueles que me combaterem, os abraçarei por saber que eles ainda não sabem o que estão fazendo.

Pai Joaquim olha-o no fundo dos olhos e pergunta:

— Você está disposto a ser amigo de Jesus?

Felipe entende a profundidade daquela pergunta e responde com coragem:

— Sim, pai Joaquim, não tenho mais medo do testemunho, quero uma chance para provar o meu valor.

Pai Joaquim abraça-o, emocionado.

Após alguns instantes, chega Ivan, que logo percebe as boas energias em que Felipe está envolto. Olha para pai Joaquim e comunicam-se telepaticamente. Ivan sorri, olha para Felipe e diz:

— Vamos. Podemos fazer uma visita antes de ir ao colégio. Estamos com tempo.

Pai Joaquim abraça Felipe mais uma vez. Despedem-se.

Ivan leva Felipe à casa de um conhecido espírita, recém-desencarnado, para conversarem. Ao vê-lo, Felipe se assusta e, sem querer, diz:

— O senhor é muito famoso...

— Eu não posso estar aqui — ele responde.

— Entre e sente, meu amigo de mediunidade. Soube que você aceitou a tarefa, não é verdade? — diz, olhando para Felipe e para Ivan.

— Como o senhor sabe? — pergunta Felipe, surpreso.

— Ora, se você não tivesse aceito, eu não estaria aqui — diz, bem-humorado, provocando uma gargalhada de Ivan e de Felipe.

— É verdade! — reconhece Felipe.

E o médium continua:

— Esse negócio de fama e adoração é uma praga, meu filho. Fuja disso como o diabo foge da cruz! — fala, sorrindo. **Quem adora médium é quase sempre quem tem compromisso com a mediunidade e quer, inconscientemente, o transferir para os outros. É preguiça ou covardia pura.** Se você aceita o elogio, acaba ficando com um vínculo fluídico, que vai lhe perturbar. Muitos literalmente jogavam os Espíritos que eles tinham que ajudar para mim! Tinha até quem quisesse que eu ficasse, também, com o guia espiritual e tudo. Eu não tinha tempo nem para os meus... — conclui, rindo.

Felipe não sabe se fica mais assustado com a orientação que está recebendo ou com a naturalidade e a descontração do famoso médium. Vendo que Felipe está sem palavras, continua:

— Se eu fosse você, começava cedo na tarefa. Se não, depois é um Deus nos acuda! O tempo da encarnação vai acabando, e quase sempre não dá tempo... Depois é só lamento. O que muitos dos nossos amigos mais lamentam é o tempo perdido... Você ainda não perdeu muito, não é mesmo?

Felipe se dá conta de que já deveria ter iniciado sua tarefa mediúnica, mas que vinha adiando, sempre com boas e belas desculpas... Mas como usar suas desculpas com aquele médium, que começou a trabalhar ainda criança e não tinha tempo nem para dormir? Resolve então fazer uma pergunta:

— E como o senhor lidou com o medo?

O médium o olha com carinho e diz:

— O “Senhor” está no céu, não é mesmo? E aqui é só a minha casa.

Sou seu amigo Chico, tá bom?

E, sorrindo, continua:

— Meu filho, quando encarnado dei-me conta de que o mundo nunca me daria a verdadeira felicidade. Órfão, sofri o abandono emocional e o abuso de ser, sem motivo, constantemente surrado. O que me consolou? A presença de minha amada mãe desencarnada! Assim entendi que o consolo espiritual para se lidar com as dores da vida na Terra não era necessário apenas para mim. **Sem a luz do Cristo, os homens vivem como animais. Em vez de trabalharem, lutam para terem mais coisas. Em vez de orar a Deus, disputam qual a melhor religião. Em vez de serem irmãos, perseguem-se uns aos outros. Apenas a luz do Cristo e de nossos anjos guardiões pode nos animar e nos apontar o caminho da verdadeira paz. Não saberia dizer o que seria de mim sem a mediunidade.** O que poso lhe dizer é que a maioria da juventude atual tem grande necessidade de Jesus e, sem sentir seu amor por meio de seus intermediários, os anjos guardiões e os Espíritos amigos, ficarão tão distantes do Mestre, que o Cristo parecerá ser apenas uma lenda. Meu filho, precisamos com urgência da luz do Cristo, em todos os setores de nossa vida, para não perecermos, em nome de uma cultura

que promete trazer felicidade, mas que, na verdade, nos conduz ao abismo de sofrimentos muito longos. **A juventude do mundo deve ser verdadeiramente cristã, ou será a mais infeliz de todos os tempos.** — explica carinhosamente o amigo, com o semblante envolto em suave luz, transmitindo uma coragem firme e pacífica.

Felipe chora discretamente, respira fundo e diz:

— Eu prometo superar os meus medos! O senhor pode me ajudar?

Chico sorri e diz:

— É... Eu acho que isso eu sei fazer.

Ambos sorriem.

— Filho, eu desejo educar os jovens médiuns. O Ivan coordena as atividades. E eu vou ajudar diretamente vocês, na psicografia e na psicofonia. Mas teremos muitos fenômenos. É preciso que vocês, os jovens do século XXI, tenham a coragem dos cristãos do século I. São dois mil anos de aprendizado. Chegou a hora de cristificar a sociedade. A luta vai ser intensa, mas a vitória é certa: a promessa de Jesus será cumprida. A juventude com a mediunidade, guiada pelos bons Espíritos, será capaz de mudar a sociedade.

Não vai ser como foi comigo, pois éramos poucos na tarefa... Agora serão centenas e centenas, e você será um dos que ajudará muito. Seus amigos de tarefa já reencarnaram também e, em cinco anos, teremos psicografias muito interessantes no mundo físico — explica o médium amigo.

Ivan olha para Felipe e ele entende que é hora de partir. Emocionado, se despede. Partem.

No caminho do colégio Allan Kardec, Ivan comenta:

— Não esqueça, amigo: o serviço tem dois lados.

— Como assim?

— Tivemos um momento maravilhoso e muitas informações valiosas lhe foram reveladas, mas também será necessário lidarmos com os amigos difíceis, que tentarão nos confundir.

Felipe lembra o sonho e a conversa com pai Joaquim e diz:

— Vou botar pra lascar!

Ivan olha para ele sem entender e ele acrescenta:

— Vambora lascar as cordas que prendem a mediunidade, Ivan!

Ambos riem. Ivan está feliz. Felipe começa a entender a parte que lhe cabe no trabalho. Chegam ao colégio, parando em frente ao portão.

— Hoje começa uma nova etapa — afirma Ivan. Antes, você não sabia do que se tratava, agora, você tem consciência da responsabilidade que lhe cabe. **A Terra se renova, e precisamos daqueles que entendem a necessidade de se sacrificarem pelo próximo, pelo bem-estar de todos, por amor; sem exibicionismo e sem fama. Eurípedes é um Espírito vinculado diretamente ao Cristo. Kardec é um dos mais evoluídos apóstolos do Mestre. São eles que nos amparam a tarefa. Nada de leviandade no mundo, nada de aventuras doentes.** A partir deste curso, você enfrentará situações difíceis e deverá ter disciplina verdadeira para alcançar a verdadeira alegria e a felicidade indestrutível.

Após uma pausa, Ivan conclui:

— Amigo de trabalho, prepara-te. Não apenas escreverei por ti, mas também desenvolverás a mediunidade de cura. Tua principal tarefa é o amparo aos sofredores e o enfrentamento dos que se fazem inimigos do Cristo.

Despedem-se.

Felipe entra e segue corajosamente o caminho que leva à entrada do Castelo. Na recepção, para sua felicidade, encontra Eurípedes Barsanulfo conversando animadamente com alunos mais novos do que ele. Ao ver Felipe, Eurípedes o chama e lhe apresenta os seus colegas. O clima é de alegria e descontração. Um dos jovens pergunta a Felipe como está seu exercício psicográfico e se ele já encontrou um amigo experiente que acompanhasse suas psicografias.

— Não. Na verdade, ainda não psicografo.

— Mas, pelo padrão de suas energias, é evidente que você tem uma tarefa psicográfica. Ninguém lhe avisou? — indaga o novo amigo de Felipe, que tem dez anos.

— A verdade é que apenas hoje decidi começar a psicografar.

— Então corre, que água parada acumula doença e leite velho apodrece — fala ele, com firmeza e bom humor.

— Quem será esse menino? — pensa Felipe.

— Gabriel, Gabriel Delanne. E sim, já aprendi a ler pensamentos — responde ele e todos riem, inclusive o professor.

— Prazer, eu sou Felipe — responde, alegre.

O clima é de integração e harmonia. Eurípedes se despede e, carinhosamente, avisa:

— Hora de escolher o próximo curso. Sala XXIV. Desta vez, não será necessário instrutor. Após escolher o curso, vocês terão uma hora de intervalo, e depois devem se dirigir à sala indicada.

Todos se despedem.

Ao chegar na sala, Felipe encontra Abelardo e Alessandra. Cumprimentam-se rapidamente e vão procurar um lugar. São mais de mil e duzentos estudantes, todos em silêncio. No momento do início da aula, cada um faz sua prece, silenciosamente. O ambiente é de paz, graças ao silêncio que reina. Todos se sentem leves, tranquilos. Após alguns instantes, Felipe vê uma cena de beleza incomparável. É o momento em que o Cristo convoca Pedro e André para fazer parte do grupo dos apóstolos. Afirma o Cristo: “Hoje, sois pescadores. Farei de vocês pescadores de almas!” Sua voz é límpida, suave e firme. “Como poderia estar vendo aquilo?” — pergunta-se Felipe. Em seguida, ouve uma voz familiar:

— *Deus é misericórdia* — é a voz de Ivan, transmitida telepaticamente.

Pouco a pouco a imagem se desfaz. Felipe abre os olhos, respira fundo, e abre uma tela a sua frente. É hora de escolher o próximo curso.

— *Boa sorte, meu amigo!* — diz Ivan.

A lista é enorme. Em vez de ler todos os títulos, o que acabaria lhe confundindo, Felipe resolve meditar sobre o que seria mais importante entender para desenvolver sua atividade psicográfica. Indaga-se mentalmente:

— Por que ainda não comecei?

— *Medo.*

— Medo de quê?

— *Medo de ser criticado.*

— Por quem?

— *Pelos espíritos, principalmente pelos que dizem conhecer o Espiritismo.*

— Sim, é verdade! Adiei minha tarefa por medo de ser criticado. O que fazer para superar o medo da crítica?

— *Entender aqueles que criticam, compreender-lhes as limitações e os medos.*

— É isso! Estudarei para entender os atuais líderes espíritos!  
— conclui Felipe

Felipe abre os olhos. Está radiante. “Que método fascinante de tomar decisões!” — pensa. Ivan concorda, pois, apesar de estar em outro planeta, foi capaz de se comunicar com Felipe, ajudando-o a ver as respostas que estavam em seu coração. **As respostas sempre estão dentro de nós. Os Espíritos elevados apenas nos ajudam a vê-las.**

**Cursos escolhidos:**

**Felipe — Psicologia dos Líderes Espíritos.**

**Abelardo — A Terapêutica de Vidas Passadas: aprendendo a amar o passado.**

**Alessandra — Técnicas Psicográficas: a captação do pensamento e sua tradução em palavras.**

“Desta vez, irei para uma turma sem conhecidos...” — pensa Felipe.

— *Você abrirá o caminho para os outros. A terapia de vidas passadas, bem como a psicografia, entendidas em profundidade, são temidas pelos atuais dirigentes espíritos. Vocês continuam juntos na mesma tarefa: espiritualizar-se e espiritualizar a Terra — explica Ivan.*

Felipe sorri feliz, ao entender que todos estão ligados na obra do bem e, no momento certo, atuarão juntos.

Hora do intervalo. Todos se reúnem no grande jardim do castelo de Eurípedes. Em meio a todos, Felipe vê Gabriel e aproxima-se. Ele o cumprimenta.

— Parabéns pela escolha. Estaremos juntos no próximo curso — comenta Gabriel.

— Que bom. Gostaria de conhecer melhor sua história. É verdade que você foi um dos continuadores de Kardec?

— Sim. Meu pai se tornou espírita no tempo de Kardec e, desde criança, conheci o Espiritismo teórico e prático, como chamávamos na época.

— O que era chamado de Espiritismo prático?

— Mediunidade, experiências mediúnicas. Você precisaria ver como Kardec era sério e lúcido em relação a reuniões mediúnicas. Permitia a participação nas reuniões apenas de pessoas com interesses sinceros, inclusive adolescentes e crianças. Foi o meu caso. — diz, feliz.

— Você participou de reuniões com Kardec quando ainda era adolescente?! — indaga Felipe, sem acreditar.

— Sim, na minha casa. Mas não fui o único. Na verdade, acho que o codificador preferia trabalhar com os jovens. **A seriedade dele era verdadeira. Por isso, ele sempre foi muito alegre e descontraído.** O comportamento de Kardec sempre gerava um ambiente elevado. Além do mais, frequentemente os jovens de mente educada conseguem excelentes comunicações, sem cair em tantos preconceitos.

— Se isso é verdade, então o movimento espírita atual está indo na contramão...

— Na contramão e vai bater! — completa Delanne, com bom humor.

Ambos riem e Gabriel completa, agora com mais seriedade:

— Por isso farei o curso sobre a psicologia dos dirigentes espíritas. É preciso conhecer a história espiritual deles, saber por que “interpretam” a Doutrina Espírita e a mediunidade de forma tão diferente de Kardec. Apenas com a compreensão do passado espiritual dos atuais dirigentes é que poderemos ajudá-los. Muitos são companheiros valorosos, mas são movidos pelo medo e pelas ilusões do mundo. Prepare-se para grandes emoções!

— Já vi que me meti em um assunto complicado...

— É verdade. Além deste módulo, teremos mais dois. Aconselho você a fazer.

— Por quê? — indaga Felipe, curioso. — Ora, primeiro por causa de sua missão... — E segundo?

— É sempre bom trabalhar com gente preparada... — fala Gabriel, que sorri e o abraça.

Felipe acorda com essa lembrança e com muita motivação. Vai psicografar. Que dirão os amigos? Quem o orientará? Como começar? São questões complicadas. Ele tem certeza que, com a ajuda dos amigos espirituais, encontrará uma solução.

É quinta-feira. Ele se dá conta de que está indo para o colégio Allan Kardec durante a semana, e não apenas no sábado. “Que legal!” — pensa. Arruma-se e vai pensando, no caminho da escola, em como e quando psicografar...

## UM COMEÇO OUSADO

**55. Todos os globos que circulam no espaço são habitados?**

**R. Sim, e o homem terreno está bem longe de ser, como acredita, o primeiro em inteligência, bondade e perfeição. Há, entretanto, homens que se julgam espíritos fortes e imaginam que só este pequeno globo tem o privilégio de ser habitado por seres racionais. Orgulho e vaidade! Crêem que Deus criou o Universo somente para eles.**

*Livro dos Espíritos*

**S**ábado à tarde. Felipe decide tirar a tarde para tentar solucionar o problema do começo de suas psicografias. O que fazer? Não se cansa de perguntar. Resolve estudar a **Revista Espírita** de **Allan Kardec**. Lê os índices das revistas que tem em seu computador. Quem sabe encontra alguma resposta, alguma pista de como começar? Depois de ler sobre a fascinante vida em Júpiter, encontra um relato de Kardec sobre a mediunidade na infância. É a história de Gabriel Delanne! Felipe empolga-se.

Ele encontra este relato na **Revista Espírita** de outubro de 1865, com o seguinte título:

**VARIEDADES  
VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS  
PROFETIZARÃO.**

**O** Sr. Delanne [pai do Gabriel], que muitos de nossos leitores já conhecem, tem um filho com a idade de oito anos [Gabriel Delanne]. Esse menino, que ouve a cada instante falar de Espiritismo em sua família, e que frequentemente assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe, assim se achou iniciado em boa hora na Doutrina, e, às vezes surpreende com a justeza com a qual raciocina os princípios. Isto nada tem de surpreendente, uma vez que é o eco das ideias nas quais foi embalado, e também não é o objetivo desse artigo; o que o trouxe na matéria do fato que vamos reportar é que tem seu propósito nas circunstâncias atuais.

As reuniões do Sr. Delanne são graves, sérias e mantidas com uma ordem perfeita, como devem ser todas aquelas às quais se quer fazer tirar frutos. Se bem que as comunicações escritas ali tenham o primeiro lugar, ocupa-se também acessoriamente, e a título de instrução complementar, de manifestações físicas e tipológicas, mas como ensinamento, e jamais como objeto de curiosidade. Dirigidas com método e recolhimento, e sempre apoiadas em algumas explicações teóricas, estão nas condições desejadas para levar a convicção pela impressão que elas produzem. É em tais condições que as manifestações físicas são realmente úteis; elas falam ao Espírito e impõem silêncio à zombaria; sente-se em presença de um fenômeno do qual se entrevê a profundidade, e que se afasta até da ideia do gracejo. Se essas espécies de manifestações, das quais se tem tanto abusado, tivessem sempre se apresentado dessa maneira, em lugar de ser como divertimento e pretexto de questões fúteis, a crítica não as teria taxado de malabarismos; infelizmente, frequentemente, não se tem senão lhe dado ensejo.

**O filho do Sr. Delanne [o Gabriel] se associa frequentemente a essas manifestações e, influenciado pelo bom exemplo, as considera como coisa séria.**

Um dia, em que se achava na casa de uma pessoa de seu conhecimento, jogavam no pátio da casa com sua pequena prima,

com idade de cinco anos, dois pequenos garotos: um de sete anos, outro de quatro. Uma senhora, moradora do térreo, convidou-os a entrar em sua casa e lhes deu bombons. As crianças, como delas se pensa bem, não se fizeram de rogadas.

Essa senhora disse ao filho do Sr. Delanne:

— Como te chamas, meu filho?

— Eu me chamo Gabriel, senhora.

— Que faz teu pai?

— Senhora, meu pai é Espírita.

— Eu não conheço essa profissão.

— Mas senhora, isso não é uma profissão; meu pai não é pago por isso; ele o faz com desinteresse e para fazer o bem aos homens.

— Meu homenzinho, não sei o que quereis dizer.

— Como! Jamais ouvistes falar das mesas girantes?

— Pois bem, meu amigo: eu muito gostaria que teu pai viesse aqui para fazê-las girar.

— É inútil [não é preciso que ele esteja aqui], senhora; tenho a força de fazê-las girar eu mesmo.

— Então, queres tentar, e me fazer ver como se procede?

— De bom grado, senhora.

Dito isto, sentou-se junto de uma mesinha de salão, e fez colocar seus três pequenos companheiros, e ei-los todos os quatro pousando seriamente suas mãos em cima. **Gabriel fez uma evocação de um tom muito sério e com recolhimento;** apenas terminou-a e, com a grande estupefação da senhora e das crianças, a mesa se levantou e bateu com força.

— Perguntai, senhora, quem vem responder pela mesa — disse Gabriel.

A vizinha interroga e a mesa soletra as palavras: “teu pai”. Essa senhora torna-se pálida de emoção. Ela continua:

— Pois bem! Meu pai, quereis me dizer se devo enviar a carta que acabo de escrever?

— A mesa respondeu: “Sim, sem falta”.

— Para me provar que és bem tu, meu bom pai, quem está aqui, gostaria que me dissésseis há quantos anos morrestes?

— A mesa bateu logo oito golpes bem acentuados. Era justo o número de anos.

— Gostarias de me dizer teu nome e o da cidade onde morreste?

A mesa soletrou esses dois nomes.

As lágrimas jorraram dos olhos dessa senhora que não pôde continuar, tanto foi alterada por essa revelação e dominada pela emoção(...)

**De resto, não é a primeira vez que a mediunidade se revela nas crianças, na intimidade das famílias. Não é isso o cumprimento desta palavra profética:**

*Vossos filhos e vossas filhas profetizarão?*

*Atos dos Apóstolos, cap. II, v. 17.*

Felipe mal pode acreditar! *“A coragem de Gabriel e o amparo espiritual dele é surpreendente. E que sorte, seu pai realizava reuniões sérias em sua casa!”* — pensa Felipe, que se dá conta de algo curioso: *“Por que será que ele se apresenta com dez anos? Será que ele está também encarnado?! Ah, isso eu vou descobrir...”* Pensando isso, Felipe volta ao seu problema central: como iniciar a prática da psicografia.

Ele sabe que não deve fazê-lo sem a orientação de alguém experiente. Mas quem? Se for ao centro espírita que conhece, vão chamá-lo de louco. Vão proibir, em vez de apoiar. Eles agem diferente de Kardec em relação a mediunidade. Será que eles sabem como o codificador agiu com Gabriel Delanne? Entristece-se um pouco, mas lembra de Chico e sente que, de alguma forma, será ajudado. Resolve continuar estudando. Subitamente, lhe vem uma ideia: por que não procurar na internet? Quem sabe encontraria alguém que o pudesse ajudar?

Felipe pesquisa vários sites e fóruns, que são muito bons, mas encontrar alguém que lhe possa orientar é outra história. Está quase desistindo, quando um nome lhe chama a atenção e resolve entrar no site. Lê artigos, assiste alguns vídeos, tudo lhe parece interessante. Felipe pensa: “Será que alguém desse grupo poderia me ajudar? Quem sabe ali farei amigos que tenham as mesmas experiências? Eles falam de Eurípedes Barsanulfo... Seriam seguidores honestos? Apoiariam a mediunidade em jovens?”

Resolve enviar um e-mail falando de seu interesse. Não custava nada... Quem sabe não responderiam? Teria encontrado amigos de Eurípedes no mundo? Ao ler a mensagem de Eurípedes no site, falando da Nova Geração, teve a sensação de ter encontrado o Colégio Allan Kardec virtual.

## UMA DESCOBERTA FELIZ

**B**em-aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem, e quando vos separarem, e carregarem de injúrias, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do Homem. Folgai naquele dia, e exultai; porque, olha, que grande é o vosso galardão no céu; porque desta maneira tratavam aos profetas os pais deles.

*Lucas, VI: 22-23, citado em Evangelho Segundo o Espiritismo*

Anoitece. Felipe resolve ir ao cinema assistir ao filme **As Mães de Chico Xavier**.

Emociona-se. Quem sabe um dia não faria algo parecido? Chega em casa exausto, dormindo sem tomar banho. Ivan, que o acompanhava, não comenta nada, afinal é o livre arbítrio. Desdobra-se e, ao ver Ivan, empolga-se:

— Ivan, está tudo dando certo! — fala, com alegria.

— Que bom! — responde o amigo.

— Você não imagina o que eu encontrei!

— Deixe-me adivinhar... Um site em que médiuns com interesses sérios encontram amigos experientes, orientações de estudo e apoio na avaliação de seus exercícios psicográficos?

— Como você sabe? Você estava comigo na hora em que eu navegava?

— Sim. Mas a verdade é que coordeno o Grupo Marcos com o amparo de Eurípedes Barsanulfo e de uma grande equipe espiritual.

— Que legal! Quer dizer que você irá se comunicar comigo por meio dos trabalhadores do grupo Marcos?!

— Sim, mas não apenas eu. Existem muitos trabalhadores envolvidos na tarefa da educação espírita, inclusive Eurípedes e os demais professores do colégio Allan Kardec.

— Que ideia sensacional!

— É verdade! Você imagina a origem dessa ideia? E quem foi o Espírito que primeiro a aplicou? — fala Ivan, desafiando a imaginação de Felipe.

— Juro que não... Será que foi Bezerra de Menezes? Mas na época dele não tinha nem telefone, imagina internet... — pensa Felipe.

— Qual a origem da ideia? — pergunta Ivan mais uma vez.

E ante o silêncio de Felipe, Ivan responde:

— Jesus! E quem a aplicou? Paulo de Tarso! — Jesus?! Paulo de Tarso? O apóstolo Paulo... Felipe está sem entender nada.

— Sim! Quando as comunidades cristãs aumentaram, o apóstolo vivia aflito por não conseguir atender o pedido de ajuda de todos. Muitos precisavam de orientações, outros queriam amparo e consolo, alguns não sabiam como organizar suas reuniões de contato espiritual, outros pediam ajuda para iniciar atividades assistenciais....

— Mas tenho certeza que não existia internet... — fala Felipe, confuso.

— Calma. Não existia internet, é verdade. Mas deixe-me terminar a história e você entenderá. Paulo orava muito em busca de uma solução. Ele sempre se preocupou em cumprir fielmente seu dever com o Cristo e sabia que deveria auxiliar na difusão do Evangelho. Um dia, em um belo fenômeno mediúnico, o Cristo aparece a Paulo e lhe explica que é indispensável manter o coração em paz, em qualquer circunstância. Paulo pede-lhe ajuda para solucionar o problema que parecia sem solução... E, entre outras coisas, o Cristo lhe diz que escreva aos irmãos de ideal que lhe buscam, quando não puder ir pessoalmente...

— Entendi! Genial! A carta era a internet da época! Espírito evoluído, além de gente boa, é muito inteligente! — fala Felipe, empolgado.

— É verdade, a evolução é intelectual e emocional! A tarefa ampliou-se e Paulo escrevia inspirado por Estevão. E,

inteligentemente, preferiu trabalhar em grupo, isto é, não assumiu a tarefa sozinho, pois médium nenhum é perfeito para captar todo tipo de mensagem. Onde estivesse, ele reunia um grupo com bons médiuns, orava, lia os pedidos de orientação para o grupo, debatia os temas e depois escreviam as orientações, inspirados por Estevão. Assim faremos pela internet, à medida que mais e mais pessoas se unirem ao grupo. A isso o Cristo chama utilizar o poder do Espírito! É a projeção do pensamento potencializado pelas vibrações de quem o emite.

Felipe mal acredita no que ouve. Como o Cristo é inteligente! E ele se beneficiará dessa ideia maravilhosa, dois mil anos depois. Terá apoio de um grupo de amigos encarnados e desencarnados em sua tarefa espírita, que é o que mais precisa agora.

— Abnegação e disciplina. — responde Ivan, ao captar seu pensamento.

Ambos riem.

— Vamos, está na hora de nossa visita. — afirma Ivan.

— Para onde vamos?

— Surpresa! — diz Ivan, sorrindo.

Vão visitar Arnaldo, um dedicado trabalhador do grupo Marcos.

A casa de Arnaldo encanta pela beleza artística e pela ousadia de sua arquitetura. Ele os espera, no jardim. Ao entrarem, ele os cumprimenta, abraça-os e convida-os a sentarem. Olhando para Felipe, afirma:

— Em outra ocasião, lhe mostrarei minha casa. Temos pouco tempo, então vamos aproveitar para conversar um pouco sobre nosso trabalho.

Felipe olha para Ivan, em busca de alguma orientação.

— Felipe, ouça com atenção nosso amigo Arnaldo. Caso você concorde, ele irá prepará-lo para que trabalhem juntos.

— Mas eu queria trabalhar com você e com pai Joaquim... — fala Felipe, espontaneamente.

— Meu amigo, por muito tempo trabalharemos juntos. Isso não impede você der conhecer e também trabalhar com outras pessoas, desde que estejamos na mesma sintonia. Afinal, você

não vai querer se tornar meu dono nem do Pai Joaquim, não é? Não esqueça: um exclusivismo leva a outro.

Felipe se da conta da besteira que falou e pede desculpas a Ivan e a Arnaldo.

— Tudo bem, responde Arnaldo. **Desde que tenha entendido que o trabalho com o Cristo envolve a criação de laços fluídicos com centenas de companheiros de ideal, que são laços de amor, respeito e amizade, sem exclusivismo e disputas tolas... Certo?**

— Certo! — diz Felipe, que tem a grande virtude de reconhecer seus erros.

Arnaldo silencia um pouco, organiza as ideias, e diz.

— Amigo, preciso de alguns médiuns que tenham a coragem de psicografar meus escritos. Tenho, por tarefa, escrever sobre os mundos superiores, mas não por mera distração. Quando se entende o que significa uma sociedade superior, tem-se um modelo a ser seguido na Terra. Desejo escrever sobre várias sociedades para ajudar o pensamento humano a se desligar de tantas buscas inferiores. É preciso investir seriamente na construção da **Civilização do Espírito**. Esse tipo de psicografia parece simples e mesmo agradável ao médium, mas a verdade é que os médiuns temem. Quando cito a vida em sociedades superiores, os médiuns assustam-se, param de escrever a mensagem e eu fico literalmente “falando sozinho”.

— Mas... por quê? — indaga Felipe, sem entender.

— Eles temem. Têm muito medo do que os outros vão dizer, têm verdadeiro pavor de serem chamados de loucos ou mentirosos. Se eles tivessem coragem de, pelo menos, escrever a mensagem e pedir a opinião de pessoas sérias e preparadas para avaliar... Mas eles bloqueiam.

— Felipe, gostaríamos que você se preparasse para, no futuro, receber estas mensagens. Mas não será apenas você, pois psicografaremos essas mensagens por dezenas de médiuns.

— Assim, atenderemos aos critérios de Allan Kardec: a lógica e a multiplicidade do ensino dos Espíritos — explica Ivan.

— Eu topo! Agora, com o apoio do colégio Allan Kardec virtual, sei que conseguirei.

Arnaldo levanta-se e diz:

— Vamos, quero lhe mostrar as primeiras imagens.

Ivan e Felipe seguem Arnaldo e vão a uma das salas de sua casa.

Em uma tela de 360 graus, Felipe observa uma sociedade evoluída.

— É magnífico! — exclama Felipe.

— É Júpiter — explica Arnaldo.

Harmonia é a palavra que surge na mente de Felipe. É uma sociedade dinâmica, mas não há correria. Jardins, lagos, casas belíssimas. A paz e a alegria de seus habitantes é o que mais chama a atenção de Felipe. Ele observa equipamentos eletrônicos, casas que flutuam, instituições que parecem ser de vidro e que refletem a luz solar, em forma de variados arco-íris, animais belíssimos...

Felipe, envolvido por tanta beleza, fecha os olhos e, induzido por Arnaldo, começa a sentir o ambiente espiritual daquela civilização. O ar é tonificante. Sente-se muita paz e muita disposição. A vontade de Felipe é permanecer naquele estado. Ivan então toca-lhe no ombro, e ele abre os olhos. Arnaldo diz:

— Muito bom! Você já começou a captar a sintonia de Júpiter.

Felipe, enxugando as lágrimas, agradece sorrindo.

## A VANGUARDA DO BEM

**C**hegastes no tempo em que se cumprirão as profecias referentes à transformação da Humanidade. Felizes serão os que tiverem trabalhado o campo do Senhor com desinteresse, e movidos apenas pela caridade! Suas jornadas de trabalho serão pagas ao cêntuplo que tenham esperado. Felizes serão os que houverem dito a se irmãos: *"Trabalhemos juntos, e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, na sua vinda, encontre a obra acabada"*, porque esses o Senhor dirá: *"Vinde a mim, vós que sois os bons servidor vós que soubestes calar os vossos melindres e as vossas discórdias para que a obra não sofresse!"*

*Espírito da Verdade, Evangelho Segundo o Espiritismo.*

Ao acordar, Felipe lembra de tudo e se emociona. Seria verdade? Estaria ele engajado em um trabalho de implantação do bem na Terra? Ele ajudaria na transformação da humanidade? Sua mente fervilhava com essas questões. Senta-se e faz uma oração, pedindo ajuda. Abre então o **Evangelho Segundo o Espiritismo**, Capítulo XX, Item 4, **Missão dos Espíritas** e se empolga ao ler esta bela mensagem do Espírito de Erasto, um discípulo de Paulo. São 10 horas, domingo. Felipe decide ir à praia com alguns amigos.

Diverte-se, mas está um pouco desligado, pensativo. Como vai ser bom ter amigos que possam compartilhar suas experiências mediúnicas e que entendam quanta coisa importante está acontecendo no mundo. Volta para casa com os pais de Lara, que foram para a praia com eles e outros amigos do colégio.

À tarde, Felipe resolve conhecer melhor a página do grupo Marcos. Para sua alegria, encontra uma mensagem de Ivan falando sobre o grupo Marcos. Lê também uma mensagem de

Eurípedes, que já conhecia, mas que adquire agora um significado mais profundo. Nessa mensagem, o amigo espiritual fala sobre a reencarnação de Espíritos muito elevados no mundo, que transformarão a Terra, e a obrigação dos espíritas em renovar seus métodos de ensino nos centros espíritas.

Felipe pensa, por um instante: “E se tudo for apenas minha imaginação?”. Resolve então utilizar os critérios de Kardec, abrindo em seu computador o **Livro dos Médiuns** e procurando algo que lhe ajude a melhor analisar a mensagem de Eurípedes Barsanulfo. Estuda, no **capítulo XXIV**, o item **Como distinguir os Espíritos bons e maus**. Kardec fala sobre a linguagem, ou seja, a maneira de um Espírito bom e de um Espírito mau se expressarem. Fala sobre o conteúdo dos ensinamentos dos Espíritos elevados, que estão sempre preocupados com a educação espiritual das pessoas. Uma orientação de São Luís, o anjo guardião da Sociedade Parisiense de Estudo Espíritas, chama a atenção de Felipe:

*Por maior que seja a legítima confiança que inspira os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, há uma recomendação que nunca será por demais repetida e que deveis tê-la sempre presente em vossa mente, quando vos entregardes aos vossos estudos: pesai e amadurecei; submetei ao controle da mais severa razão a totalidade das comunicações que receberdes; não hesiteis, desde que uma resposta vos pareça duvidosa ou obscura, de demandar os esclarecimentos necessários para fixá-la*

*Kardec, Allan. Revista Espírita, setembro de 1859, p. 341*

Felipe se convence de que nenhum Espírito superior fica com raiva quando suas comunicações são avaliadas com rigoroso critério. Por isso, decide prosseguir em sua investigação. Quer saber se, de fato, vive um período histórico excepcional, em que muitos Espíritos elevados estão reencarnados para transformar a humanidade. Decide pesquisar em outras obras da codificação. Não tem dúvida de que a comunicação de Eurípedes Barsanulfo tem uma linguagem séria e elevada, mas como confirmar essa

informação específica? Encontra na última obra básica publicada por Kardec, **A Gênese**, a chave para resolver o enigma: ela está em seu último capítulo, em que o codificador fala sobre **A Nova Geração**, que são os Espíritos de que fala Eurípedes em sua mensagem. A Terra se renovará por meio da reencarnação de milhares de Espíritos evoluídos, e todos devem colaborar com eles! Basta apenas mais uma questão para termos certeza de que a Nova Geração está encarnada: a multiplicidade das mensagens. Ensina Kardec que, quando uma nova revelação for dada à humanidade, muitos médiuns receberão mensagens a confirmando. Felipe resolve pesquisar e, para sua alegria, encontra várias mensagens de diversos médiuns sérios, de diferentes estados do Brasil, sobre a Nova Geração. Entre elas, lhe chama atenção uma mensagem de Léon Denis, no site do Grupo Marcos. Emociona-se com a leitura.

Sim, estamos vivendo um período grandioso da história da humanidade! Felipe finalmente compreende isso.

Ao dormir, Felipe encontra Ivan e pai Joaquim. Pela primeira vez, desde que iniciou suas experiências mediúnicas, Felipe sente como é importante sua dedicação ao Bem. Olha então para pai Joaquim e pergunta:

— É verdade tudo o que descobri sobre a Nova Geração?

— Segundo todos os critérios de Kardec, sim. Mas você já sabe disso. Por que me pergunta? — responde o amigo espiritual.

— Não Sei... Na verdade é tudo tão grandioso, tão emocionante, que às vezes duvido.

— Entendo, meu filho. **Aceitar o amor de Deus, às vezes, é difícil, mas o bom senso nos diz que o Pai nunca deixa seus filhos órfãos. A hora chegou em que a miséria material, a solidão, o abandono dos mais fracos e o abuso da natureza devem cessar. Deus nunca emprega a violência para educar os filhos que ama. Ele envia, neste momento, Espíritos valorosos que irão, pelo exemplo e pelas realizações científicas e sociais, mostrar o caminho da sabedoria.** Todos que quiserem, apesar dos erros já cometidos, poderão aprender com eles e, no futuro, viverem em uma sociedade muito superior à atual!

— Que emocionante!

— Mas a cada um segundo as suas obras! — comenta pai Joaquim.

Felipe entende então que, além da empolgação saudável, ele deve doar algo de seu.

— Quero trabalhar mais. Vou dedicar a maior parte de minha vida à tarefa da educação espiritual.

— Sim — concorda pai Joaquim, sem nenhum espanto. Isso está em sua programação reencarnatória.

— Minha programação?!

— Sim. Você não acha que reencarnou como bicho, acha meu filho?

Ivan sorri alegremente ao ouvir a afirmação espontânea de pai Joaquim, ante o espanto de Felipe, que ainda não tinha se dado conta de que tem uma programação espiritual a cumprir.

— Lembra-se do trecho da mensagem de Eurípedes, que diz que os novos reencarnantes devem conhecer suas missões na Terra? — continua pai Joaquim.

— Sim, mas eu não sou um Espírito superior, que vem reformar o mundo...

— **Não é Espírito superior, mas deve ser Espírito trabalhador!** — comenta pai Joaquim, com bom humor. Vamos mostrar como, trabalhando em conjunto, podemos ajudar os reencarnados a lembrar de suas programações espirituais. Que tal começarmos com você?

— Comigo?

— E por que não? Você está com medo?

— Na verdade, estou.

— Ótimo! Assim, também lhe ensinamos a lidar com o medo! — conclui pai Joaquim, sorrindo.

“Ele realmente está bem-humorado” — pensa Ivan. Em seguida, fala:

— Você quer conhecer nosso centro de planejamento reencarnatório?

Pai Joaquim olha para Felipe, aguardando uma resposta:

— Sim!

E assim partem, felizes.

Chegam a uma construção, próxima ao Colégio Allan Kardec. Parece um moderno laboratório. A construção faz parte de um projeto amplo e integrado, dirigido por Eurípedes.

— Como você lerá no livro **Meu Amigo: Eurípedes Barsanulfo**, uma característica de nosso diretor é a integração entre educação, saúde e espiritualidade, obviamente incluindo uma intensa vivência mediúnica — explica Ivan.

Entram então em uma sala de arquivos eletrônicos. Toda a sala é feita de um material transparente, como de um vidro suavemente esverdeado. Ivan localiza o arquivo que contém os dados do planejamento de Felipe e diz:

— Observe as características centrais de seu planejamento, para que possamos discuti-lo. Depois, quando você estiver em estado de vigília, utilizaremos os métodos adequados para relembrá-lo do que leu.

— Não basta você me mostrar aqui e eu me lembrar quando acordar?

— Na verdade, não. Primeiro, porque nem sempre você lembrará de tudo. Segundo, porque aplicaremos o método que você aplicou em relação às mensagens sobre a Nova Geração.

— Qual? — pergunta Felipe, curioso.

— **O da multiplicidade de fontes!** Várias fontes confirmando uma informação importante. Informaremos aos interessados em cumprir seriamente sua missão na Terra seu planejamento por meio de três meios principais: sonhos, regressão ao momento do planejamento e informação mediúnicas, além, obviamente, da intuição e da inspiração direta.

— Não vai nem ter como duvidar! — fala Felipe.

— Exatamente. Queremos dar todas as condições aos de boa vontade para cumprirem o compromisso que assumiram antes da reencarnação. **Será necessário uma verdadeira renúncia; por isso, o Cristo nos autoriza a orientar tão diretamente todos os dedicados trabalhadores.**

— Vamos começar! — pede Felipe, que a essa altura está curiosíssimo para saber no que ele se meteu.

— Não vamos estudar o seu passado agora, mas **é importante** você saber que toda programação espiritual considera o passado

de cada um de nós, nossos erros e acertos. Além disso, nunca planejamos tarefas impossíveis de serem cumpridas. Como ensina Jesus: Deus não põe um fardo pesado em ombros fracos.

— E qual a minha primeira tarefa, ou melhor, qual a principal tarefa que tenho no mundo?

— Vejamos... — diz Ivan, tocando em um aparelho que projeta um diagrama em três dimensões, o qual sintetiza a programação de Felipe.

**Espiritualização e autoespiritualização por meio da renúncia e da mediunidade.**

— O que isso quer dizer? — pergunta Felipe, ao ler esta frase no centro do desenho.

— Trabalho! Trabalho de educação, vinculado à mediunidade e ao autoconhecimento.

— Deverei, então, fazer psicologia?

— Não necessariamente. Esta decisão não é essencial à sua programação. Se, por um lado, o curso acadêmico de psicologia pode ajudar, por outro, pode estimular muitos medos e preconceitos. Certamente, você deverá fazer um curso universitário, mas poderá escolher outra área como, por exemplo, direito ou áreas afins. Não se iluda: diploma não traz autoconhecimento. Sua missão tem como tema central: espiritualização por meio do autoconhecimento, auxiliado pela mediunidade, e, como consequência, auxílio ao movimento espírita para mudar seus padrões — explica Ivan.

Felipe está impressionado. Tudo é ao mesmo tempo simples e desafiador.

— Filho — fala pai Joaquim, que acompanha tudo, em silêncio, — você precisa se preparar para vencer muitos preconceitos sociais. **É preciso mostrar aos irmãos espíritas, de forma amigável, que não devemos temer nem a mediunidade, nem o conhecimento de nossos compromissos espirituais.** Para isso, além da preparação intelectual, você precisará preparar o coração. Alguns espíritas estão muito bem preparados intelectualmente, mas o que mais temem é serem criticados e, por isso, se acomodam e não ajudam os menos esclarecidos. Veja os principais obstáculos que você deve enfrentar...

Ao dizer isso, o Espírito amigo aponta para uma das dimensões do diagrama, que se expande e torna visíveis as dificuldades a serem enfrentadas: preconceito, acomodação, ameaças veladas e insinuações de loucura pelos dirigentes espíritas. Como se não percebesse o olhar de susto de Felipe, pai Joaquim continua:

— Você deverá ser capaz de discernir as críticas construtivas das armadilhas desestimuladoras dos espíritas equivocados.

Pai Joaquim toca mais uma vez no diagrama, que desvela uma camada abaixo desses desafios, a qual revela os sentimentos que devem ser educados para vencer esses dois desafios: medo e vaidade.

— O bem não dispensa planejamento inteligente. Sabemos seus principais desafios, suas fraquezas emocionais e como fortalecê-lo para ter uma encarnação vitoriosa. Assim é com você e com milhares de outros Espíritos. O que falta é apenas o desejo sincero de evoluir. Deus é sempre misericordioso — conclui pai Joaquim.

Felipe contempla pai Joaquim, um ex-escravo que traz em sua bagagem espiritual uma sabedoria imortal, que data muito antes da Era cristã.

— Nunca pensei que tudo fosse tão bem organizado, que tivesse um planejamento que considera meus desafios, minhas virtudes e minhas fraquezas, além de analisar os tipos de ameaças e pessoas com as quais eu terei que conviver... — fala Felipe.

— Assim acontece com a maioria dos espíritas, mesmo dentre os dirigentes. **Fala-se sempre em planejamento reencarnatório, mas poucos entendem a profundidade desse planejamento e a importância de conhecê-los detalhadamente. A maioria dos “doutores” em Espiritismo desconhecem o próprio planejamento.** Curiosamente, muitos falam de reencarnação e do planejamento, mas são contra conhecê-los. São os velhos sacerdotes que se acostumaram comodamente a dizer “isso está nos mistérios”, em vez de investigarem. Certamente existem coisas que os encarnados não têm condições de saber, como entender detalhadamente a origem do universo ou a essência do Criador, mas conhecer a própria programação reencarnatória é elementar! — explica Ivan.

— Mas por que eles agem assim? — pergunta Felipe.

— Por medo, meu filho — diz pai Joaquim.

— Medo de quê?

— Medo de serem chamados de loucos pelos “sacerdotes” espíritas e, principalmente, medo de terem que assumir as próprias responsabilidades — explica pai Joaquim.

— “Sacerdotes” espíritas?

— Refiro-me, Felipe, a Espíritos que militaram nas religiões oficiais por milênios e que continuam apegados ao poder, ao status, a decidirem o que pode e o que não pode, segundo seus caprichos. Esses irmãos receberam do Cristo uma valiosa oportunidade de conhecer o Espiritismo. Infelizmente, muitos não venceram o “velho homem” e querem manter-se no poder, em evidência, condenando tudo que é diferente de suas antigas religiões ou que poderia comprometer-lhes a ilusória posição de mando.

— Qual a relação disso com a minha programação reencarnatória?

— São eles que serão a fonte de seus testemunhos — explica Ivan, com naturalidade. É importante que você entenda que eles não são seus inimigos. Apenas agem como agiram no passado. Não conseguiram superar a si mesmos; por isso, lhe combaterão com as armas que sempre usaram: a calúnia, a ameaça e insinuações de perturbação espiritual. São Espíritos viciados em “jogos de poder” e não aceitam uma proposta verdadeira de autoconhecimento vinculada à mediunidade, mesmo sendo trabalhadores espíritas.

— Mas são todos assim? — pergunta Felipe, assustado.

— Na verdade, não. Mas a maioria dos espíritas encarnados teme causar polêmicas e preferem comodamente seguir esses “sábios”, em vez de consultar a codificação e de observar atentamente o exemplo de Eurípedes Barsanulfo, a quem Chico Xavier chamava de Apóstolo. Eles afirmam respeitar Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo, mas não seguem seus exemplos. Vivem mais para o institucionalismo do que para o cristianismo.

— Como assim, “institucionalismo”?

— Chico Xavier, por exemplo, psicografava em casa. Para muitos, isso é perigoso e deve ser totalmente proibido, sendo que o certo é avaliar cada caso, e não criar uma regra absurda. O mesmo vale para a idade de participação em reuniões mediúnicas. Yvonne Pereira e Chico Xavier começaram a psicografar ainda adolescentes, e esses exemplos ainda não foram entendidos. Isso é institucionalismo: as regras externas são mais importantes do que as Leis de Deus — conclui Ivan.

— Mas como eu vou lidar com tudo isso, sendo apenas um jovem? — pergunta Felipe.

— Entendendo e servindo. Ou seja, aceitando as pessoas como elas são. **Os dirigentes a que me refiro não mudarão instantaneamente, por isso você terá que entendê-los, auxiliá-los em suas preces e não permitir que eles te afastem de tua missão. Execute a parte que te cabe na obra de renovação!**

— Vejo agora a importância de entender meus compromissos espirituais... É muito fácil seguir conselhos que me levariam para a comodidade!

— Exatamente. — diz Ivan, feliz. Por isso queremos que você e os jovens trabalhadores do movimento descubram seus compromissos com o Cristo e com a própria consciência, para que não falhem e não se tornem infelizes. Vamos agora nos encontrar com um estudioso do movimento espírita. Assim, você terá a oportunidade de aprofundar sua compreensão sobre os dirigentes espíritas.

Pai Joaquim, Ivan e Felipe se dirigem a um jardim localizado próximo ao centro de estudos e lá encontram, para alegria de Felipe, José Herculano Pires, que os aguarda enquanto escreve. Ao vê-lo, José sorri, levanta-se e vai abraçá-los. Após uma conversa inicial, Ivan, dirigindo-se a Felipe, diz:

— Temos dez minutos. Aproveite!

Ao notar que Felipe ainda não se recuperara do susto em encontrá-lo, José inicia a conversa:

— Sabe Felipe, sempre adorei borboletas. Elas não são apenas o símbolo da transformação. Para mim, elas são o símbolo e a prova de que a esperança se realiza. Imagine como um animal amorfo e sem beleza pode se tornar um belo ser como esse! — diz, apontando para uma bela borboleta, que pousa em sua mão.

Observe: ela é a prova do amor de Deus, a prova de que todos nós, apesar de nossas feiuras espirituais, podemos nos tornar belos e voar! Alçar voo ao infinito! Sempre amei esses seres, que nos lembram que devemos tornar nossas potencialidades em realidade.

Felipe está encantado.

— Nunca pensei dessa forma!

— Assim será com o nosso tão amado movimento! Nesse momento, ele parece abatido, lento e feio. Mas não duvide. Ele está muito próximo de surpreender o mundo com sua beleza e com seu poder de ação, fundado em algo aparentemente sem força: o amor e a devoção, orientados pelos Espíritos superiores, por meio da mediunidade cristã. Você entende porque é tão importante que os encarnados conheçam melhor a função da mediunidade?

— Agora eu entendo. Mas por que tantos estudiosos se tornam perseguidores da mediunidade na juventude?

— Eles temem o novo! **Temem se perderem em um mundo que muda constantemente, e a juventude é o que mais representa mudança. Alguns temem que a Doutrina Espírita seja deixada para trás. Eles não entenderam que o Espiritismo é a estrutura intelectual e moral do futuro, e que ele nada tem a perder com o avanço da humanidade. Todos os avanços científicos e sociais irão demonstrar o valor do Espiritismo, e nunca diminuí-lo.** Allan Kardec compreendeu isso mais do que ninguém; hoje, porém, os atuais dirigentes, que lutam por cargos e status, não têm olhos de ver que a verdade espírita irá se difundir e se aprofundar no século XXI, para orientar a construção da **Civilização do Espírito**. São como os fariseus à época do Cristo: incapazes de entender que só teriam a ganhar em seguir o Cristo, preferiram ficar com a antiga tradição. No caso do movimento espírita, isso é mais grave, pois os mesmos que combatem a educação mediúnica dos jovens, a estruturação de estudos mais dinâmicos e vivenciais, afirmam-se espíritas e dizem defender o Espiritismo com suas posições ultrapassadas, que nunca foram espíritas.

— Mas como eu posso lidar com eles?

— É fácil... se você estudar Kardec. A cada opinião ou ideia que lhe apresentarem, indague: **onde está a base disso na**

**codificação?** Se você não conseguir encontrar, indague a um amigo, que pode ser, inclusive, um amigo do Grupo Marcos — conclui, sorrindo.

— Mas você também participa desse grupo?

— Como poderia não apoiar uma iniciativa que tem por meta a real valorização da codificação? **É importante você entender que o grupo Marcos não é um grupo “guru”. Não! Não peça simplesmente uma resposta, questione sempre onde encontrar na Codificação e na Revista Espírita a resposta que você precisa. Você entendeu?**

— Sim, entendi. Não vou simplesmente aceitar uma opinião.

— Exatamente. Esse hábito dos atuais espíritas em se orientar pela opinião dos “famosos” é algo negativo, principalmente quando se confunde fama com conhecimento doutrinário. Infelizmente, muito palestrante “modelo” é mais modelo do que espírita... — conclui, sorrindo.

— Mas é errado pedir uma opinião?

— Não, claro que não. Mas você não deve se tornar um pedinte de orientação. Quando você indaga por uma fonte de estudo, você se torna um companheiro de aprendizado. Em vez de adoração vazia, teremos companheirismo de aprendizado. Esse é o paradigma de educação que defendemos. O Ivan, com ajuda de uma imensa equipe espiritual, desenvolveu um excelente método de ensino espírita, que auxiliará muito o movimento a compreender o que é educação intelecto-moral.

— É hora de ir! — diz pai Joaquim.

Ivan, pai Joaquim e Felipe agradecem ao amigo pela atenção. Abraçam-se e despedem-se.

Os olhos de Felipe brilham de alegria pelo encontro. Andam pelas ruas da cidade de Felipe. É madrugada. Tudo está calmo. Ivan comenta:

— Há cem anos, ninguém acreditaria em tudo que hoje é um fato do dia a dia: meios de transporte, formas de comunicação virtual, técnicas médicas. Em cinquenta anos, as experiências mediúnicas estarão estabelecidas e muitos dirão a mesma coisa. A grande diferença é que a mediunidade atuará como canal espiritualizador do ser encarnado, e isso alterará a política, os

costumes, as famílias... Uma nova sociedade surgirá: mais dinâmica, mais alegre, mais criativa. É o surgimento da sociedade cristã, em seu sentido pleno. É a obra do Cristo tornando-se realidade no mundo terreno, de forma definitiva.

Felipe acorda, ainda ouvindo as últimas palavras de Ivan: “uma sociedade mais dinâmica, alegre, criativa... cristã”. É terça-feira. **Felipe começa a entender que todos os dias são valiosas oportunidades de aprendizado espiritual.**

## O INÍCIO DA LIBERTAÇÃO

**D**eus faz, neste momento, a enumeração dos seus servidores fiéis. E já marcou pelo seu dedo os que só têm a aparência do devotamento, para que não usurpem o salário dos servidores corajosos. Porque é a esses, que não recuaram diante de sua tarefa, que vai confiar os postos mais difíceis, na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. E estas palavras se cumprirão: "Os primeiros serão últimos, e os últimos serão os primeiros no Reino dos Céus!"

*Espírito da Verdade, Evangelho Segundo o Espiritismo*

Felipe está em seu Culto do Evangelho. Abre “ao acaso” o **Evangelho Segundo o Espiritismo** e vê a mensagem **Obreiros do Senhor** no capítulo XX, **Trabalhadores da Última hora**. Após a leitura em voz alta, vê pai Joaquim e Gabriel ao seu lado. Eleva o pensamento, concentra-se. Quer conversar com eles. Gabriel se adianta e diz:

— Não é bonita essa mensagem?

— É... — responde Felipe, sem entender o que ele quis dizer.

— Filho, vim aqui com Gabriel para te fazer um convite — fala pai Joaquim.

— Qual? — responde Felipe, que não consegue imaginar o que seja.

— Gostaria que você se juntasse ao Gabriel para formar um grupo espírita.

— Mas... — responde Felipe, emocionado. Ele, quero dizer... Você está encarnado?! — fala, olhando para Gabriel.

— Claro! — diz sorrindo. Tenho dez anos.

— O que eu preciso fazer? — indaga Felipe, que já aprendeu que toda oportunidade exige sempre mais trabalho e dedicação.

— É preciso entender a mensagem que você acaba de ler. Entender que o momento de transformação chegou. É hora de sacrifício pessoal e de calar as discórdias e os ciúmes. Será preciso muito esforço e muita compreensão. Muitos criticarão vocês por inveja; muitos por outros interesses inferiores. Sua primeira obrigação será fazer os três módulos sobre a psicologia dos dirigentes espíritas. Além do “Introdutório”, teremos “Medo e Mediunidade”, nos quais você já está matriculado.

Depois, vocês se encontrarão, “por acaso”, no mundo.

Gabriel olha para Felipe com atenção, aguardando sua resposta.

— Aceito! — responde Felipe, com entusiasmo.

— Excelente! — fala Gabriel, pulando no pescoço de Felipe para abraçá-lo.

Gabriel inspira a prece final do Evangelho do Lar, feita por Felipe. Um grande número de jovens estudantes do Espiritismo e Espíritos necessitados, ali socorridos, ouviam tudo emocionados.

*Deus, que anima a essência de todos os seres, te agradeço por esse novo companheiro de ideal! Da inconsciência dos reinos inferiores faz Tu, Pai amado, por meio do tempo e das experiências sublimadoras, homens e anjos que podem sentir Teu amor e compreender Tua grandeza. Obrigado, Pai, porque já percorremos milênios incontáveis na busca de Teu amor e já somos capazes, apesar de nossa pequenez, de sentir que Tu és Amor. Da inconsciência à consciência plena, somos viajores, seres intermediários ainda limitados de visão plena, mas já capazes de amar nossos irmãos e por eles sofrer, para que também Te amem e compreendam. Assim crescemos para glorificar Teu infinito poder.*

Os amigos partem. Felipe vai dormir. Ele ainda não conseguiu libertar a Mediunidade, mas entender e amar aqueles

que, por medo, a aprisionam é o primeiro passo para auxiliá-la. Logo vai começar a psicografar.

Quem sabe esse encontro com Gabriel e com outros amigos que virão não seja já o início da libertação da mediunidade? É a esperança de Ivan, de pai Joaquim e de muitos outros amigos.

# SE A MEDIUNIDADE FALASSE – LIVRO 4

## Medo e Mediunidade



## PREFÁCIO

**A**miga e amigo, não aceites os sonhos loucos da mediunidade de fachada e de formalidade. Muito se perde, por muito se fingir. O caminho do Cristo é o da verdade profunda, da verdade que transforma, que transmuta sentimentos inferiores em paz, em compreensão, em harmonia. Um dia, no futuro feliz, entenderemos o poder da devoção sincera, da amizade verdadeira, do Amor do Pai. Até lá, resta nos servir, aprender a perdoar e, acima de tudo, a colocar o Reino de Deus acima das tristes convenções humanas, que tantas vezes desumanizam a criatura. Nosso movimento, o movimento espírita, passa por profunda fase de renovação que, aos olhos do Espírito, é um verdadeiro renascimento. É uma revolução cultural, silenciosa e eficaz. Sê, amigo e amiga, aquele que fará a diferença na sociedade, ao eleger como regra de conduta os valores do cristianismo puro e verdadeiro; e, onde estiveres, nós, teus amigos invisíveis, estaremos contigo!

Paz,

Ivan de Albuquerque.

1º de Julho de 2014

## O PEDIDO DE UM ANJO GUARDIÃO

**F**elipe está pensativo sobre o curso que vai escolher. Um deles é o acompanhamento de um grupo de estudo/tratamento de espíritos que fracassaram na última encarnação, por negarem a mediunidade e o seu convite ao autoconhecimento e à espiritualização. É um curso de difícil acesso. Será assistido no quarto andar do Colégio. Quem conhece as normas do colégio, sabe que lá imperam três regras centrais: **não se atira pérolas aos porcos, sinceridade absoluta e mérito pelo esforço próprio.** E essas normas estão refletidas em todos os setores do colégio, inclusive no acesso aos diversos andares.

Felipe pensa até mesmo em desistir, mas lembra-se do convite de Gabriel Delanne, que lhe disse que poderiam trabalhar juntos na Terra. Uma proposta como esta, trabalhar com um Espírito missionário, mesmo que exija muito sacrifício, ele não perderia por nada.

O curso tem três módulos e, em cada módulo, a conduta de alguns espíritos será avaliada. Não para a condenação, mas com o objetivo de socorrê-los. Durante o curso, haverá muitas regressões de memória, para que se entenda os motivos de seus erros recentes.

“Como chegarei ao quarto andar?” É pensando nisso que Felipe, no jardim do colégio, aguarda a oportunidade de falar com Gabriel.

Enquanto espera, distraído em seus pensamentos, alguém lhe toca no ombro, e ele se vira.

Gabriel! Estava pensando em você!

Eu sei! — responde Gabriel, sorrindo.

É...

Felipe entende que ele captou seus pensamentos.

Com o tempo, você se acostuma com a comunicação telepática –diz, com bom humor. Afinal, vamos trabalhar juntos, não é?

Felipe sorri, feliz, com a certeza que seu amigo realmente deseja que ele o ajude, e pergunta:

Eu sei das dificuldades para se chegar aos três primeiros andares, mas não tenho nenhuma ideia sobre o quarto andar... — fala, timidamente.

Não há dificuldade. Quem não está preparado, simplesmente não chega — explica, com alegria.

Mas... Como eu farei... Na verdade, nunca pensei em alcançar um curso acima do terceiro andar...

Sei disso. Hoje, você não teria condições de estar lá... — comenta Gabriel.

E como eu conseguirei?...Felipe não está entendendo nada.

Calma, amigo. Eu lhe explico. Muitas vezes, quando o Espírito mostra dedicação e sinceridade, ele pode ter acesso a um aprendizado, a título de empréstimo... De fato, você não tem ainda condições evolutivas plenas para participar deste curso; mas, por causa de sua conduta, quero dizer, de sua dedicação, pai Joaquim, a quem todos ouvem com muito respeito, conseguiu esse “empréstimo” da Misericórdia Divina para você.

Ah! Quer dizer que agora estou ainda mais “endividado”?! —brinca Felipe.

Exatamente! Neste caso, o avalista é seu guia espiritual — conclui Gabriel.

Ambos riem.

E quanto às escadas?... — Fala Felipe.

Não se preocupe. Até o terceiro andar é com você; depois, é comigo.

Felipe o abraça, com gratidão.

Calma aí! Quando estivermos trabalhando juntos é que quero ver sua gratidão! — brinca Delanne.

Despedem-se.

Felipe tem uma semana para se preparar. Todas as noites ora e, com o amparo de pai Joaquim, vai estudar nas bibliotecas

da escola. Em uma dessas noites, quando sai da biblioteca do segundo andar, encontra pai Joaquim, que o aguardava.

Pai Joaquim! — diz Felipe, feliz.

Hoje nós vamos visitar um amigo seu — comenta o nobre mentor. — Quem? — indaga, curioso.

Avelino — fala pai Joaquim, sem explicar qualquer detalhe.

Partem.

Felipe mal pode conter a curiosidade: “Qual seria o motivo da visita?”

Logo chegam ao apartamento do amigo. Entram com tranquilidade. Pai Joaquim cumprimenta o guia espiritual do jovem, que os espera à entrada e, em seguida, enquanto caminham para o quarto de Avelino, orienta telepaticamente Felipe, para que ele se prepare para não julgar.

Entram. Felipe tem vontade de gritar.

Acalme-se! — orienta pai Joaquim.

Apesar da bela decoração e da vista deslumbrante, o ambiente espiritual é terrível. No quarto, moram entidades muito sofredoras e necessitadas. Há algumas viciadas em sexo, que estimulam Avelino ao hábito da pornografia.

Eles não podem nos ver. Trouxe você aqui a pedido de Aureliano, o guia espiritual de Avelino. Ele tem esperança que você consiga mostrar-lhes o quanto o cultivo da inferioridade traz intensas angústias emocionais.

Mas... como posso fazer isso?

Nossa obrigação é socorrer aqueles que desejam ser amparados, e nunca impor nosso desejo na vida dos outros. Observe agora a estante de livros.

Curioso, Felipe percorre os títulos dos livros e, para sua surpresa, ali vê o **Livro dos Espíritos** de Kardec e o livro **Renúncia**, do Espírito Emmanuel, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier.

Se ele for capaz de ler com desejo sincero de aprender estes dois livros, a vida dele mudará completamente. Avelino tem a missão de trabalhar como médium de cura; mas, se continuar cultivando suas paixões inferiores, em breve arruinará a própria

missão reencarnatória... — explica Aureliano, com uma voz que expressa preocupação por seu protegido.

O que nós te pedimos é que o incentive a ler esses livros. Eles foram um presente que, graças à inspiração de Aureliano, deram ao pai dele, na empresa em que ele trabalha.

E como farei isso? — indaga Felipe, curioso.

Nós faremos que, em uma conversa entre vocês, o assunto mediunidade surja “por acaso”. Quando isso acontecer, basta que você se permita ser inspirado, e pai Joaquim lhe dará as orientações. O mais importante é que você consiga incentivá-lo a ler estes livros ou, pelo menos, **O Livro dos Espíritos**. A partir daí, terei condições de o orientar melhor — explica Aureliano.

Podem contar comigo! — diz Felipe, feliz em poder ajudar e em ver como são dedicados os guias espirituais.

“Se todos soubessem que existem Espíritos elevados cuidando de cada um de nós...” — pensa Felipe.

Ainda saberão, e seu trabalho com o Gabriel vai ajudar muitos a entenderem isso — responde Aureliano.

Felipe olha para pai Joaquim, espantado não com a leitura de seu pensamento, mas com aquela revelação. Como ele sabia da sua ligação com Gabriel?

Ora, Felipe — diz Aureliano, descontraído. Você não acha que trabalhamos isolados, acha?! Meu Avelino vai trabalhar com vocês no mesmo centro espírita! Essa é a programação dele.

Está explicado — diz pai Joaquim, feliz com mais um compromisso assumido por Felipe. Ele sabe que é apenas quando nos ocupamos, cada vez mais, com as tarefas do bem, que nós crescemos.

Felipe acorda feliz. É sexta-feira. Na escola, durante a aula, começa a lembrar mais detalhes do sonho com o guia de Avelino. Ora em silêncio e envolve Avelino em boas energias. É o início da ajuda.

À noite, sente-se um pouco sozinho. Lembra-se de que, no futuro, terá amigos com as mesmas afinidades. Resolve ouvir um podcast espírita, e depois ler um bom livro. Domingo será sua primeira aula.

“Quero estar preparadíssimo!” — pensa, antes de dormir.

## O MEDO DE DEUS

**D**omingo, duas da manhã, Felipe aguarda Gabriel na entrada da escola.

Gabriel chega feliz e cumprimenta Felipe, com alegria.  
— Tão cedo? — indaga Gabriel.

Resolvi me preparar o melhor possível.

Ótimo! Você está muito bem, não se preocupe. Como temos quarenta minutos, que tal caminhar um pouco pelos jardins?

Vamos! É uma excelente oportunidade para você me falar de nosso futuro trabalho. E é melhor eu falar pois, se apenas pensar, você vai saber do mesmo jeito! — explica Felipe, brincando.

É verdade!

Partem.

Ao caminhar pelo jardim, Felipe tenta organizar o pensamento, para aproveitar cada minuto. Gabriel, compreendendo que não teriam tempo para todas as explicações no momento, inicia a conversa, explicando:

Felipe, não se preocupe tanto em entender neste momento todos os detalhes de nossa tarefa. Após esse curso, você será capaz de se matricular em um curso inicial sobre planejamento reencarnatório, em que se lembrará de seu planejamento, e eu vou poder apresentar-lhe o meu. Para vivenciar tudo isso, é essencial cuidar sempre da educação emocional e intelectual.

Que interessante! — comemora Felipe.

E tem mais: seremos capazes de regredir e lembrar todo o planejamento no corpo físico! Mas não se preocupe, nossa equipe é bem qualificada para essas experiências educacionais.

Educacionais? — Felipe não entende.

Claro, Felipe. O objetivo maior é sempre a educação espiritual. Libertar o ser da animalidade, da ignorância, da maldade. Regressão tem a finalidade maior de elevar o Espírito

encarnado ou desencarnado. É indispensável ampliar a consciência, inclusive para que se tenha a humildade de aceitar o estágio em que cada um se encontra, sem se acomodar.

É verdade!

Vamos? Faltam vinte minutos.

Felipe resolve não perguntar como ele sabia sem olhar um relógio.

Sobem os três primeiros andares conversando. Felipe para no início do quarto. Gabriel então olha para Felipe, abraça-o com carinho e diz:

Vamos, você já está preparado para subir.

É? Como?

Apliquei-lhe as energias necessárias. Pode confiar! — diz, sorrindo.

Felipe respira fundo, ganha coragem e sobe. Sente um pouco de mal-estar.

Continue! Eu falei que você conseguiria, mas não disse que seria confortável.

Sinto-me muito mal...

Continue e tudo passará!

“Por que sinto tanto desconforto?” — pensa Felipe.

É a sua adaptação energética. Coragem. Os covardes não evoluem. — fala Gabriel, com firmeza, ao ver que Felipe quer parar.

Felipe para, pensando em voltar.

A decisão é sua, mas gostaria que trabalhássemos juntos... — fala Gabriel.

Sinto que estou morrendo...

Sim, é o início da morte de sua inferioridade, amigo.

É muito ruim!!!

Pior é viver inferiorizando-se, como muitos fazem...

Felipe se lembra de Avelino. Não queria ter uma vida como aquela, mas não se sente com forças, tem medo.

Estarei na sala — fala Gabriel, com ternura.

Ao vê-lo partir, Felipe olha para trás. Está exatamente no meio da escada. “Descer é mais fácil” — pensa. A sensação de morte é intensa.

Felipe faz então uma prece e lembra-se do dia de sua iniciação e do rosto de Eurípedes, que é sua inspiração de conduta. Ganhando coragem, sobe calmamente, suportando angústias terríveis.

Ao chegar no quarto andar, chora emocionado. Um imenso bem-estar invade todo o seu ser. Sente-se leve, flutua até a porta da sala. Entrando, senta-se ao lado do amigo. Ao vê-lo, Gabriel sorri, profundamente feliz.

Nunca nosso Mestre prometeu facilidades. Ele subiu o calvário e terminou crucificado, por amor à Humanidade. — diz Gabriel, olhando para Felipe.

Felipe apenas sorri. Existem vitórias que são tão profundas, que dificilmente conseguimos expressar, com palavras, o seu valor. Assim, ambos ficam em silêncio.

Após quinze minutos de completo silêncio, a projeção começa. A turma é formada por poucos alunos: Rivalina, Eclésio, Romildo e Astrobrito. Os professores são José e Patrícia. Eurípedes Barsanulfo também está presente. Felipe alegra-se ao ver o mestre, que tanto admira.

Após a prece, explica o diretor do colégio:

Amados condiscípulos,

Estudaremos um fenômeno que acontece, atualmente, com muitos espíritos: o medo de se espiritualizar. **Nosso estudo tem objetivos de extrema relevância, particularmente neste momento de transição da Terra, que, na verdade, é um momento de decisão para todos nós.** Devemos optar pelo sacrifício da animalidade, que ainda cultivamos, ou pela satisfação de nossas paixões inferiores, distanciando-nos de nossas metas espirituais e do Cristo.

A espiritualização do ser está intrinsecamente relacionada com a mediunidade. Por isso, é importante entender sua função no processo de evolução. A mediunidade pode e deve nos auxiliar, neste que é um dos momentos mais dramáticos de nossa jornada espiritual. **Compreender a mediunidade não é simplesmente ser médium ostensivo, mas saber utilizá-la como**

**alavanca de estímulo para a própria ascensão espiritual, em todos os instantes da vida, vivendo no mundo da matéria densa ou da matéria sutil.**

José Herculano e Patrícia são os responsáveis por este curso, que é assistido por milhares de Espíritos, que cometeram o grave erro de fugir de seus compromissos com a Lei de Deus, bem como por aqueles que têm a missão de dinamizar o movimento espírita, estimulando a espiritualização de seus integrantes.

Parabenizo a todos pela coragem de se candidatarem a este curso, que trará novas responsabilidades a todos. Nosso empenho deve ampliar-se até o momento em que banirmos a ignorância espiritual da Terra, sob o comando do Cristo.

Após o discurso, os professores José e Patrícia, que gostam de serem chamados desta forma simples, se levantam e agradecem a Eurípedes, que se despede de todos. É fácil observar, por seu sorriso, como o mestre de Sacramento ama o trabalho da educação espiritual.

O professor José, o maior estudioso do Espiritismo no Brasil, dirige-se à turma:

Sejam bem-vindos! Para quem não me conhece, sou José. Ministrarei a aula de hoje com o apoio de Patrícia. Nosso tema será: **O medo que tens de Deus**. Como poderão observar, utilizamos processos já conhecidos pelos espíritos encarnados desde, pelo menos, a década de 1950, com a publicação do excelente livro **Memórias de um Suicida**, psicografado pela médium Yvonne do Amaral Pereira, que foi um exemplo de dedicação à Doutrina Espírita e à mediunidade.

José se concentra e, com o auxílio de Patrícia e de um sofisticado equipamento, projeta imagens em uma imensa tela, que está a nossa frente. Assistimos, com grande emoção, o diálogo, narrado no **Novo Testamento**, de Jesus com uma samaritana. Não é uma representação, pois vemos a cena real do Cristo, conversando com a mulher da Samaria.

-----

**J**esus está sentado sozinho, perto de um poço. A beleza do Cristo é indescritível. Neste momento, aproxima-se uma mulher. É dia. Os discípulos foram à cidade comprar mantimentos.

Ao ver a mulher aproximar-se do poço de Jacó, Jesus lhe pede água, ao que ela responde, de forma rude:

Não tenho água e você não pode me pedir água. Judeus não falam com samaritanos, muito menos com uma mulher samaritana!

Responde então Jesus, com ternura:

Se Deus te revelasse quem eu sou, você é que me pediria a água da vida.

Responde então a mulher, olhando para Jesus e achando muito estranho o que ele disse:

O senhor não tem nem balde para tirar água do poço, como vai ter essa tal água da vida? Você é maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço que ele mesmo utilizou para seus filhos e animais?

Todos os que beberem da água deste poço terão sede novamente, ao passo que aqueles que beberem da água que tenho, nunca mais terão sede. Pelo contrário, a água que eu dou se torna uma fonte de água, que jorra eternamente.

Senhor, eu quero dessa água, para que eu não mais tenha sede, nem tenha de vir aqui novamente para tirar água.

Vai e chama o teu marido!

Senhor, não tenho marido — responde a mulher, envergonhada.

É verdade que não tens marido; porque já tiveste muitos maridos e, o que agora tens, não é teu marido. Isso é verdade!

Surpresa, a mulher responde:

Senhor, vejo que és profeta! Explica-me: nossos pais adoram neste monte; porém, os judeus dizem que é em Jerusalém que se deve adorar a Deus. Quem está com a verdade?

Mulher, aceita meu testemunho. No futuro, nem neste monte, nem naquele adorareis o Pai. Vocês adoram o que não conhecem. Eu adoro o que conheço. Os verdadeiros adoradores adoram o Pai em espírito e em verdade. É assim que o Pai deseja

ser adorado. Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram O adorem em espírito e em verdade.

Senhor, eu sei que vem o Messias. Quando ele chegar, nos explicará todas as coisas.

Sou eu o Messias. Eu, que falo contigo.

Nesse momento, chegam os discípulos e a mulher samaritana vai até a cidade dar o testemunho de seu encontro com o Cristo.

-----

**A**pós a exibição, o professor questiona:  
Jesus sabia que, segundo os costumes da época, um homem não poderia abordar uma mulher no espaço público, e também que ele não deveria falar com uma samaritana, pois era judeu. Então, por que o fez? — Para ensinar algo importante — responde Rivalina.

Certamente ele ensinou. Mas não poderia ter ensinado em uma ocasião em que não precisasse afrontar os costumes?

Sim... — confirma Rivalina.

Então, por que ele fez isso?

Porque estava com muita sede! — brinca Eclésio.

Não é este o caso... — responde o professor, bem-humorado.

Para mostrar que não devemos ser escravos de costumes que não têm fundamento na moral verdadeira — diz Patrícia.

Exatamente. E o que acontece depois? — indaga José.

Ele fala da vida dela... — comenta Rivalina.

Com que objetivo? Qual o propósito do Mestre em lidar com um assunto pessoal da mulher samaritana?

Para ensiná-la... — Romildo se aventura a responder.

Sim, para demonstrar que a percepção do Espírito vai além da matéria e, conseqüentemente, existe vida espiritual. Com isso, o Mestre ganha a atenção da mulher samaritana, que a utiliza para fins elevadíssimos. Observem que isto está completamente relacionado à mediunidade — afirma o professor e, em seguida, indaga: Qual a primeira pergunta que a samaritana faz a Jesus?

Onde se deve adorar a Deus — diz Astrobrito.

Observe que ela tinha uma vida emocional confusa e, mesmo assim, a questão central de sua vida é Deus. Se ela soubesse direcionar adequadamente suas energias em busca de Deus, de sua espiritualização, teria sublimado seus conflitos de sexualidade e conquistado uma vida equilibrada. **Direcionar as energias psíquicas em busca de Deus é a função da mediunidade.** E o que fez a mulher samaritana, após encontrar a Verdade? — indaga José.

Foi à cidade anunciá-la — diz Eclésio.

É isso que deveriam fazer os espíritas encarnados! Não falo de propagandismo vaidoso, mas a apresentação do fenômeno mediúnico, de maneira natural e séria. É preciso superar os preconceitos contra a Doutrina Espírita e instalar no mundo a convicção da imortalidade — explica o professor.

*Foi exatamente o que o professor fez, quando encarnado. O amor à verdade e o sacrifício pessoal, em favor da educação espiritual dos encarnados, foi a marca de sua existência...* — pensa Felipe que, durante a semana, leu um livro sobre a vida dele, intitulado **J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec**, de Jorge Rizzini, publicado pela editora Paideia.

Após olhar para todos, o professor continua:

A mediunidade é canal de comunicação em variados sentidos: é canal de intercâmbio espiritual, é canal de busca da criatura para o Criador, é canal de manifestação da misericórdia divina. **A mediunidade é a origem dos Dez mandamentos, dos Evangelhos, do Hinduísmo, do Budismo e do Islamismo. A mediunidade é a fonte de todas as religiões e filosofias espiritualizantes dos mundos. Temer a mediunidade é afastar-se do Criador.** Sem a mediunidade, o ser estaria condenado a permanecer animalizado, isolado da influência espiritualizante de seus guias espirituais e do Cristo. Ela é o meio de contato entre Criador e criatura. É a faculdade sagrada que os grandes iniciados e os apóstolos honraram, ao longo dos milênios, e que os que aqui estão combatem, movidos pela covardia e por vis paixões. **Não vos enganeis: tolher a mediunidade é querer loucamente tolher a obra de Deus.**

Nesse momento, o professor lê a questão 659 de **O Livro dos Espíritos**:

**659. Qual o caráter geral da prece?**

**R. A prece é um ato de adoração. Fazer preces a Deus é pensar nEle, aproximar-se dEle, pôr-se em comunicação com Ele. Pela prece podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer.**

Após a leitura, explica:

Utilizamos avançados princípios educacionais, com o intuito de lhes ajudar a vencer o preconceito, que é medo disfarçado. Apesar de vocês terem sido espíritas na última existência, ainda carregam bloqueios em relação a essa faculdade sublime. Isto impede a sua própria espiritualização e estimula terríveis quedas morais. Não os condeno, mas teremos que abordar este tema, considerando a necessidade que vocês possuem de entender e de amar a mediunidade. **Trabalhamos para ajudá-los a superar este medo que é, na verdade, medo de se comunicar com Deus.** Alguma questão?

Todos ficam em silêncio. O amor à verdade e à simplicidade estão presentes em cada palavra de nosso professor.

Vamos formar duplas para compartilhar uma importante experiência mediúnica que vocês vivenciaram. Relacionem essa experiência com o tema que estudamos: o medo de Deus e dos Espíritos. Cada um precisa entender como sua história reencarnatória se relaciona com os bloqueios em relação à mediunidade.

Formam-se as duplas: Patrícia e Rivalina, Astrobrito e Romildo, e José e Eclésio. Segundo a metodologia educativa do colégio Allan Kardec, todo tema estudado deve ser relacionado com a vida emocional dos educandos. Assim, se previne a formação de pseudossábios, cheios de teorias, mas vazios de sentimentos elevados.

## I — Rivalina e Patrícia

**R**ivalina começa:  
— Sabe, Patrícia, quando eu tinha 19 anos, não sabia que curso universitário seguir. Sentia que seria uma escolha importante não apenas materialmente, mas que estava ligada a um compromisso espiritual. Conversava muito com uma amiga, que dava aula comigo na evangelização infantil, e ela sugeriu que eu rezasse e pedisse orientação ao meu guia espiritual. Achei a ideia boa e segui o conselho. Orei com muito fervor, por um bom tempo. Nada acontecia, mas eu continuava orando... Depois de um certo tempo, quando senti que adormecia de maneira diferente, ouvi uma voz suave, que dizia: “Filha, estou aqui. Vim buscá-la para te mostrar os compromissos assumidos”.

Senti muita paz, mas, quando me dei conta que estava vivendo um fenômeno mediúnico, assustei-me. Gritei e bem alto: “Não quero! Não quero!” Então despertei e não dormi mais naquela noite. Repeti mil vezes que não queria saber de nada...

Algumas vezes, em que meu guia tentou se aproximar, repeli-o violentamente. Obviamente, nunca participei de reunião mediúnica e nem queria saber!

Tempos depois, outra amiga me convidou para assistir uma reunião mediúnica. Soube depois que ela havia sido intuída pelo meu guia. “Nem pensar”, disse eu convicta; E ainda deixei bem claro: não queria saber de reunião, de mensagem, nem de nenhuma história de mediunidade. Fui tão enfática que ela nunca mais tocou no assunto.

Pouco a pouco, fiquei com medo de me concentrar e, depois, até de rezar com devoção... Como você sabe, a oração é uma comunicação vibratória e telepática, e eu não queria nada de fenômeno mediúnico. E uma coisa leva a outra... Isolei-me dos estímulos espiritualizantes e, conseqüentemente, animalizei-me.

Animalidade atrai animalidade. Não rezava de verdade, vivia ansiosa e insegura, e então busquei a segurança no dinheiro. Na prática, distanciei-me de Deus.

E o pior foi induzir, pelas minhas vibrações e pensamentos, tantas crianças a agir como eu agia. Eu ensinei o medo à mediunidade! Sei exatamente o que o professor está dizendo, e sofro constantemente com isso...

Só depois soube o tanto que perdi! Uma programação excelente! Seria uma orientação excepcional. Eu ficaria cada vez mais próxima do meu amigo espiritual. Ele me ajudaria a vencer todas as dificuldades da vida, eu saberia exatamente o que deveria fazer... Mas não soube e não fiz!

Dolorosas lágrimas escorrem dos olhos de Rivalina. Patrícia abraça-a com ternura, enxugando suas lágrimas. A situação de Rivalina é triste, pois o fracasso reencarnatório dificilmente é recuperado no mundo espiritual. Quase sempre são séculos de preparação e recuperação, para que se supere erros tão infelizes.

Após ampará-la, Patrícia fala:

Iniciei-me no Egito antigo. O teste era muito severo e os reprovados não sobreviviam. Para mim, valia a pena o risco. Aprofundar meus conhecimentos sobre a criação material e espiritual, que eu já compreendia que são integradas, era o meu maior interesse. Apesar de meus pais serem muito ricos, optei por uma vida austera, que me aproximaria do Criador.

Fui aprovada. Em minha primeira reunião, que hoje chamaríamos de “mediúnica”, com pessoas educadas e moralizadas, soube de minha missão na Terra. Aproveitei essa informação para me preparar, emocional e intelectualmente, e executá-la da melhor forma possível. Devido ao meu esforço sincero, fui orientada constantemente pela intuição, em meus desdobramentos e por outros médiuns. O objetivo era sempre muito sério: não cabia curiosidade tola. Dialogando com os bons Espíritos e ajudando os Espíritos inferiores, pude conhecer minhas fraquezas e a forma de superá-las. **O contato equilibrado com os Espíritos sempre foi um excelente auxílio para minha evolução. Eu e meus orientadores não nos enganamos sobre as minhas imensas necessidades espirituais e nunca perdemos**

tempo em tolas cogitações de missões vaidosas, pois isso seria agir com leviandade em relação a obra do Altíssimo, que cultuávamos diariamente, por meio do dever de nos melhorar e de auxiliar os homens ignorantes.

Mas isso não é perigoso? — indaga Rivalina.

Certamente que é, se não for conduzido com seriedade e verdadeira devoção. Aproximar-se do Criador requer desejo de verdadeira renúncia à animalidade. Não foi assim que ensinou Jesus? Há um perigo maior quando adultos e jovens destroem seus psiquismos com drogas e sexo desequilibrado. Há, também, um perigo imenso na vulgaridade do dia a dia, que a sociedade aceita como “normal”. Isso, para mim, é muito mais temerário!

Mas o Espiritismo não é contra? — pergunta Rivalina, apavorada.

**O Espiritismo é a maior revelação da história do mundo.** O que falta é vivenciá-lo. Espíritos superiores são — e sempre serão — contra todo desrespeito à obra do Criador: a destruição irresponsável da natureza, o desamparo aos mais fracos e as relações mediúnicas conduzidas por interesses inferiores e por exibicionismo, como em parte do atual movimento espírita, no mundo da matéria densa. Isso é diferente da busca pelo conhecimento aprofundado das manifestações do amor de Deus. O problema é a vulgaridade de muitos que não veneram o Criador, em seus pensamentos e ações. Para mim, foi muito importante saber qual era a minha missão. A revelação de minha missão veio por diversos meios, e isso é importante para evitar enganos. **É muito importante saber o que se deve fazer no mundo para não fracassar.**

Patrícia, serena e segura, assombra Rivalina com suas palavras, plenas de sabedoria imortal.

## II — José e Eclésio

**E**clésio começa:  
— Eu dirigia as reuniões mediúnicas, lia as obras de André Luiz e de Emmanuel, mas não via nenhum problema em “me divertir”. Dizia, quando encarnado: “Não pode ser tão grave assim. Não tem nada de mais!” Não conseguia aceitar que algumas farras pudessem ser algo grave. Quando os livros tocavam nesses assuntos, eu fazia leitura rápida ou pulava as páginas.

E assim ia levando a minha vida... Começaram a vir algumas mensagens de nossos dirigentes espirituais. Não falavam diretamente, mas eu sabia que eram para mim. Eu simplesmente não ouvia! Aos poucos, eles foram trazendo desencarnados que tinham tido experiências semelhantes às que eu vivia, e alguns certamente viviam nos lugares em que eu frequentava, pois a descrição era muito semelhante!

Pouco a pouco, fui ficando constrangido e com raiva... **Não suportava a ideia de ter que manter um compromisso constante com a espiritualidade, e comecei a atacar a mediunidade, porque ela simbolizava esse compromisso! Como fui ingênuo! Só depois entendi que o compromisso é, acima de tudo, com a Lei de Deus. Agora entendo que a mediunidade é um poderoso meio de auxílio para cumprirmos essa Lei, e não um entrave a minha liberdade, como eu pensava.**

Como você lidou com esse sentimento? — pergunta José.

Sentindo-me culpado, comecei a atacar todo mundo. Cobrava dos médiuns uma conduta perfeita, acusava-os por qualquer dificuldade natural do processo de intercâmbio. Padronizei roupa para a reunião mediúnica: tinha que ser da cor que eu aprovasse! Em relação à alimentação, era ferrenho: se soubesse que alguém tinha cometido um pequeno deslize, tratava-o como um grave criminoso. Estipulei até a idade mínima para participar das reuniões: tinha que ter mais de 18 anos, como se maturidade espiritual se medisse pela idade penal da Terra!

De tanto acusar e de tanto culpar, consegui o que inconscientemente eu queria: afastar todos da mediunidade, e impedir que outros tivessem contato com ela! — conclui Eclésio, com a voz sufocada, revelando o intenso conflito que vivencia.

José olha para ele, com compaixão. Como não lamentar alguém que tenta barrar a espiritualização de si mesmo e dos outros? Como não lamentar alguém que quis mandar na obra de Deus?

Inicia o professor:

Uma das mais belas experiências mediúnicas que tive foi com a materialização. Ao observar, com toda clareza e com absoluta certeza de que se tratava de entidades, de Espíritos materializados, emocionei-me até as lágrimas! Nunca imaginei poder viver, na Terra, uma experiência tão simples e tão profunda! Ali, diante de mim, desabavam todas as pretensas filosofias da negação. Todas os sistemas preconceituosos, que negavam a imortalidade. Apiedei-me de tantos intelectuais, que buscavam a verdade em meio a tantos engodos... Gostaria de poder convidar todos e lhes desvelar que o universo é maior e mais generoso do que podemos imaginar...

O que você fez? — indaga Eclésio.

Mantive viva essa experiência em meu coração e, com tristeza, entendi que, para mim, ela foi transformadora, mas não seria assim para todos. Meu amigo, os fatos elevados da vida são como a boa música. Só gosta quem tem ouvido afinado. Tratei de colaborar para afinar o gosto espiritual dos espíritas e dos não-espíritas. Somente amando verdadeiramente Kardec podemos ter vivências mais elevadas e tirar delas o máximo de ensinamentos e impulsos espirituais.

Você realmente gosta das atividades mediúnicas? — pergunta Eclésio.

A mediunidade é a grande impulsionadora da transcendência. Como está no Evangelho, é preciso desapegar-se do mundo para conquistar o Reino. **A mediunidade gera o fato que justifica o abandono das ilusões do mundo.** Sem ela, o Espírito não se convence de que deve caminhar para Deus, e fica enleado nas ilusões de um dia e nas amarguras de longa duração.

### III — Astrobrito e Romildo

**A**strobrito fala primeiro:  
Não comecei a ler os clássicos do Espiritismo para entender, mas para expor minha inteligência e o meu saber. Queria ser admirado! Com o tempo, via que deveria fazer algo, ser útil, servir de alguma maneira. Os próprios amigos, inspirados pelo meu guia, falavam que eu sabia tanto que deveria colaborar um pouco mais, além de simplesmente fazer palestras. Acabei indo participar de uma reunião mediúnica, e **dei-me conta de que as atividades espíritas, ou mesmo qualquer atividade que espiritualize o ser, envolvem sempre responsabilidade e dedicação.** Isso, eu não queria! Mas eu não podia simplesmente desistir... E o meu status? Minha fama de grande intelectual?! **Comecei a tudo complicar para fugir.** Tornei-me um crítico severo de tudo. Tudo era mistificação ou animismo — como se o animismo não fosse natural, e parte de todos os fenômenos mediúnicos... Mas as pessoas não sabiam disso.

Eu fui afastando a todos, porque minha opinião era respeitada. Médiuns honestos, mas despreparados, desistiram de cumprir suas tarefas, pensando que estavam enganando a si mesmos... A reunião acabou e, aparentemente, eu fiquei com a razão. Tinha “salvo” todos das mistificações! Mas a verdade é que apaguei a luz que a Providência Divina havia posto em minhas mãos... Prefiro não falar sobre como desencarnei... — conclui Astrobrito, soluçando.

Nem precisa, meu amigo — diz Romildo. Meu caso é parecido. A única diferença é que eu agia para mandar, e quem não me obedecesse era expulso por estar “obsediado” ou por ser “desonesto”! Recebi muitos alertas mediúnicos, ao ponto de cancelar a reunião que dirigia, para não os receber mais! Era o presidente do centro espírita e ameaçava quem ousasse me entregar qualquer aviso dos Espíritos amigos.

Como eram as mensagens que você recebia? — indaga Astrobrito.

Essencialmente falavam da importância da cooperação. Da necessidade de anular minha vaidade, em função do grupo. Afirmavam a necessidade de nos ajudarmos uns aos outros, de orar uns pelos outros, de desenvolver relações afetivas saudáveis, de valorizarmos o talento de cada um, e de exercitar a humildade, na análise lúcida de todas as comunicações, tratando a todos como amigos de aprendizado.

E como você reagia?

Eu aceitava as mensagens elogiosas! Se não fosse elogio, era fraude! A mediunidade deveria estar submetida a minha autoridade! — conclui Romildo.

Nesse momento, o professor propõe outra atividade. Explica que devemos expressar artisticamente, pelo teatro, as situações narradas; mas, ao invés dos erros cometidos, pediu que mostrássemos como cada um deveria ter agido. A expressão artística elevada é sempre uma forma de espiritualização. Considere isso em sua vida: todos podemos criar, ser artistas, em várias áreas.

Felipe assiste às apresentações, emocionado, e pensa: “Como seria diferente se tivessem agido de forma honesta... Estariam plenamente felizes. Agora, pelo menos, estamos todos aprendendo”.

Após as apresentações, a prática. Educação verdadeira, sempre tem prática! Os alunos diretos e os do quarto andar vão auxiliar uma reunião mediúnica, que socorre Espíritos que lutam contra o Cristo, estimulando os medos em relação à mediunidade dos espíritos encarnados. Foi uma grande experiência e uma oportunidade para todos se conhecerem melhor.

## OS EDUCADORES DA HUMANIDADE

**F**elipe, Gabriel e muitos outros alunos aguardam o início da aula, em silêncio.

A subida teve as mesmas dificuldades. **A diferença é que Felipe entendeu que é necessário enfrentar o mal-estar interior para crescer espiritualmente. Subiu, sofreu e venceu sem reclamar.**

Gabriel olha feliz para o amigo, que se dispõe a aprender com boa vontade.

Patrícia se levanta, faz a prece inicial. Em seguida, anuncia o tema da aula: **Os verdadeiros educadores da Humanidade: os Espíritos.**

As luzes da sala diminuem. É apresentada uma sucessão de cenas, dos mais diversos tipos de adoração, ao longo da história.

Após a exibição das cenas, Patrícia indaga:

Qual a questão central em todas essas cenas?

Como adorar a Deus — diz Eclésio.

E o que significa “adoração”, em seu sentido profundo? — pergunta novamente Patrícia.

Ante o silêncio de todos, José explica:

**Relacionar-se intimamente com Deus, reconhecer a necessidade que temos de Seu amor, e sentir que Sua infinita sabedoria jamais nos desampara.**

Patrícia agradece a ajuda e continua:

**Todas as religiões e crenças na imortalidade existem, no mundo, por causa da mediunidade.** É certo que o Espírito tem, em si, a intuição da existência de Deus e de sua imortalidade, mas somente por meio dos fenômenos mediúnicos a intuição se torna convicção. Apenas quando o ser age com convicção tem poder suficiente para se melhorar e para melhorar o mundo. A imensa batalha entre luz e trevas é vencida quando o ser espiritual aprende a se comunicar com os seres espiritualizados e seguir-lhes as sugestões. **A evolução do Espírito, através dos tempos, é**

**inseparável da história da mediunidade; não se pode entender a evolução humana sem compreender a importância da relação entre encarnados e desencarnados.**

Patrícia pega **O Livro dos Espíritos**, exhibe-o à turma e afirma:

Por milênios foram necessários sacrifícios incontáveis para termos acesso às grandes verdades espirituais. Mas, desde 1857, por ordem direta do Cristo, as mais elevadas verdades espirituais foram reveladas a todos, por meio da Doutrina Espírita! Infelizmente, muitos ouvem, mas não escutam; olham, mas não veem; leem, mas não entendem. Não é ausência de inteligência, é ausência de humildade verdadeira e de desejo sincero de servir. É necessário se fazer humilde, para que se escute a doce e poderosa voz do amor de Deus. Ela abre o livro e lê os seguintes trechos:

*616. Deus teria prescrito aos homens, numa época, aquilo que lhes proibiria em outra?*

*Deus não se engana; os homens é que são obrigados a modificar as suas leis, por serem imperfeitas; mas as leis de Deus são perfeitas. A harmonia que regula o universo material e o universo moral se funda nas leis que Deus estabeleceu por toda a eternidade.*

*621. Onde está escrita a lei de Deus?*

*Na consciência.*

Reflitam atentamente sobre essas duas importantes questões. É preciso destacar três aspectos. O primeiro é que os homens devem adaptar-se às Leis de Deus, e não tentar negá-las. O segundo é que as Leis de Deus estão na consciência, isto é, elas não têm origem externa. O terceiro é que **viver as Leis de Deus é uma necessidade íntima da criatura, é uma necessidade psicológica. Consequentemente, felicidade só existe no cumprimento das Leis de Deus.** Contrariar essas leis é o comportamento típico dos Espíritos revoltados e infelizes. Podemos ter momentos de revolta, de pouca lucidez e de fraqueza, mas não devemos transformar a nossa vida em revolta e negação. É necessário oração e humildade, é necessário

reconhecer a grandeza do Pai e nossa pequenez, é necessário agir com ética, disciplina e confiança. É preciso entender: **as Leis de Deus estão sempre certas, independentemente dos hábitos e costumes sociais.** A mediunidade, embora tenha um componente orgânico, é faculdade do Espírito e não do corpo. Enquanto existir Espírito, existirá mediunidade; ou seja, eternamente. Em planos superiores, a mediunidade é instrumento de ação diária: crianças fazem suas pesquisas escolares com auxílio de suas faculdades; cientistas, após laboriosas pesquisas, discutem com Espíritos mais elevados suas conclusões; o Cristo a utiliza para dialogar com Deus.

Patrícia para um instante, olha para todos e prossegue.

É hora deste modelo superior ser implantado na Terra. **A telepatia, a vidência, a psicografia, a materialização, o sonambulismo lúcido e outras formas de manifestação mediúnica se tornarão tão comuns que os jovens perguntarão: “Como vocês conseguiam viver tão distantes da espiritualidade maior?”**

Mas será que o movimento espírita encarnado irá “deixar” isso acontecer? — indaga, timidamente, Eclésio.

Eclésio, quando falamos de Lei de Deus e de ordem do Cristo, o que pode o preconceito de alguns pobres homens? Garanto-lhe: a profecia de Joel se cumprirá e o espírito se derramará sobre toda a carne e, se os espíritas se calarem, até as pedras falarão.

E as materializações e os efeitos físicos voltarão? — indaga Romildo, assombrado.

Sim. Os efeitos físicos se farão presentes em abundância. Mas o plano é muito maior. O cinema já iniciou sua tarefa, livros serão escritos, pesquisas e documentários serão realizados. **Por ordem do Alto, chega o fim da fase de alienação espiritual da Terra!** O homem encarnado aprenderá a lidar, cotidianamente, de forma lúcida e ética, com o mundo espiritual. Para entendermos isso, uma terceira questão de **O Livro dos Espíritos** deve ser analisada:

*668. Os fenômenos espíritas, sendo produzidos desde todos os tempos e conhecidos desde as primeiras eras do mundo, não podem ter contribuído para a crença na pluralidade dos deuses?*

*Sem dúvida, porque aos homens, que chamavam deus a tudo o que era sobre-humano, por isso os Espíritos pareciam deuses. É também por isso que, quando um homem se distinguia entre os demais pelas suas ações, pelo seu gênio ou por um poder oculto, que o vulgo não podia compreender, faziam dele um deus e lhe rendiam culto após a morte.*

— Por que muitos negam a mediunidade? — indaga Patrícia.

— Por ignorância — afirma Romildo.

— A verdade é que muitos que “conhecem” a Doutrina Espírita tornam-se grandes opositores das práticas mediúnicas — explica Patrícia.

Muitos ficaram chocados com aquela colocação, pois essa é a realidade de nosso grupo. Ao observar o clima de constrangimento, ela afirma:

Não estamos aqui para acusar ninguém, mas vocês não devem continuar com a conduta de sempre: discutindo, como se o problema não estivesse dentro de vocês. Cada um aqui optou por se acomodar em relação aos compromissos mediúnicos. É necessário uma reflexão sincera!

Após uma pausa, pergunta novamente:

— O que leva muitos a negarem a mediunidade e até mesmo a combatê-la, mesmo sabendo que ela é uma faculdade inseparável do ser?

— Acho que um dos motivos é o medo — responde Rivalina.

— Sim, é verdade; mas medo de quê? — pergunta Patrícia.

— Não sei — diz Rivalina.

— Este é o motivo mais preocupante, Rivalina. A grande maioria dos espíritas teme a mediunidade, sem sequer saber o porquê desse medo. Por isso, usam as velhas e desgastadas desculpas da prudência, do perigo e das regras sem sentido. **É preciso que todos saibam que não devem atrapalhar a obra do Cristo por covardia. Enfrentar a si mesmo é digno; camuflar o medo atrapalhando os outros é farisaísmo, como explica Jesus:**

**fariseus são aqueles que nem evoluem, nem deixam os outros evoluírem.**

Ante o silêncio de todos, ela continua:

— Como fez Jesus e como exemplificou Eurípedes aos espíritos, devemos utilizar todos os recursos que Deus nos oferece para auxiliar a evolução espiritual de todos. Vamos relacionar a Doutrina Espírita com uma experiência pessoal, ligada ao tema estudado. Eu ficarei com Rivalina e Romildo e o professor José com Astrobrito e Eclésio.

O objetivo é fazer cada um regredir a um momento de sua história que gerou o medo da mediunidade, pois só superamos o medo quando entendemos suas causas e como ele prejudica a nossa vida. Vamos fazê-los regredir no tempo para encontrarem a origem de um problema atual, que nasceu no passado. A educação deve tocar nos sentimentos; por isso, esse momento é tão essencial. A dinâmica se dá em um grupo único.

— Rivalina, o que você vivenciou em sua última encarnação, relacionado com o tema estudado, que você gostaria de entender melhor? — indaga o professor.

Ela responde, um tanto constrangida:

— Sempre senti medo do que os sacerdotes falavam sobre a mediunidade. Sei que o Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus. Sei que, sem a mediunidade, ele não existiria no mundo. Ainda assim, tinha medo da mediunidade, por causa da proibição dos sacerdotes.

No colégio Allan Kardec, os professores sempre se colocam como amigos dos alunos, e nunca como julgadores inflexíveis. Querem sempre estimular o crescimento espiritual; por isso, nunca há condenação humilhante. O professor pede que Rivalina se deite, respire fundo e siga suas orientações. Depois de alguns minutos, as cenas de sua história, lembradas por ela, são projetadas em uma tela à nossa frente. Fora freira em três encarnações que assistimos. Em uma delas, presenciou a execução de Patrícia, em praça pública. Sua fragilidade psíquica, o medo de sofrer, fez com que adquirisse verdadeiro pavor da mediunidade, motivo da condenação de Patrícia. Passou, por temor, a aceitar tudo que lhe diziam as autoridades eclesiásticas,

inclusive a condenação do intercâmbio com os Espíritos, que deveria ser exclusiva do alto clero católico.

— Qual a relação entre seu temor do clero católico e suas existências antes do Cristo? —indaga José.

Ela se assusta com a pergunta, e nada responde.

— Fale-me da relação entre seu temor da condenação mediúnica pelo clero católico e suas vivências no período antes de Jesus — estimula o professor.

— Eu... Eu... Não é possível!...

Enquanto ela fala, as cenas são projetadas.

Rivalina fora adoradora fanática de Osíris e, principalmente, dos sacerdotes egípcios. Há milênios renunciara sua vontade de pensar, de ser autônoma. Tinha medo de ser rejeitada. Anulou-se ante a autoridade religiosa egípcia, ante a católica romana e a “espírita”. Ela não se aceitava; por isso, seguia cegamente as autoridades. E assim ela se enganava, pensando que seria amada.

— Rivalina, observe tudo o que você viveu. Renunciar a sua capacidade de pensar e de buscar a verdade foi o pior equívoco. — explica Herculano.

Rivalina está trêmula.

— Retorne — orienta o professor e a abraça quando ela abre os olhos.

Os participantes estão estarecidos. Os alunos do quarto andar também. Os primeiros, por causa da regressão. Os do quarto andar, por não conseguirem entender como espíritas com tanto “tempo de espiritismo” não têm a menor intimidade com esse fenômeno. Eurípedes, quando vivia em Sacramento, sabia até o nome da rua e o número da casa em que morava em sua encarnação anterior. E os espíritas atuais são tão ignorantes de seu passado quanto os ateus. Rivalina comenta que nunca teria imaginado que seu pavor pela mediunidade e seu comportamento de obediência cega tivessem origem tão remota, e conclui:

— Triste cegueira milenar! O medo de não ser aceita pelos orgulhosos me distanciou de mim mesma e do Cristo.

— **O medo não enfrentado torna-se nosso pior conselheiro. Temer não é o melhor caminho** — comenta o professor.

No outro grupo, Romildo fala a Patrícia que quer entender porque sentia tanta necessidade de controlar as mensagens mediúnicas que chegavam ao centro espírita que presidia.

— Mas ter controle das mensagens que os Espíritos enviam não é obrigação básica de um dirigente espírita? — indaga Patrícia.

— Na verdade, eu quero dizer é que... Eu queria “mandar” nos Espíritos que escreviam. Meu desejo era que eles só escrevessem o que me agradava e o que eu pensava — diz, constrangido.

— Entendo. Vamos buscar em você essa resposta. Concentre-se. Vou induzi-lo a lembranças, que responderão a sua pergunta. Concentre-se. Revele para você mesmo sua história! — fala Patrícia.

Nesse caso, a primeira encarnação estudada, ocorrida durante a Idade Média, aparentemente não se relacionava com nenhum período antes da era cristã. Os professores querem que os alunos conheçam seu passado antes da ida do Cristo ao mundo para que, no próximo módulo, eles possam avaliar o quanto aprenderam com o cristianismo primitivo. Patrícia, que conhece técnicas poderosas e sutis de lidar com o inconsciente, induz Romildo a relacionar uma encarnação na Idade Média com uma no Egito, obtendo uma vivência muito profunda. Em ambas, ele era poderoso. Seu poder era fundado no temor e no respeito que impunha. Ocupou alto cargo, em ambas as encarnações. Possuía virtudes, mas não abria mão do poder. O sentido de suas existências era mandar e ser obedecido.

Patrícia indaga:

— Como você se tornou um perseguidor da mediunidade?

— Bem... Não tinha nada contra a mediunidade, na verdade sempre a utilizei...

— Mas por que perseguir os médiuns?

O rosto de Romildo alterou-se.

— Isso é outra coisa! — fala, enraivecido.

— Explique-se. — insiste Patrícia, com voz tranquila.

— São as mensagens... As mensagens... Eles me incomodam...Depois, começaram a ser motivo para me questionarem. Isso é inadmissível!

— Como você se relacionava com a mediunidade?

— Eu consultava principalmente três sensitivos, de minha inteira confiança, até que dois deles começaram a me orientar, insistentemente, para que eu abandonasse meu cargo e minhas riquezas. Posteriormente, quando fui visitar o terceiro, que morava muito longe, o desgraçado me disse a mesma coisa! Percebi o quanto a mediunidade poderia ser perigosa... Não havia controle, não tinha como controla-los... Eu os ameacei com perseguição e morte, mas eles não se submeteram!

Se aquelas mensagens se espalhassem, poderia ser minha ruína, pois eram críticas diretas a minha conduta... Tinha até segredos... Decidi combatê-los com minhas armas e, em uma mesma semana, todos foram mortos, por supostos assaltantes... Que pesadelo! Eles denunciaram o próprio assassinato, por outros médiuns... Enlouqueci. Decidi desacreditar ou matar todos que não respeitassem minha autoridade! Descobri que intercâmbio com os Espíritos é algo perigoso. Encontrei ótimo argumento: é o demônio que se comunica! Assim, ninguém mais poderia me criticar, a não ser o “demônio”... — completa, com um sorriso sarcástico.

— Que justificativas íntimas, que ilusões, você mobilizou neste processo de combate aos fenômenos mediúnicos?

— Eu sou Deus! Eu sou um Faraó! Sou infalível. Eu sei a verdade e a represento. Não preciso e não quero nenhuma orientação espiritual, a não ser que seja para me elogiar!

— Retorne, Romildo. Lembre-se de tudo que nos contou — orienta Patrícia.

Romildo está banhado de suor. Depois de voltar à consciência, chora amargamente.

Como tarefa final, Herculano orienta: esta semana vocês acompanharão espíritas encarnados que cultivam, consciente ou inconscientemente, ilusões pessoais inferiorizadoras, como as que vocês estudaram em si mesmos. O objetivo é auxiliá-los e aprender com suas histórias.

**Todo aprendizado deve ser transformado em serviço ao próximo.**

Patrícia encerra com uma prece de agradecimento ao Criador.

Felipe acorda um tanto abalado. Nunca imaginou que os bloqueios em relação à mediunidade tivessem origem tão remota e motivos tão sérios. Achava que era apenas gostar ou não gostar. Ora e pede a Deus coragem para sua missão no mundo.

Levanta-se. É terça-feira. Tem aula e educação física. Antes de sair de casa, lembra: não leu o **Evangelho Segundo o Espiritismo**, mas já está em cima do horário... Pega-o para ler no ônibus. Abre-o “ao acaso” e lê, no capítulo XVIII, Muitos os chamados, poucos os escolhidos, o item 9, que diz: **“Nem todos os que dizem Senhor, Senhor, entrarão no Reino dos céus”**. É uma reflexão chocante, mas não se pode negar a verdade. Não basta se dizer espírita para crescer espiritualmente! Não era o que tinha comprovado no curso? Enquanto o ônibus segue o trajeto, Felipe pensa no desafio que é ser um verdadeiro cristão.

## AUTORITARISMO E LIBERDADE SEGUNDO A LEI DIVINA

**E**m mais uma noite de aula, o professor José, antes de começar, anuncia:

— Hoje, concluiremos a primeira etapa de nosso curso.

Após a avaliação de seu desempenho, que não se fará por meio de provas escritas, mas pelas ações realizadas e pelos conceitos assimilados em profundidade, direcionaremos cada um para os estudos necessários. Os aprovados terão acesso ao curso sobre cristianismo e os fenômenos mediúnicos. O professor Ivan de Albuquerque é quem desenvolverá o estudo de hoje.

Após a prece, o professor José dá início à aula.

Felipe, do quarto andar, ouve feliz a explicação de José. Primeiro, porque ele está prestes a terminar o primeiro módulo, e esta conquista lhe dá muita alegria! Depois, porque vai assistir uma aula do Ivan, que tem como tarefa principal trabalhar com os abnegados jovens espíritas.

Todos estão em silêncio.

— Boa madrugada! — começa Ivan, de forma descontraída, o tema de nosso estudo, que tem o seguinte título: **Mediunidade: Controle e Liberdade.**

Em seguida, projeta cenas de alguns fenômenos mediúnicos, ocorridos nos oráculos — lugares de adoração da antiguidade — e um diálogo de dois sacerdotes, sobre a importância de eles controlarem como achavam melhor o fenômeno mediúnico. Depois, projeta cenas do profeta Isaías, anunciando a vinda do Cristo ao mundo, mais de 700 anos antes de Seu nascimento, e de Sócrates, dialogando com seus discípulos.

Terminadas as projeções, indaga:

— Questões?

— O fenômeno mediúnico que vimos em Isaías é mais elevado do que o do oráculo? — pergunta Eclésio.

— Observe que **não é o tipo de fenômeno mediúnico que define a evolução do médium e do grupo mediúnico. A diferença está na maneira em que o ser humano lida com esses fenômenos.** Existem espíritas que afirmam que a materialização é fenômeno do passado. **Quem os autorizou a alterar as leis de Deus?** Santa ignorância! É o mesmo que dizer que os processos de digestão ou de respiração saíram de moda. **A ânsia de crescimento espiritual, quando não atendida de forma justa, gera fantasias infantis e perigosas.** O fenômeno mediúnico torna-se menos grosseiro, é fato, mas continua a existir e ser necessário, como todos os processos naturais. O que diferencia a vivência da mediunidade dos oráculos e dos profetas? — indaga Ivan.

— O oráculo tem um grupo de pessoas escolhidas, os sacerdotes, com poder exclusivo de interpretar as mensagens. — responde Romildo.

— É muito bom constatar que vocês estudaram. No futuro, o professor Herculano Pires ministrará um curso aprofundado sobre as etapas da evolução da mediunidade na Terra.

— E nós poderemos fazer esse curso? — indaga Astrobrito, ansioso.

— Sim, desde que tenham a disposição para vivenciar seus conflitos interiores e superá-los. Deus é amor e misericórdia. Falta apenas que nos dediquemos ao nosso crescimento espiritual, e tudo nos será dado. Cabe-nos, agora, entender as diferenças básicas: no processo evolutivo, uma forma de viver que foi útil em um momento, se torna negativa em outro. A organização do oráculo é uma evolução em relação à vivência do fenômeno mediúnico nas tribos. Há uma preocupação moral em orientar a conduta dos homens, cria-se um grupo sacerdotal para esse fim. É um avanço neste período; mas por que depois se torna um obstáculo à evolução? — pergunta Ivan.

— Nessa etapa da evolução, o oráculo é importante para orientar e dar segurança ao indivíduo mas, depois, ele precisa aprender a caminhar com as próprias pernas e se sente sufocado com tanta regra e tanto segredo — diz Rivalina.

— É verdade. Com o tempo, transformamos segurança em dominação. E o que fazer para que os homens não fiquem presos

nestas estruturas, que os manteriam dependentes? –questiona Ivan, mais uma vez

– É muito difícil deixar a falsa segurança, mesmo que ela seja uma prisão... Eu não saberia o que fazer – afirma Rivalina, pensativa.

– Que tal mudar pelo exemplo? Com esse objetivo, foram enviados Espíritos capazes de vivenciar a mediunidade, livre dos dogmatismos dos sacerdotes, tais como Sócrates e os profetas hebreus. Eles estabeleceram um novo paradigma de relação mediúnica. São médiuns autônomos, moralizados, corajosos e livres. É uma vivência mediúnica superior. **As regras continuam existindo e sendo necessárias, mas são aplicadas pelo indivíduo, que avalia o seu caso particular, e não por um grupo, que a tudo padroniza e sufoca.** Vejamos algumas questões no livro-amigo.

Ivan pega então *O Livro dos Espíritos* e lê as seguintes perguntas:

**622. Deus deu a alguns homens a missão de revelar a sua lei?**

**R. Sim, certamente; em todos os tempos houve homens que receberam essa missão. São Espíritos superiores, encarnados com o fim de fazer progredir a Humanidade.**

**623. Esses que pretenderam instruir os homens na lei de Deus não se enganaram algumas vezes, e não os fizeram transviar-se muitas vezes, através de falsos princípios?**

**R. Os que não eram inspirados por Deus e que se atribuíram a si mesmos, por ambição, uma missão que não tinham, certamente os fizeram extraviar;**

*não obstante, como eram homens de gênio, em meio aos próprios erros ensinaram frequentemente grandes verdades.*

624. *Qual é o caráter do verdadeiro profeta?*

R. *O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podemos reconhecê-la por suas palavras e por suas ações. Deus não se serve da boca do mentiroso para ensinar a verdade.*

625. *Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e modelo?*

R. *Jesus.*

626. *As leis divinas e naturais só foram reveladas aos homens por Jesus e antes dele só foram conhecidas por intuição?*

R. *Não dissemos que elas estão escritas por toda parte? Todos os homens que meditaram sobre a sabedoria puderam compreendê-las e ensiná-las desde os séculos mais distantes. Por seus ensinamentos, mesmo incompletos, eles prepararam o terreno para receber a semente. Estando as leis divinas escritas no livro da Natureza, o homem pôde conhecê-las sempre que*

**desejou procurá-las. Eis porque os seus princípios foram proclamados em todos os tempos pelos homens de bem, e também porque encontramos os seus elementos na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie, mas incompletos ou alterados pela ignorância e a superstição.**

**628. Por que a verdade não esteve sempre ao alcance de todos?**

**R. É necessário que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: é preciso que nos habituemos a ela pouco a pouco, pois de outra maneira nos ofuscaria**

Após a leitura, Ivan prossegue com as explicações:

*— Jamais houve um tempo em que Deus permitisse ao homem receber comunicações tão completas e tão instrutivas, como as que hoje lhe são dadas. Havia, na Antiguidade, como vocês sabem, alguns indivíduos que estavam de posse daquilo que consideravam uma ciência sagrada, e da qual faziam mistério para os que consideravam profanos. É necessário que compreendam, com o que vocês conhecem das leis que regem esses fenômenos, que eles recebiam apenas verdades esparsas, no meio de um conjunto equivocado e, na maioria das vezes, alegórico. Não há, entretanto, para o homem de estudo, nenhum antigo sistema filosófico, nenhuma tradição, nenhuma religião a negligenciar, porque todos encerram os germens de grandes verdades que, embora pareçam contraditórias entre si, espalhadas que se acham, entre acessórios sem fundamento, são hoje muito fáceis de*

*coordenar, graças à chave que lhes dá o Espiritismo de uma infinidade de coisas que, até aqui, lhes pareciam sem razão, e cuja realidade lhes é agora demonstrada, de maneira irrecusável. Não deixem de tirar temas de estudo desses materiais. São eles muito ricos e podem contribuir poderosamente para as suas instruções.*

*Vejam o caso de Sócrates. Homem livre de preconceitos e de vícios, não condenou os oráculos, mas comunicou-se livremente com os bons Espíritos. É esse modelo que defendemos para a juventude espírita: respeito à limitação dos outros, vivência livre e ética da mediunidade. Seus discípulos sabiam que ele se comunicava com seu guia espiritual constantemente. Há, inclusive, relatos de orientações que evitaram acidentes e o próprio Sócrates não se tornara político por aviso de seu **daimon** (Espírito protetor), que o avisara que sua missão, naquela encarnação, era outra.*

*Sócrates sabia que cada encarnação tem um propósito específico e, sabiamente, buscou conhecer as tarefas que lhe cabiam e as desempenhou com dedicação. Sob orientação de seu amigo invisível, corajosamente ensinou muitas verdades espirituais e como se encontrar a verdade, por meio da crítica e da vivência diária da justiça. Os homens inferiores não amam a Verdade e, assim, o condenaram à morte. Em seu belo discurso, pouco antes de morrer, afirma aos seus juízes: “Lamento. Não por mim, mas por vocês. Parto com a consciência tranquila, pois vocês me condenam injustamente. Agora, despedimo-nos. Eu para a morte, vós para a vida; mas só a divindade sabe quem terá o melhor destino.” E, como sabemos, ele teve o melhor destino. Foi um justo.*

Ante o silêncio e a emoção de todos, Ivan continua:

*— Dos profetas hebreus, destacamos Isaías. Profeta corajoso e inspirado. Condena veementemente os poderosos corruptos e egoístas. Fala da inutilidade dos*

*sacrifícios e da adoração aos ídolos. Pelas vias mediúnicas, ensina aos homens um novo modelo de sociedade, estabelece padrões éticos para todas as relações sociais e ensina que a justiça social é alcançada pela compreensão espiritual da vida nos planos elevados. Fala do destino espiritual dos justos e dos bons e que, um dia, estes transformarão a Terra. É o profeta que mais fala da ida do Cristo ao mundo, mais de setecentos anos antes de sua reencarnação. Ele tudo isso conhecia, por causa da mediunidade.*

*Vejamos agora estes trechos, que evidenciam seu compromisso com a justiça e a bondade. Afirma Isaías, sem temor, criticando as práticas dos sacerdotes: “De que me serve a multidão dos vossos sacrifícios? Diz o Senhor: Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados; e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes.” O profeta demonstra aqui que é um homem livre e ético. Ensina que não interessa a Deus o sacrifício de animais, como pregavam os sacerdotes, mas sim uma conduta honesta. Isaías critica a classe responsável pela justiça e alerta: “Ai dos que decretam leis injustas, e dos escrivães que escrevem perversidades; para privarem da justiça os necessitados, e arrebatarem o direito aos aflitos do meu povo; para despojarem as viúvas e roubarem os órfãos!” (Isaías 10:1-2). Além de criticar as injustiças, orienta a conduta dos que julgam: “Não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem decidirá segundo o ouvir dos seus ouvidos; (...) decidirá com equidade, em defesa dos mansos da terra.” É o profeta que defende os órfãos, os abandonados, os desamparados do mundo. Como podemos compreender, com Sócrates e Isaías, a mediunidade tem como base insubstituível uma conduta ética elevada, e não normas limitadoras, criadas por homens fálveis. Não há norma que substitua a moralidade, a devoção e o amor ao próximo.*

*Quando falamos moralidade, queremos dizer uma conduta social justa e fraterna para com todos, e principalmente para com os mais necessitados, os aflitos, como ensina o grande profeta hebreu.*

Após pequena pausa, Ivan prossegue, ante o deslumbramento da grandeza desses homens, e da importância da mediunidade em suas vidas:

— Amigas e amigos, estamos na última etapa deste módulo. Precisamos entender que é necessidade nossa libertar a mediunidade das formalidades sociais. Necessitamos vivenciar a mediunidade, com ética e liberdade. A comunicação dos Espíritos é de todos os tempos, e o que muda é a forma como lidamos com ela. Para concluir, vejamos um trecho do prefácio de **O Livro dos Espíritos**:

*As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo pertencem à Natureza e não constituem nenhum fato sobrenatural. É por isso que encontramos os seus traços entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje elas são gerais e evidentes por todo o mundo.*

*Os Espíritos anunciam que os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal estão chegados e que, sendo os ministros de Deus e os agentes da sua vontade, cabe-lhes a missão de instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.*

— Peço agora que cada um de vocês busque entrar em contato telepático com seus anjos guardiões. Peçam ajuda para descobrir seus sentimentos em relação à mediunidade. Patrícia os auxiliará nesse processo, que vocês já deveriam ter vivenciado quando encarnados. Para entender melhor seus sentimentos, representem-nos, por meio de um desenho, como eles estão atualmente e como vocês desejam que eles se transformem.

Após a vivência, Ivan fala:

— Romildo, conte-nos o que você descobriu.

— Estou emocionalmente preso à necessidade de controle autoritário, assim como os sacerdotes — diz, constrangido.

— Continue, por favor.

— Sei que é triste, **mas tenho que admitir que meus sentimentos e meus impulsos inconscientes são de controle, de verificação orientada pelo meu gosto e interesse pessoal, de imposição de meu método, e não do método científico, elaborado por Allan Kardec. Minha relação com a mediunidade é impulsionada pelo gosto do poder.**

Suas palavras expressavam uma profunda decepção com ele mesmo.

— Amigo, continue. Não há outro meio de evoluir, a não ser admitira própria pequenez — estimula Ivan.

— Criei muitos métodos autoritários para o movimento espírita encarnado. Divulguei-os com fervor, no impulso inconsciente de minha memória espiritual, dos tempos do sacerdócio... Lá está a origem de minha desgraça! — diz Romildo.

— Que métodos? — indaga o professor amigo.

— Todos que me dessem poder. Dizia que era para evitar a obsessão... Que era para proteger a mediunidade! **Se fosse verdade o que preguei, todos os profetas e Sócrates seriam obsediados.** Estabeleci até o número de comunicações que os médiuns podiam dar e a idade para ser médium! Muitos até hoje seguem essa loucura, os meus métodos... — diz, enquanto enxuga as lágrimas.

— Você estabeleceu o número de comunicações que os médiuns deviam dar?! — pergunta Patrícia, com espanto. Como fazer isso sem conhecer os médiuns, seus potenciais fluídicos e psíquicos e suas necessidades reencarnatórias? Como fazer isso sem estudar a dinâmica energética do grupo em que o médium participa, e sem saber seu padrão ético e a condição de cada desencarnado comunicante?

Romildo olha assustado para Patrícia e fala, desesperado:

— **Eu tentei mandar na obra de Deus! Estava louco e muitos me seguiam e ainda seguem!**

— Acalme-se, amigo. É sempre uma imensa conquista admitir nossos defeitos, quando nos dispomos a melhorar — consola-o Ivan.

— Como você deseja transformar isso? — indaga Patrícia.

Romildo mostra seu desenho e explica:

— Desejo transformar minha necessidade de mando em humildade verdadeira. Quero aprender a obedecer as ordens do mais alto e a servir aos emocionalmente fracos, em vez de manipulá-los, como fiz.

— Rivalina... — chama Ivan, para que ela inicie.

— Comigo não foi diferente. Vi muitas cenas da minha última encarnação durante a reflexão e não tenho como negar: ainda estou, em relação a minha compreensão da mediunidade, muitos séculos antes da era cristã e dos profetas... Na fase dos sacerdotes dominadores... Meu Deus! — diz, nervosa.

— Fale-nos do que te vincula a esta fase — incentiva Ivan.

— É o medo, é sempre o medo! Medo de ser punida, de errar, de não cumprir com os regulamentos formais... — responde, mal terminando a frase, pois soluça convulsivamente.

Patrícia a ampara e pede que explique seu desenho.

— Quero construir uma fortaleza de coragem em meu coração. Vou socorrer os sacerdotes que desencarnam em sofrimento, para que eu não tema mais os “sacerdotes” do movimento espírita.

Patrícia sorri feliz, ante a ideia de autoeducação de Rivalina.

— Astrobrito, que reflexões você fez? — pergunta Ivan.

— **Meu desejo é de monopolizar o saber. Não aceito o acesso do povo a orientações espirituais que não sejam dadas por mim. É o exclusivismo mediúnico. Necessito de atenção, *status*.** Se todos pudessem ter contato com os Espíritos, como ficaria meu status?! Ainda sou um sacerdote da época anterior aos profetas e ao Cristo.

— Seu sofrimento será útil em sua recuperação — afirma Patrícia, que pede então que ele apresente seu desenho e explique-o.

— Veja — diz Astrobrito, apontando para o seu desenho, em que ele aparece distribuindo livros. É isso que quero fazer: aprender a distribuir, a estimular o saber espiritual. Gostaria de começar atendendo as pessoas aqui na biblioteca. Preciso aceitar que os outros também têm direito de conhecer.

— Sua vez, Eclésio — pede Ivan.

— **Acho que o que predomina em mim é a hipocrisia. Defendia a moral para os outros!** Fui contrário a qualquer regra moral, associada à mediunidade, para mim mesmo. Por isso sofro até hoje... — fala, baixando os olhos, cheios de lágrimas.

— Como vencer a hipocrisia? — indaga Ivan.

— Quero aprender a sentir as minhas dores em profundidade; assim, nunca terei tempo para fingir ou para vigiar os outros. Vou regredir às minhas piores existências, para aceitar quem sou e os outros como eles são, sem falsidade.

Ivan parabeniza-o por sua ideia. e pede para Patrícia:

— Fale-nos de sua vinculação com o tema estudado.

— Admiro profundamente o profeta Isaías. **Para mim, como para ele, a mediunidade é fonte sagrada de estímulos para a renovação íntima e social. Penso que os homens e as mulheres encarnados só terão fé e criatividade para tornar o mundo justo e equilibrado quando souberem conduzir a mediunidade com coragem e com ética, a serviço de todos.** A mediunidade é a fonte poderosa que estimula a luta de superação da animalidade. Na verdade, acredito que, somente com a mediunidade moralizada, poderão os habitantes do mundo da matéria densa alcançar a renovação necessária. **Não há como socorrer milhões de seres desamparados, social e moralmente, nessa fase evolutiva, sem o concurso constante dos Espíritos superiores. Como os espíritas não veem isso? É o que me pergunto, constantemente.** É preciso mudar este quadro; por isso, decidi reencarnar. Eurípedes convoca imensa e poderosa falange, para mudar a compreensão da mediunidade no mundo.

Suas palavras tocam como um bálsamo a todos que vivenciavam suas recordações dolorosas. A revelação da futura obra de Eurípedes no mundo e da reencarnação de Patrícia geram poderosos estímulos. Todos sabem da elevação de Eurípedes e da determinação de Patrícia, no que se trata de ensinar o sagrado ofício da atividade mediúnica.

— Não queremos perdê-la... — diz Rivalina.

Patrícia sorri e fala:

— Reencarnarei dentro de dez anos. Durante esse período, estaremos juntos. Preciso entender melhor o atual movimento espírita dos encarnados. Fui espírita na época de Kardec, e tudo

mudou muito! E, em dez anos, todos esperamos que vocês aprendam a se devotarem à mediunidade e, assim, poderemos estar sempre juntos. A mediunidade é a via mais eficiente para nos mantermos unidos, independente do mundo em que estivermos.

Patrícia silencia.

Algo diferente está acontecendo. Todos sentem e permanecem em silêncio.

Após alguns minutos, ela sorri e diz:

— Tenho uma boa notícia vinda de Eurípedes: todos foram aprovados! Em breve, estudaremos o período cristão e seu desenvolvimento, até a implantação do Espiritismo no mundo. Eurípedes está feliz: **nada o deixa mais feliz que o progresso de seus discípulos e o verdadeiro progresso só se realiza com a sinceridade em relação a si mesmo** — conclui.

Todos choram de alegria. É uma vitória coletiva.

A proposta final foi buscar um jovem médium na Terra e auxiliá-lo a evitar os caminhos obscuros da mediunidade sacerdotal. Patrícia encerra então a aula, a pedido de Ivan:

*— Agradecemos ao Cristo e a Eurípedes pela oportunidade que nos concedem. Eurípedes continua a tarefa que o Mestre lhe confiou: educar os mais necessitados espiritualmente. Na Terra, utilizou-se da própria mediunidade para ensinar e curar milhares de pessoas! Agora, no espaço, trabalha para auxiliar os espíritos que, munidos de um imenso arsenal de luz, não vivenciam a mediunidade segundo o Espiritismo e morrem em situação amarga, porque quiseram dominar, gozar paixões inferiores, possuir status e riquezas, ou porque acovardaram-se ante o dever. Sabemos que as enfermarias espirituais estão cheias de espíritos. Pobres espíritos! Não sabem sequer desencarnar, e deles se espera que renovem a Terra!*

Ao acordar, Felipe lembra completamente desta aula, ficando pensativo. Quer contribuir mais. A necessidade é imensa. Deus há de lhe ajudar a tornar-se um espírito sincero!

# SE A MEDIUNIDADE FALASSE – LIVRO 5

## CRISTIANISMO E MEDIUNIDADE



## PREFÁCIO

**É** o Cristo o maior modelo de ação magnética, de relação espiritual e de emprego dos poderes do Espírito a serviço de Deus. Todos os discípulos sinceros utilizaram-se da mediunidade para consolar, curar, amparar as mais diversas dores e, também, por meio da mediunidade, foram socorridos pelos servos do Senhor, que atuavam no plano espiritual, e pelo próprio Mestre. Os sonhos, os desdobramentos, a vidência e a premonição são faculdades utilizadas por todos que querem servir a Deus, em prol do avanço da civilização do Espírito no coração dos homens, que deve transbordar nas relações sociais.

O Reino do Mestre é o Reino da paz e da espiritualidade. Somente com o impulso do mais Alto, conseguirá a criatura terrena espiritualizar-se em profundidade. Defendemos, sim! Defendemos a vivência mediúnica cristã, para todos aqueles que desejam servir e doar-se à Causa do Bem, porque Jesus utilizou-a e porque os discípulos imperfeitos não podem prescindir do apoio do mais Alto para completarem sua obra.

Lembremo-nos: somos cristãos, e os cristãos devem imitar o Mestre.

Paz,  
Ivan de Albuquerque.

## OS AMIGOS DO CRISTO

**F**elipe dorme e, enquanto conversa com Pai Joaquim fora do corpo, subitamente sente alguém a lhe apertar a garganta do corpo físico. Um mal-estar o invade. Pai Joaquim observa-o, tranquilamente.

— O que está acontecendo? — indaga Felipe a Pai Joaquim.

— É Roberto, inimigo de Avelino que, sabendo de nosso plano para ajudá-lo, quer lhe assustar — explica o mentor.

— Me ajude, Pai Joaquim... estou ficando com medo! — pede Felipe.

— É verdade, está mesmo — diz o amigo espiritual, com tranquilidade.

— Preciso voltar para o corpo! Preciso acordar, me defender... — Calma, filho.

— Pai Joaquim, por que isto está acontecendo comigo? O que fiz de errado?

— Errado? Nada...

— Então, por que estou sofrendo?

— Meu filho, diga-me: o que o Cristo fez de errado?

Felipe, apesar do desconforto que está sentindo, entende algo que nunca tinha pensado. Sempre achou que todo sofrimento fosse punição.

— O que devo fazer?

Pai Joaquim sorri feliz e responde:

— Como é bom quando você aprende, meu filho! Vamos para o seu quarto conversar com o Roberto. Quem sabe você não o convence a mudar de vida?

— Eu?! Mas não sei o que falar... — Você aprende. E eu lhe ajudarei. Vamos!

Ao chegarem ao quarto de Felipe, encontram Roberto agarrado ao pescoço do corpo material de Felipe, tentando enforcá-lo. Após aproximarem-se da cena, Pai Joaquim orienta:

— Ficarei invisível, mas estou aqui ao seu lado.

— Tudo bem... — diz Felipe, tentando buscar coragem.

Felipe se aproxima e toca Roberto por trás, que dá um salto assustado e, ao vê-lo sozinho, corre em direção a ele.

— O que faço? — pensa Felipe.

— Olhe para ele com firmeza e diga que está com saudades — responde Pai Joaquim.

— Não entendi. Como é? — pensa mais uma vez.

— Olhe para ele com firmeza e diga que está com saudades!

Roberto se aproxima.

— Estou com saudades de você, meu amigo!

Roberto para, olha para ele, e pergunta:

— Então você se lembra?

— Sim, de alguma coisa. — diz Felipe, reproduzindo o pensamento de seu guia.

— Você se lembra da época do Cristo?

Neste momento, Pai Joaquim induz Felipe a lembrar de uma encarnação à época do Cristo, em que ele e Roberto eram amigos; na verdade, eram irmãos que tinham um rico comércio em Jerusalém.

— Sim. Fomos irmãos e nos ajudamos até o fim da vida — fala Felipe, confuso.

— É verdade! Então por que você agora me trai? — pergunta Roberto.

— Descobri que estávamos errados.

— Errados? Nós? Como?! O que você quer dizer com isso?

— Jesus, o filho de José, é o verdadeiro enviado de Deus.

— Covarde! Nós prometemos que nunca o perdoaríamos!

Felipe fica confuso, pois não sabia do que Roberto falava, nem sabia se poderia confiar totalmente nele. Tenta captar os pensamentos de seu protetor. Vê então uma cena no templo de Jerusalém, em que Jesus expulsa os comerciantes com um chicote em punho e, com voz enérgica, diz: *“A casa do meu Pai é uma casa de oração e vocês a transformaram em um covil de ladrões”*. Felipe vê a banca de seu comércio ser derrubada. Não consegue

mover-se; aquele Messias fala com uma autoridade inabalável. Felipe chora ao recordar essas imagens.

— Roberto, meu irmão — fala Felipe, comovido — estávamos errados! Olhe como você está triste e infeliz. Jesus tinha razão. Os interesses de Deus estão acima da nossa ambição por riqueza. No templo, disfarçados com a desculpa de servir a Deus, nós, os comerciantes, assim como os sacerdotes, apenas pensávamos em enriquecer mais e mais. Eu falo a verdade, Roberto, pois quero o seu bem! — conclui, com a voz carregada de emoção.

— Mas... Você pode me ajudar?! Jesus me perdoaria? — fala Roberto, expressando o cansaço de uma vida inferior.

— Vamos fazer uma prece e pedir uma resposta de Jesus — afirma Felipe, impondo as mãos em Roberto.

— Senhor Jesus, sabemos que és misericordioso! Há quanto tempo o negamos e fugimos do seu amor. Por favor, amigo divino, tem piedade de meu irmão, que tanto me ajudou no passado, e hoje é um mísero obsessivo sexual de Avelino. Tem piedade de todos nós! Muito precisamos de seu cuidado, de sua proteção e de seu amor.

Roberto, emocionado e anestesiado com as energias que Felipe lhe aplicou, olha-o e diz, antes de desmaiar:

— Eu sabia que você nunca me trairia... meu irmão!

Felipe abraça-o. Pai Joaquim torna-se visível. Felipe chora convulsivamente. Seu mentor pede que os Espíritos que fazem a proteção da casa de Felipe, os guardiões do Evangelho no Lar, como são conhecidos, levem Roberto.

— Que choro bonito! — brinca Pai Joaquim, contente com a atuação de seu protegido.

— Mas... é tudo verdade? Tudo o que vi? Como pode? Dois mil anos...

Pai Joaquim sorri e confirma com a cabeça.

— Por que eu não soube antes? Não era melhor eu saber antes de conversar com ele?

— Não, meu filho. Primeiro porque o encontro de vocês facilitaria a lembrança; segundo porque é importante você entender que é o socorro aos sofredores que amplia a

mediunidade. Médiun de “gabinete”, que só quer saber de Espírito “evoluído”, é médiun mistificado e amigo dos Espíritos mentirosos. Nós, que trabalhamos em nome do Cristo, só temos uma regra: a caridade para com todos. Fora disso, é mistificação.

— Pai Joaquim, estou muito abalado... — Com o que, meu filho?

— Na época do Cristo, eu preferi meu comércio, as riquezas, ao invés que escutá-lo.

— É verdade. Isso é triste. Porém, mais triste ainda vai ser se você, nesta encarnação, mais uma vez preferir o dinheiro e a vaidade, em vez de segui-lo.

— Isso pode acontecer? — Felipe pergunta, ficando ainda mais surpreso.

— Claro, meu filho. Livre-arbítrio significa liberdade de escolha.

— Como faço para não falir novamente?

Felipe, que lamentava o passado, agora se apavora com o futuro.

— Sugiro que você se lembre dessa regressão. Ela é um aviso importantíssimo para você. Você deseja lembrar?

— Sim, com certeza. Eu quero!

O mentor aplica-lhe um passe e, em seguida, diz:

— Você lembrará de tudo ao acordar. Saiba que tudo o que você recebeu só foi permitido por Deus porque você se dispôs, abnegadamente, a ajudar Avelino.

— Nunca imaginei que ia “ganhar tanto”...

— Sempre que agimos por amor, recebemos muito mais do que esperamos — explica o amigo, que logo em seguida desaparece.

Felipe senta-se ao lado de seu corpo, respira fundo e tenta colocar as ideias no lugar: “Que experiência radical! Vou contar para o Gabriel...”

Lembra-se do Colégio Allan Kardec. São duas da manhã. Resolve partir.

Chega ao colégio e resolve subir as escadas sozinho. Afinal, o que poderia acontecer? Passar mal já passava mesmo... Chega ao início da escadaria do quarto andar. Para. Devia tentar

mesmo? Sabia que não estava sendo arrogante, pois já fizera um módulo no quarto andar. E Eurípedes sempre incentiva a autonomia. Não estaria na hora de, pelo menos, tentar? Decide-se. Sobe, passo a passo. A sensação de morte começa. “Nada de novo” — pensa, para ter ânimo. A sensação piora muito. Olha para os lados. Outros sobem, tranquilamente. Pensa que, se pedir ajuda, será ajudado. Mas deseja chegar de forma independente. Fica tonto e sente que vai desmaiar, mas se segura na escada. Respira fundo. “Que venha a dor!” — pensa, subindo com firmeza. Chega à sala e Gabriel, que está na porta, o abraça!

— Parabéns! Você venceu a mais terrível limitação para o crescimento espiritual.

— Eu?! Qual?

— O medo, meu amigo.

— É? O que isto significa? Nunca mais terei medo? — indaga Felipe. — Não, Felipe. Você ainda terá muitos medos...

— O que venci então? — responde Felipe, sem entender.

— Você alcançou algo maior, a coragem de enfrentar os seus medos!

Felipe sente um profundo bem-estar e pensa: “Vencerei meus medos!”

— Você aprendeu mais hoje do que quando Jesus derrubou sua banca! — fala Gabriel, sorrindo.

— Você sabe dessa história? — pergunta Felipe, surpreso.

— Claro. Não lhe convidaria para trabalhar comigo sem conhecer seus erros e acertos, meu amigo.

— Quem sabe você não me fala mais de mim!? — brinca Felipe, ao entender como são sábios os Espíritos superiores.

— Falarei sim! — conclui Gabriel, ao que ambos riem.

O ambiente das duas salas é de paz. No quarto andar, milhares de alunos. Na primeira sala, temos Rivalina, Eclésio, Romildo, Astrobrito, Patrícia, José e Eurípedes. Todos aguardam, em silêncio.

— A prece no início de uma atividade espiritualizadora é um ato de alta relevância. É importante que vocês permitam que as energias elevadas toquem seus corações, para que possam

proteger o grupo — explica José, que pede a Eclésio que faça a prece inicial.

Eclésio sente-se feliz pela confiança dada a ele e pela oportunidade de expressar seu amor pelo Mestre dos mestres, tantas vezes por ele traído, e faz assim sua prece:

*Senhor, divino amigo, por quanto tempo o trai! Por quanto tempo fugi! Por quanto tempo quis lhe esquecer! Ainda assim, o Senhor foi me buscar na lama da dor, do desespero e da loucura. O Senhor sabe o quanto ainda tenho de inferioridade em meu coração e, mesmo assim, não me condena, não me repudia. Pelo contrário, me acolhe, me ensina, permite que eu partilhe do Amor de seus discípulos fiéis e leais. Obrigado, Senhor! Obrigado! Apenas posso agradecer a sua imensa compaixão por minhas dores, apenas posso louvar seu amor pelos sofredores e posso oferecer minha dedicação total ao seu amor, como a única prova sincera de agradecimento, por tudo o que Senhor fez e faz, ainda hoje, por mim. Obrigado!*

José agradece a Eclésio e inicia a aula:

— Entender a grandeza do Cristo e de sua missão na Terra é essencial para saber valorizar a missão do Consolador. Somente quem entendeu o impacto que este homem teve e tem na história do mundo pode dimensionar a importância do Espiritismo na atualidade terrena. Não é possível, em nosso breve curso, apresentar toda beleza da missão de Jesus de Nazaré; contudo, destacaremos os elementos essenciais para nos orientar neste momento de decisão da sociedade terrena. A ida do Cristo ao mundo não foi um evento pontual e isolado; ao contrário, sua missão está envolta em um longo e detalhado planejamento, que tem como objetivo a redenção da criatura terrena.

— E o que é esta redenção? — pergunta Astrobrito.

— É o amadurecimento do ser, é a criação de um vínculo indestrutível entre criatura e Criador, é a conquista da verdadeira felicidade.

Podemos resumir a missão do Cristo no mundo como o ensino da arte e da ciência da verdadeira felicidade — responde José.

— Nunca pensei assim. Nunca imaginei que todo o esforço do Cristo estivesse direcionado à nossa verdadeira felicidade — comenta Astrobrito.

— **Estivesse, não; está!** — afirma José e explica: O plano de Jesus ainda está sendo executado e continua tendo, como elemento central, nos ensinar a caminhar até Deus, que é a única fonte de eterna alegria, paz e compaixão. O planejamento da espiritualização do mundo é responsabilidade de Jesus, que conta com o auxílio de milhares de Espíritos evoluídos.

Houve um grupo de Espíritos que foi exemplo de abnegação no auxílio à tarefa de Jesus. Falo dos essênios, que foram capazes de compreender e seguir os ensinamentos de Jesus, antes de sua ida ao mundo. Eles esperaram o Cristo para segui-lo. Seus corações sublimes e obedientes sentiram a aproximação do Mestre. Dentre os essênios, citamos Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo e Cairbar Schutel que, na época, chamavam-se Lisandro, Marcos e Josafá, respectivamente. Ao encontrar Jesus, reconheceram-no e tornaram-se Seus fiéis seguidores. Não por acaso, eles atualmente coordenam as atividades do Movimento do Consolador no Brasil e no mundo. Nosso diretor, Eurípedes Barsanulfo, ministrará a aula de hoje, que tem o seguinte tema: **Os amigos de Jesus.**

Eurípedes levanta-se, caminhando até a frente do auditório, e assim inicia a aula:

— A transmutação dos sentimentos do ser humano é o alvo máximo da tarefa cristã. Para nós, cristãos de longa data, a cristificação ou a autocristificação é o objetivo máximo da vida. A ciência, a filosofia e a ação no mundo da matéria densa ou da matéria sutil têm sempre este objetivo. Quando essênio, dedicava-me à cura de doenças físicas, por meio das terapias magnéticas e da utilização de plantas. Quando em Sacramento, utilizei-me do receituário mediúnico, orientado por Bezerra de Menezes, para ajudar na cura de doenças. **Meu objetivo, assim como o de Bezerra de Menezes, continua sendo o mesmo: estimular a espiritualização do ser. Além do alívio do sofrimento, desejamos**

**estimular a reflexão, a espiritualização do ser.** A cura do corpo, pensamos, é uma prova objetiva da verdade espiritual que defendemos — conclui o mestre de Sacramento, para dar início às perguntas:

— O senhor não acha perigosa a utilização da mediunidade para acurá de problemas físicos? — pergunta Romildo.

— Depende como você define “perigo” — explica Eurípedes. Do ponto de vista espiritual, desenvolver-se em um mundo atrasado como a Terra acarreta muitos perigos, frutos da incompreensão da sociedade em geral. O ser não-evoluído nunca prioriza buscar o Pai Criador. Sua prioridade é a satisfação da animalidade, da vaidade e do orgulho. Por isso, ele foge ou se opõe à verdadeira caminhada em direção a Deus. Quando decidimos nos tornar cristãos, não podemos querer agradar à maioria da sociedade terrena. **O grande erro de muitos cristãos é querer atender às modas e aos métodos de um mundo atrasado e, ao mesmo tempo, espiritualizar-se. Isto é muito perigoso.** Nos ensinamentos de Jesus, a advertência é inegável: *Não podeis servir a dois senhores. Ou se serve a Deus, ou ao mundo.* Os interesses são incompatíveis. Quem prioriza Deus, está vinculado à própria espiritualização: às práticas elevadas da caridade, da meditação silenciosa, do estudo científico, para melhor servir e melhor integrar-se ao amor divino. Os interesses de quem serve ao mundo são os tão divulgados modelos da Terra: fama, riqueza, beleza aparente, poder, satisfação imediata, prazeres vazios e desequilibrantes. Como servir a ambos os ideais? Impossível. O grande problema é que, mesmo no seio do Consolador, observamos Espíritos que há milênios tentam satisfazer seus desejos inferiores e se iludem com o pensamento de que estão se espiritualizando. Este é o perigo com que todos devem se preocupar. **A cura mediúnica, como fez Jesus, é instrumento de espiritualização e deve ser um dos instrumentos de estímulo à evolução do ser.**

Após um período de silêncio, Eurípedes prossegue:

— Vamos estudar a relação entre a mediunidade ensinada por Jesus e a mediunidade conduzida por Allan Kardec. Nosso desejo é esclarecer o que significa a mediunidade verdadeiramente cristã.

Como Jesus e Allan Kardec educaram a mediunidade? Que modelo eles nos deixaram? Quais as características centrais da educação mediúnica praticada por Jesus, guia da Humanidade, e de Allan Kardec, seu discípulo lúcido e abnegado? Sei que muitos aqui nunca pensaram nestas questões. É por isso que discutiram, escreveram e pregaram modelos mediúnicos anticristãos — fala Eurípedes, com tranquilidade.

— Como o movimento espírita encarnado “conseguiu” se distanciar tanto de Jesus e de Kardec? Como esquecemos desse modelo? — indaga Rivalina, ainda espantada com a contradição, cada vez mais clara, entre a educação mediúnica espírita-cristã e a “educação mediúnica” do movimento espírita encarnado.

— **O distanciamento do caminho cristão ocorre por estes dois motivos: rebeldia ante a necessidade de educação dos sentimentos e incapacidade de entendimento intelectual.** Afirmo Jesus: *Os homens não terão me entendido ou não terão desejado me entender.* Ou seja, alguns ouviram as orientações do Mestre, mas não quiseram entender, não querendo aplicá-las às suas vidas. Outros não têm a capacidade de entender. Claro que a situação espiritual deles é muito diferente. Hoje, todos têm a capacidade intelectual para entender. Por isso, os revoltados serão encaminhados a outros mundos, para que as vivências rudes, ao longo dos séculos, os ajudem a transformar seus sentimentos. — responde Eurípedes.

Todos estão em silêncio. Eurípedes olha para a todos. Seu olhar é sereno. Ele transmite seu desejo de que todos aprendam o verdadeiro cristianismo e, ao mesmo tempo, alerta para a gravidade da situação do planeta, do movimento espírita e de cada um em particular. Indaga o mestre:

— O que caracteriza a educação mediúnica de Jesus e de Kardec? Por que Kardec e Jesus estruturaram suas equipes de trabalho com pessoas de diversas idades?

Todos estão impressionados. Eles não sabiam responder, pois não sabiam que, nas equipes de Jesus e Kardec, existiam pessoas de todas as idades. Sempre imaginaram que Jesus e Kardec agiam igual a eles, em seus centros espíritos. Nunca tiveram a “curiosidade” de se perguntarem como Jesus e Kardec educavam a mediunidade. Por mais chocante que seja, esta é a

verdade: os seguidores pensavam saber mais do que os Mestres! Eurípedes continua:

— Para nos ensinar a capacidade de compreender o outro, para estimular a cooperação entre seres com diferentes experiências, e para que a preparação da futura geração seja verdadeira, seja prática, as diferentes gerações devem conviver. **Quando os mais velhos não conseguem conviver com os jovens e os jovens se afastam do convívio dos adultos, o modelo cristão fica incompleto.** Como estruturar um grupo cristão, se as atividades dos atuais espíritas são divididas, por conta de excluïrem os mais novos? Observem a gravidade disso: muitos defendem a proibição da participação dos jovens nas atividades mediúnicas nos núcleos espíritas. **O critério do Cristo e de Kardec nunca foi o da idade, mas o da maturidade. O grupo cristão deve estruturar-se orientado pela lógica da integração, e não da divisão por critérios externos.** Jesus convocou João, o Evangelista, a participar do colégio apostólico em sua mocidade. Para Jesus, a prática mediúnica está integrada à vida. O exemplo mais marcante foi a materialização de Moisés e Elias no monte Tabor, da qual, a convite de Jesus, o adolescente João participa, junto com Pedro, discípulo já maduro. Já Allan Kardec permite que Gabriel Delanne, aos seis anos, participe de reuniões mediúnicas por ele presididas. O critério de ambos nunca foi externo, sempre espiritual.

— E por que os atuais espíritas não entendem isto? — pergunta Patrícia, que está cada vez mais intrigada com a atual geração espírita encarnada.

— Muitos entendem, Patrícia, pois basta uma rápida pesquisa no **Evangelho** e na **Revista Espírita** para confirmar o que afirmo. **O maior problema é que muitos não querem compreender. É o caso da rebeldia ante as Leis de Deus. Não querem assumir as pesadas responsabilidades de se educarem verdadeiramente. Não querem ver suas ilusões questionadas. Não querem descer do palco da ilusão de suas “carreiras” espíritas. Mais cômodo é o convívio entre os que se enganam mutuamente, no comércio de muitos elogios e poucos sacrifícios, em benefício da causa do Cristo e de Kardec.**

Como pensava Patrícia, o grande problema não é o entendimento. É a falta de disposição para servir a Deus e abandonar os valores do mundo.

— Além da integração de indivíduos de diversas idades, como tornar nossos grupos atuais em verdadeiros grupos espírita-cristãos, no que se refere à mediunidade? — pergunta Eclésio.

— A educação mediúnica com Jesus e com Kardec sempre tem uma dimensão prática e social. Além de estudar, o que é indispensável, é preciso praticar a mediunidade em reuniões bem estruturadas e bem dirigidas. O excesso de “regras”, em vez de espiritualizar o ser, atrapalha. **Purificar o coração, orar, cultivar o equilíbrio e o silêncio interior diariamente é o caminho necessário, que todos podem trilhar.** Mas os fariseus, momentaneamente encarnados no movimento espírita, criaram e criam inúmeros “conselhos”, “normas” e “métodos” para educar a mediunidade. Será isso realmente necessário? Penso que não.

Que os participantes dos grupos mediúnicos cultivem hábitos saudáveis, estudem e reconheçam as próprias limitações já é o suficiente para um bom trabalho. **As obsessões desenvolvem-se com base no orgulho, que é a negação do indivíduo em reconhecer suas limitações. O Livro dos Espíritos, na questão 919, alerta: o melhor caminho para se evitar os arrastamentos do mal é conhecer-se a si mesmo.** No aspecto social, um grupo mediúnico deve sempre estar em contato com quem mais sofre. Amparar enfermos, visitar presidiários, ser o consolo nos momentos de perdas de entes queridos, apoiar viciados, que lutam para se recuperar. Por que os grupos atuais raramente visitam essas pessoas? Não há como ampliar a mediunidade sem socorrer também os encarnados. **A educação mediúnica, segundo Jesus e Kardec, tem estas características:**

1. Grupos que estão abertos para congregar pessoas com diferentes características sociais: ricos/pobres; adultos/jovens, intelectuais/pouco instruídos. Isto significa que o critério é moral e intelectual (capacidade de compreensão), e não é externo;
2. A educação mediúnica está ligada a um processo de crescimento espiritual individual, que orienta a formação

de hábitos da oração, autoavaliação, meditação e renúncia à animalidade;

3. O grupo mediúnico deve exercer atividade de apoio a pessoas e grupos que estejam precisando.

Não é preciso mais do que isto para instituir um grupo mediúnico cristão. Complicar e limitar a prática mediúnica, como se faz atualmente, é afastar as pessoas do verdadeiro cristianismo. **Conhecimento doutrinário, simplicidade e sinceridade.** Tudo o que disso passa tem origem maligna, conforme ensina Jesus: *Seja o vosso falar: sim, sim; não, não; tudo o que disso passa, procede do maligno.*

Eurípedes olha para Eclésio e pergunta:

— Você está disposto a entender os motivos reais que o impediram de difundir o modelo espírita-cristão no movimento espírita?

Eclésio treme. Sabe que possivelmente lembrará erros do passado. Vendo sua hesitação, Eurípedes afirma:

— **Meu amigo, a única forma de evoluir é tendo coragem de enfrentar os próprios erros, aceitar-se imperfeito e não temer servir à causa do Bem.** Muitos espíritas se enganam fugindo do passado, e isso é um erro. À medida que o indivíduo amadurece, deve, obrigatoriamente, olhar para dentro de si. Não para se culpar, mas para se entender e servir mais. O esquecimento é necessário para as almas frágeis e temerárias, não para quem esteja disposto a evoluir.

Eclésio sabe que está sendo observado por milhares de espíritas, que faliram como ele. Pensa então que seu esforço será excelente para todos. Criando coragem, aceita.

Eurípedes pede que ele se deite em uma maca, que é trazida por enfermeiros. Ele deita e segue as orientações do Mestre de Sacramento. Felipe observa atentamente. É um momento de aprendizado valiosíssimo. Eurípedes faz uma prece silenciosa e uma luminosidade envolve a todos. Aplica passes em Eclésio e, após alguns minutos, Eclésio começa a falar:

— Eu sei, eu sei! Eu sei que Ele é a mensagem de Deus ao mundo! Eu sei! Mas o que você quer que eu faça?! Ninguém, ninguém quer abrir mão de sua posição no templo! Nem os que

acreditam que Jesus é o profeta enviado de Deus. Ora, ora, o que você quer que eu faça?

Começamos a ver a cena do diálogo entre Eclésio e Astenor, seu conselheiro e amigo. De uma forma que ainda não compreendo, Eurípedes é capaz de captar e transmitir as imagens da memória de Eclésio.

O diálogo ocorre em um aposento luxuoso na casa de Eclésio. Eles discutem sobre o que fazer em relação à análise que os sacerdotes judeus fariam sobre Jesus.

— Mas você acredita que Jesus é o enviado de Deus? — indaga Astenor.

— Claro que ele é! — responde Eclésio, falando baixo.

Depois de olhar para os lados, continua:

— Ele curou Helena, minha esposa! Ele fala de Deus de uma maneira que ninguém, nem os maiores sábios do templo falam. Sua voz é doce e cheia de sabedoria. Seu olhar é repleto de paz e ternura e, mesmo assim, em sua presença, senti-me tão pequeno como um verme que tivesse de enfrentar o sol face a face...

— Devemos proclamar a verdade! — defende Astenor, que já se tornara um verdadeiro seguidor do Evangelho, da Boa Nova.

— Nunca! — solta um grito nervoso.

— Mas você não acaba de dizer que Ele é o enviado? — indaga Astenor.

— Sim, sim... — diz, confuso. Mas... Não posso perder o que tenho! Que fazer? Tornar-me mendigo?! É isso que você quer? — fala, irritado.

— Poderemos trabalhar com nossas mãos! — fala Astenor. Se estivermos com Deus, que mal pode nos acontecer?

— Não, não! Até admito perder minha riqueza, mas... e minha posição social? Todos me reverenciam. Se virar um mero seguidor, terei que tratar a todos como iguais! Você já pensou nisso?!

— Sim — responde tranquilamente — e isso é maravilhoso. Afinal, não somos todos filhos de um mesmo Pai?

— Não aceito! Isso eu não aceito! Sei que é verdade, mas não consigo... Não quero seguir o profeta... de Deus.

— Pois eu o seguirei. Segurei Jesus! — fala Astenor, de forma tranquila.

— Você?! E como ficarei?

— Caso você queira continuar como está, morarei em uma cidade distante. Minha conversão é um fato consumado, mas não quero lhe trazer problemas.

Eclésio tem um acesso de fúria. Levanta-se para agredir Astenor, pois nunca aceitou ter seu poder contestado ou diminuído. Ao levantar o braço para bater em Astenor, tem um ataque cardíaco fulminante. Cai morto.

Neste momento, observamos que Eclésio se contorce da mesma forma que vimos suas contorções na tela, ocorridas há dois mil anos... Eurípedes faz com que ele, pouco a pouco, retorne a sua consciência normal. Ele está banhado de suor, pálido, abatido. Após sentar-se, Eurípedes pede que ele compartilhe sua compreensão conosco.

— Que estúpido eu fui! Não seguir o Cristo, sabendo que Ele é o enviado de Deus, por causa da minha posição social no mundo!? Quem se lembra de mim?! De que valeu meu apego doente ao respeito do mundo?! E para que a lição fosse mais clara, eu tudo perdi. Perdi por nada! Como tudo poderia ter sido diferente... — diz, chorando.

— Acalme-se, amigo. É preciso aprofundar mais suas vivências, para melhor ajudá-lo.

Eurípedes pede que ele se deite mais uma vez e diz:

— **Sabemos que a chegada do Consolador ao mundo, enviado por Jesus, equivale ao renascimento do cristianismo verdadeiro.** Vamos relacionar o Consolador com o cristianismo primitivo. Peço a todos que se concentrem, para continuarmos com a aula.

Neste momento, apresenta-se Astenor que, por meio de muitas vidas abnegadas, conquistara grande evolução. Abraça Eclésio e, junto com Patrícia, o leva ao plano superior em que habita.

Agora, é Patrícia quem transmite o que acontece para os alunos.

Ao chegar, Eclésio desperta, deslumbrado. Nada pode descrever a beleza de um mundo superior. Nada. São cidades de extrema beleza, avenidas iluminadas artisticamente, casas que podem se mover para acompanhar as estrelas ou as luas, escolas em que os alunos, Espíritos evoluídos, discutem e pesquisam a origem do universo. Há viagens a galáxias distantes e a conquista da felicidade, de forma cada vez mais profunda. Não há transtornos, não há brigas, não há mágoas ou mentiras. Todos se amam verdadeiramente...

Eles param em um lindo jardim, o atravessam e, ao se aproximarem da entrada da casa, a porta se abre. Entram. Tudo é belo e harmônico. Passam por uma linda sala. Eclésio tudo olha, deslumbrado. Caminham para um dos quartos da casa e, de repente, Eclésio para e lê um nome em uma das portas. Espanta-se. Lê mais uma vez, atentamente... Chora. Olha para Patrícia e aponta para a bela placa, em que está escrito: **ECLÉSIO. Ano 30.** Há quase dois mil anos aquele amigo o espera! Dois mil anos! Eclésio e Astenor se abraçam.

Ante a cena, todos os alunos choram. **Quem poderá saber o real valor de uma verdadeira amizade?**

Eclésio, Astenor e Patrícia retornam para a sala de aula. Astenor e Eurípedes comunicam-se vibratoriamente. Astenor se despede de todos com um olhar, que transmite uma paz profunda.

Eclésio, que foi adormecido para o retorno para a sala, acorda. Ao abrir os olhos, Eurípedes pede que ele compartilhe com todos a experiência de sua última encarnação como líder espírita.

Ele respira fundo e começa:

— Hoje, graças à misericórdia de Deus e ao amparo de Astenor, dos professores e de Eurípedes, tenho dimensão do que significa ser cristão. Sei que todos somos amados. Também sei que devemos fazer por merecer a paz daqueles que se tornaram dignos seguidores de Jesus. O primeiro passo é confessar. Somente assumindo as próprias imperfeições podemos superá-las. E esse foi o meu primeiro erro.

**Estava tão interessado em manter minha posição de dirigente espírita que nunca cuidei seriamente de minha**

**espiritualização. Pelo contrário, escondia meus defeitos, apontava os defeitos dos outros.** Fugia de mim mesmo e acusava os outros! Quantas fofocas ainda existem no movimento espírita! Quanta maldade, porque muitos não querem enfrentar os próprios erros! Preferem acusar, caluniar e disputar cargos e tarefas vaidosas. Ajudei a transformar o atual movimento espírita em um movimento farisaico. Graças a mim, os falsos profetas do poder têm ampla aceitação no movimento! Ensinei a avaliação por critérios exteriores. Quando se tem uma multidão, significa que tudo está certo! Foi isso que eu ensinei. Mas quem diria que encontrei o Cristo, cercado por poucos discípulos e, mesmo assim, ele curou minha mulher?! Eu ensinei que o bom palestrante é o que dá muito público, independente do que fale... O bom livro é o que vende... E o bom centro espírita é o que tem centenas de pessoas... Critérios exteriores criados por mim, que continuo sendo um... fariseu, negador de Jesus!

Neste momento, grossas lágrimas escorrem dos seus olhos, mas ele prossegue:

— Há dois mil anos traí o Cristo, e há duas décadas o traí novamente! — conclui Eclésio, cuja emoção o impede de continuar a falar.

— Perguntas? — indaga Eurípedes.

— Como o nome “Eclésio” estava na porta, se em cada encarnação se muda de nome? — pergunta Astrobrito.

— Antes de cada encarnação, Astenor convida Eclésio para visitá-lo e para alterar o nome sem, contudo, mudar a data — responde Eurípedes.

Em seguida, Barsanulfo orienta:

— Peço agora que leiam a síntese da história espiritual de Astenor, que será disponibilizada a vocês, e projetem como poderia ter sido a história espiritual de Eclésio, caso ele tivesse se tornado um espírita sincero em sua última encarnação.

Astenor o teria acompanhado de perto em suas realizações espíritas, mas ele optou por servir a Mamom, mais uma vez. Imaginem como teria sido seu desencarne. Preparem uma encenação com a vida que ele teve e com a que ele poderia ter tido.

Eurípedes encerra a aula, orientando os dois grupos de alunos a visitar os dirigentes espíritas encarnados e apresentar a peça gravada.

Com Eurípedes, tem sempre prática. Ele é cristão.

## A REVOLUÇÃO SOCIAL CRISTÃ

**F**elipe adormece, sai do corpo com tranquilidade e encontra Gabriel, ao lado de seu corpo físico.

— Que bom ver você aqui! — exclama Felipe, feliz.

— Vamos, temos pouco tempo! Quero lhe ajudar com Avelino. Hoje é um dia decisivo para ele. Vai haver uma grande festa.

— O carnaval fora de época?

— Exatamente. E hoje os líderes das trevas vão organizar as atividades de vampirização. Um dos vampiros de Avelino vai pedir ajuda para desencarná-lo, pois sente que vai perdê-lo.

Felipe mal acredita no que ouve e pergunta:

— E eles podem fazer isso?

— Sozinhos, não. Mas o problema é que Avelino está muito envolvido por eles e alimenta pensamentos suicidas. Vamos, depois lhe explico tudo — conclui Gabriel.

Partem. Vão observar a reunião.

— Muitos suicídios “nascem” aqui — explica Gabriel. No futuro, estudaremos esse problema do ponto de vista dos encarnados, para tentar mostrar o quanto o “caminho da alegria” pode ser trágico. Por ora, vamos nos ocupar com Avelino.

Felipe escuta tudo, em silêncio. Não podem ser vistos pelos Espíritos inferiores.

— O plano foi traçado — explica o obsessor de Avelino. Vamos providenciar uma semana de muitos aborrecimentos. Durante a festa, quando ele estiver totalmente bêbado, vou “convencê-lo” a se divertir, dirigindo em alta velocidade. Nesta hora, eu projeto em sua mente os aborrecimentos. Sei que vou convencê-lo de que a vida não vale a pena! Em poucos segundos, ele vai jogar o carro no poste... E aí eu pego ele! — conclui, gargalhando.

Após ouvir esta história, Felipe e Gabriel saem.

— Tudo isso é possível? — pergunta Felipe, impressionado.

— Sim, Felipe. O que, no mundo, se chama de “diversão” é, muitas vezes, autodestruição...

— O que faremos? Como vamos impedir isso? Eles são muitos, não podemos lutar contra eles!

— Nosso dever não é “lutar” contra ninguém. Vamos ajudar todos, inclusive Avelino. Porém, a decisão final será dele. Se ele não nos ouvir, dificilmente escapará! — conclui Gabriel.

— Como poderemos ajudá-lo?

— Ouça! Amanhã você deverá falar da vida espiritual para ele. Não se preocupe, pois vocês se aproximarão, naturalmente. Uma coisa é muito importante: fale da vida espiritual e da responsabilidade que temos em cuidar do corpo, vivendo em equilíbrio. Você fará isto? — indaga Gabriel, com seriedade.

— Sim, mesmo que ele me chame de esquisito! Prefiro isso, a vê-lo se destruir sem que eu, pelo menos, tente ajudá-lo.

— Providenciarei para que você se lembre de tudo. São duas e quinze. Vamos para nossa aula. É importante auxiliar e se auxiliar — conclui Gabriel.

Entram. Sobem até o quarto andar. No último lance de escadas, Felipe sobe em silêncio, sentindo suas dores. Gabriel acompanha-o, em silêncio. Às vezes, é apenas isso que precisamos: de um amigo que, silenciosamente, nos acompanhe. Sentam. Os alunos do primeiro andar também estão em silêncio. A aula dos alunos do primeiro andar será no jardim do colégio. Haverá a observação de outra sociedade.

— Estudaremos a relação entre o Evangelho e as sociedades mais avançadas do que a Terra com nosso amigo Cairbar Schutel. Ele é um dos maiores estudiosos do Evangelho no movimento espírita — explica o professor José.

A energia que Cairbar transmite é intensa e vibrante; sua presença nos enche de alegria. Cumprimenta a todos, silenciosamente, e pede que façamos um exercício espiritual, que ampliemos nosso vínculo fluídico com o Cristo. Orienta que imaginemos o Cristo e que se abramos o coração para dele recebermos energias curadoras. A sensação de paz é espetacular. “Vou fazer isso sempre!” — pensa Felipe.

— Essa é nossa prece inicial. Sabemos que a Terra não é o único planeta habitado no universo. Atualmente, cientistas materialistas — os poucos que ainda existem — admitem essa realidade ou, pelo menos, essa possibilidade. O objetivo de nossa aula é entender a relação entre a escala evolutiva dos mundos e a missão do Cristo na Terra. Iniciaremos com a observação de uma civilização mais avançada do que a nossa — fala Cairbar.

A empolgação toma conta de todos. Observar a vida em um mundo evoluído!

— Vamos observar a vida em Saturno, um planeta mais evoluído do que a Terra, embora ainda não seja a representação de um mundo celeste. Utilizaremos este poderoso aparelho, capaz de captar não apenas as características gerais do planeta, mas também as imagens do dia a dia de sua população — diz Cairbar, apontando para um aparelho, ao seu lado, que é um tipo de telescópio, acoplado a uma tela muito ampla.

Em poucos instantes, ele começa a transmitir imagens de Saturno. O espanto é geral! Sua beleza é estonteante. A sociedade é organizada e bela. Não há miséria, as pessoas são serenas. Seus rostos expressam tranquilidade e confiança. Parecem não saber o que é violência, medo ou tristeza. Não há correria, nem desordem. Vemos seus imensos laboratórios, em que equipes conduzem experimentos, com o objetivo de aprofundar a compreensão do universo. Em um deles, Espíritos testam métodos de comunicação telepática, com seres de diferentes sistemas solares. As escolas nada parecem com as nossas, da Terra; crianças meditam antes das aulas de ciências, para obterem um melhor aprendizado. Todo ensino é prático, e tem um objetivo real de trazer algum bem à sociedade.

As cenas são acompanhadas das explicações do professor. Após alguns minutos, a transmissão é encerrada. Cairbar indaga:

— Qual a relação entre o que observamos e a missão do Cristo na Terra?

— Não vejo nenhuma relação — afirma Astrobrito, após observar o silêncio do grupo.

— Este é o problema do movimento espírita encarnado. Os espíritos encarnados, obviamente com raras exceções, não entendem que a missão de Jesus é a transformação social da

Terra. De tanto repetirem o discurso da caridade, acostumaram-se a não refletir no significado mais profundo, no significado *real* da caridade.

Vejamos o exemplo de Jesus. Quantas vezes o Mestre nos orientou, dizendo que a doação da esmola seria o suficiente para a transformação social profunda? Quantas vezes ele afirmou que apenas bastaria orar regularmente para alcançar o Reino dos Céus? Quantas vezes ele nos falou que bastaria a execução de um ritual, para que estivéssemos aptos ao Banquete dos Eleitos?

— Mas Jesus não contou a parábola do bom samaritano, como modelo da caridade? —indaga Romildo, visivelmente abalado com os comentários do professor.

— É verdade. A parábola do bom samaritano é o modelo da verdadeira caridade, mas o que ela significa? O modelo da ação do bom samaritano não significa simplesmente que devemos, em um dado momento da vida, em um dia de boa vontade, amparar alguém para alcançar real evolução espiritual. O problema é que muitos querem interpretá-la assim: basta uma vez ou outra fazer uma boa ação, como o bom samaritano e, segundo pensam, tudo está resolvido! Obviamente, isso não é verdade. Os problemas humanos são muito mais profundos. Teria errado Jesus, ao contar essa história? Penso que não. O erro, como muitas vezes acontece, está em sua interpretação.

Vamos aprofundar essa compreensão. Primeiro, é preciso observar o que Jesus ensina. Quando os religiosos passam e não acolhem o irmão caído, porque estavam ocupados, não é porque não praticassem o bem. Como religiosos formais, eles praticavam o bem apenas em determinados momentos, e não como uma regra da vida. O samaritano não era um religioso formal; na verdade, era considerado não-religioso, mas adotou o bem como regra de vida, e não como uma atividade a mais. Nisto está o grande equívoco do movimento espírita atual. Agem como religiosos formais, e não como cristãos!

Vemos espírita-cristãos que atuam profissionalmente de maneira prejudicial para a sociedade e, no fim de semana, doam uma ou duas horas de seu tempo; assim, pensam garantir sua entrada no Reino dos Céus. Como podem pensar assim?! Eles pensam dessa forma porque se condicionaram a se enganarem,

desde antes da época do Cristo. Ser o bom samaritano não é apenas se doar em poucas horas, durante a semana. É viver de tal forma que todos os dias, todos os minutos, estejamos contribuindo para a paz e para a melhoria social. Eis a missão de nosso Mestre: tornar-nos grandes, por sabermos servir sem limites ao próximo. Este é o modelo do samaritano!

Todos estão espantados. Caridade, para os participantes, era atividade de fim de semana ou de fim de dia, e olhe lá. Durante a maior parte do tempo, era a luta do “vale tudo”, sempre com as velhas desculpas das necessidades materiais.

Eclésio levanta a mão e pergunta:

— Pensando assim, o espírita deveria, por exemplo, optar por um trabalho que gerasse mais bem social, em vez de um que não contribuísse para a sociedade, mesmo que assim ganhasse menos?

— Não se pode servir a Deus e às riquezas — responde Cairbar, com firmeza, e continua. A missão geral dos espíritas é contribuir poderosamente para a transformação social, e não se utilizar dos recursos, que, muitas vezes, colocamos em suas mãos, para se tornar mais um opressor dos simples, mais um explorador dos fracos, mais um “líder” religioso, repleto de vaidade e ignorância. Não! Ao cristão verdadeiro cabe servir, servir sempre!

Se for rico, se desenvolveu a inteligência, se herdou facilidades, que não se iluda: austeras contas prestará a Deus. Não se engane com algumas ou muitas doações. Muito mais é esperado dele. Deve servir com a alma, com os recursos que tem e, acima de tudo, com o coração. Sem medidas de vaidade, sem falsa humildade. A vida corporal, para quem crê no Cristo, é um instante precioso para provar seu amor a Deus e para construir uma sociedade melhor. As análises petulantes, os discursos longos e vazios geram sempre as tristezas da decepção espiritual e, tantas vezes, a loucura por terem sustentado uma máscara tão falsa, em favor de sua comodidade.

As palavras de Cairbar são fortes e verdadeiras. Como contestá-las? Não é a realidade dos participantes do curso a prova viva do que ele afirma? Após uma pausa, ele pergunta:

— Como sair disso? Como superar esse ciclo vicioso da falsa santidade, da aparente elevação, da acomodação e da covardia doentia?

“Devoção real” — pensa Felipe.

— Nunca pensei que deveria ter direcionado minha vida ao ideal do Cristo. Achava que participar das atividades espíritas era suficiente — fala Romildo.

— Não basta, diz Cairbar. Obviamente, cada um deve ter sua ocupação profissional, mas o que eu coloco é o seguinte: por que, dentro de sua área de vocação, o espírito não opta pela profissão em que pode melhor servir à sociedade? Por que não dá provas de desinteresse material, servindo mais e ganhando menos? Não se constrói uma sociedade harmônica apenas com pregações. É necessário trabalho árduo, abnegação, solidariedade. Vemos empresários que se dizem espíritas, porém do que diferem dos materialistas? Não teria algo errado com isso? Observamos médicos que não sabem o que é abnegação, que não se utilizam dos recursos espirituais em seu dia a dia, mas, por irem uma vez por semana ao centro espírita, dizem-se espíritas e acreditam estar cumprindo com suas missões. Será que estão? E a quem caberá transformar profundamente a sociedade atual? Aos ateus? Aos religiosos profissionais?

Como atingiremos uma compreensão profunda do cristianismo vivendo como materialistas? Como serviremos a Deus priorizando Manon? Nossas palavras não são simples condenação, elas são um grave alerta. É possível transformar a Terra. Na verdade, a Terra se transformará de qualquer forma, mas, como na Parábola da Festa de Casamento, só poderá participar dessa transformação aqueles que tiverem vivido o sacrifício de melhorar o rude mundo da matéria densa. Ninguém usufruirá do que não cultivou. A hora é chegada em que novos servidores serão enviados e aqueles que pensam enganar a Deus com suas “belas desculpas” terão de, muito em breve, vivenciar desilusões profundas.

Após um breve silêncio, propõe:

— Vamos nos organizar em duplas. Cada um auxiliará a regressão de memória do outro. Regridam para o momento do

planejamento reencarnatório anterior ao seu primeiro contato com o cristianismo no mundo.

— Não sei como fazer — diz Rivalina.

— Você está aqui para aprender, minha amiga. É preciso que você pratique aqui. Em sua próxima encarnação, a regressão será prática comum nos centros espíritas bem orientados. Instituiremos o estudo do planejamento reencarnatório para os trabalhadores de verdadeira boa vontade. O Cristo fez isso com todos os seus discípulos e com muitos outros que não o seguiram diretamente. O Mestre revelava, com naturalidade, a missão dos indivíduos na Terra. Não parece óbvio que, quando se conhece a própria missão, é mais fácil cumpri-la? Kardec e Eurípedes adotaram a mesma prática. Coragem! O medo descontrolado nos afasta de Deus. Eu vos auxiliarei com a técnica, mas será a sua vontade que impulsionará o seu colega de dupla a lembrar esse momento específico do passado — explica o professor.

Eclésio, para ajudar Rivalina, propõe que ela comece vivenciando a regressão, para depois realizá-la.

Sob a orientação de Cairbar, Eclésio e Astrobrito fazem uma prece silenciosa, impõem as mãos sobre todos e mentalizam energias relaxantes, envolvendo seus colegas. Após alguns minutos de aplicação fluídica, Eclésio e Astrobrito captam as orientações telepáticas de Cairbar e as reproduzem.

— Respire fundo — fala Eclésio para Rivalina. Respire fundo, você está segura. Aqui você poderá revelar-se, pois todos lhe respeitam e desejam verdadeiramente lhe auxiliar.

Ao ouvir essas palavras, que expressam a sinceridade de coração de Eclésio, Rivalina entra em um estado mais profundo de consciência, sorri e apenas responde:

— Está bem.

— Vamos agora lembrar sua programação reencarnatória... — continua Eclésio.

Rivalina concorda, acenando com a cabeça.

— Conte-me: como você estava antes de reencarnar para ter o primeiro contato com o cristianismo no mundo?

Após alguns instantes de silêncio, Rivalina fala:

— É lindo!

— O que você está vendo? — pergunta Eclésio.

— Vejo uma imagem... A imagem do Cristo! — responde, com emoção.

— Como é essa imagem? — incentiva Eclésio.

— É uma figura bela. Dizem-me que Ele estará assim no período em que eu o encontrar...

— Quem lhe diz isso?

— Meu instrutor... É... Ele é meu instrutor reencarnatório.

— Como ele se chama?

— Astenor.

— O que ele lhe fala sobre a encarnação que você terá?

— Ele me explica que terei uma oportunidade única... Apenas uma vez, em muitos milênios, temos uma oportunidade como a que terei.

— Qual o seu objetivo para esta encarnação?

— Cristianizar-me. Tornar-me cristã.

— Em que momento de sua encarnação você terá contato com o cristianismo?

— Estarei com trinta anos... Ah... Estarei viúva. Meu esposo desencarnará de um acidente... Poucos anos antes de eu conhecer o cristianismo...

— E como você deverá conhecer a mensagem de Jesus?

— Eu...Eu encontrarei com Jesus! Ele passará por minha cidade e eu conversarei com ele sobre minha tristeza e minha sensação de abandono...

Nessa altura da regressão, Eclésio sente interesse em pedir que ela conte como foi o encontro com o Cristo. Captando seus pensamentos, Cairbar concorda com sua ideia.

— Avance no tempo. Conte como foi seu encontro com Jesus no mundo material.

— Estou em casa, sentada e olhando o movimento pela janela.

Estou triste...

Nesse instante, Rivalina começa a chorar, mas prossegue com seu relato:

— Sou viúva há dois anos. Não tenho filhos. Tenho fortuna, mas minha vida é solitária. Escuto o barulho da multidão, agitada. Peço informações a meus empregados. O que estaria acontecendo? Judite explica que a cidade será visitada por um homem maravilhoso. Muitos dizem que Ele é o enviado de Deus. “Tolice!”, penso. Mas Judite fala dele com tanto amor, que me impressiono e pergunto: “Você O conhece?” Ela responde: “Conheço seus ensinamentos e sei que Ele curou minha prima, há mais de um ano... Quando Ele a curou, ela estava à beira da morte. Os sábios que a trataram, nada conseguiram. A família já não tinha mais esperança.” Essa história despertou meu interesse. Resolvi ir e observar de longe aquele novo mago. Vesti-me discretamente, e fui para a entrada da cidade. Fiquei em um lugar alto para que pudesse vê-lo, queria observar se Ele faria algum milagre. Permiti que Judite me acompanhasse...

— Como foi seu encontro com Jesus? — pergunta Eclésio.

— Eu estava na entrada da cidade. Vi-o andando. Ele parou, olhou para mim e disse: “Hoje verás a grandeza de meu Pai: muitas curas se realizarão; mas não te esqueças, a principal cura é a cura da alma. Só o amor cura as feridas profundas, que muitas vezes se escondem em corpos saudáveis.” Sinto um abalo intenso ao ouvir essas palavras. — E o que aconteceu?

— Houve muitas curas...

— Você teve outro encontro com Jesus? — pergunta Eclésio, que tem por tarefa explorar o encontro de Rivalina com o cristianismo.

— Sim.

— Como foi? — estimula Eclésio.

— À noite, soube que Ele estava na casa de um rico comerciante, meu conhecido. Resolvi ir vê-lo.

— Como foi esse encontro?

— A presença do Cristo é surpreendente. Em um momento, assemelha-se aos homens; em instantes, conseguimos ver seus traços divinos... Quando silencia, é capaz de nos emocionar, apenas com sua presença. Quando nos olha, sabemos que vê todos os nossos sentimentos e, ao mesmo tempo, nos sentimos aceitos e amados... Quando Ele fala, é como se cantasse a melodia mais suave. Quando sorri, sentimos uma alegria infinita

a invadir nosso coração... Seu sorriso é capaz de nos fazer esquecer todas as dores.

Quando consegui aproximar-me dele, perguntei como poderia vencer a tristeza de meu coração, ao que Ele respondeu, trazendo o seguinte ensinamento: “O coração do ser humano deve pertencer ao Pai. Quando ele o entrega, sem pedidos e exigências, Deus o torna repleto de paz e de abundância. Quando o ser deseja primeiro provas e garantias, torna-se vítima das impurezas e das tristezas torturantes do medo e do desejo material. Somente a doação desprendida a Deus purifica o ser e o torna feliz.” Ao ouvir isso chorei, pois entendi a profundidade do que Ele falava. Acima de tudo, sentia a verdade de cada palavra que ouvia.

— O que aconteceu depois?

— Fui para casa, decidida a mudar plenamente.

— Você mudou?

— Não... — diz, com voz dolorida.

— O que aconteceu?

— No dia seguinte, fui visitada pelos sacerdotes... — E o que fez você mudar de opinião?

— Eles convenceram-me... Convenceram-me a não mudar... — Como?

— Falaram que os cristãos eram pobres miseráveis, que eu acabaria na miséria... Que ninguém defenderia uma viúva cristã!!!

— E você, como reagiu?

— Eu temi... Não queria perder o que tinha... Sentia-me frágil... Após um longo silêncio, Rivalina afirma:

— Eu cedi! Afastei a lembrança do Cristo. Tornei-me uma servidora e uma grande doadora do templo. Não queria perder o que tinha! Nem meu dinheiro, muito menos minha situação social respeitável. “Ele, Jesus, me entenderá” — era o que eu pensava, para acalmar minha consciência...

Nesse instante, Eclésio é intuído a finalizar a regressão. Rivalina é despertada lentamente e orientada para que mantenha a lembrança integral de tudo o que falou.

— Todos precisamos aprender a aceitar nossos erros e buscar a verdade — explica Cairbar.

Como expressão artística, foi proposto que cada um pintasse um quadro, representando seu primeiro encontro com o Cristo. A apresentação das experiências foi uma lição comovedora, com histórias belas e amargas. O Cristo nos ama e nós temos nos recusado a amá-lo, ao longo dos séculos.

Como prática, o professor os orienta a acompanhar o embarque de alguns espíritos para um outro mundo. Não mais poderiam reencarnar no orbe terreno. Uma experiência difícil até para descrevermos. Momento chegará em que todos conheceremos, com detalhes, esse processo educativo.

## A QUEDA DE PEDRO

**F**elipe acorda com a nítida lembrança do que viveu. Seria capaz de desenhar todos os quadros que viu na aula. Arruma-se e vai para o colégio. Na entrada, encontra, sem querer, Avelino. — Tudo bem? — fala Avelino.

— Oi! Como você está? — indaga Felipe.

— Mais ou menos, mas este fim de semana vai ser radical! Não quero nem saber, vou tomar todas!

Neste instante, Felipe se lembra da “reunião” a que assistiu com Gabriel Delanne.

— Você tá bem? — pergunta Avelino ao ver Felipe, pálido.

— Tô sim. É só sono...

— Também não dormi direito. Sonhei com umas coisas estranhas.

Toca a campainha, dando início às aulas. Vão até a sala e se despedem.

Felipe não consegue se concentrar direito. “O que posso fazer?” — pensa, um tanto angustiado. No intervalo do recreio, Avelino, intuído por Aureliano, seu guia espiritual, procura Felipe para conversar:

— Tô com uns filmes legais lá em casa, se quiser lhe empresto.

— Que filmes? — pergunta Felipe, buscando uma “brecha” para ajudar o amigo.

— Tem uns de terror que são radicais — comenta Avelino, empolgado.

— Vai ver são eles que lhe dão pesadelos! — fala Felipe, descontraído.

— Será? — pergunta Avelino, que nunca tinha pensado nisso.

— Na verdade, acho que não. Eu acredito que quando dormimos, saímos do corpo... — fala Felipe e pensa “que Pai Joaquim me ajude!”.

— Cara, que história maluca! — fala Avelino.

“Deu errado...” — pensa Felipe.

— Mas eu acho que já vivi isso. Uma vez me vi na cozinha. Tinha uma mulher linda, mas que depois virava um mostro deformado... “Acho que deu certo...” — pensa Felipe, aliviado.

— É possível sim, Avelino. — fala Felipe, empolgado.

Felipe explica então a Avelino o que é o mundo espiritual, de forma que conversam durante todo o recreio.

— Cara, eu queria saber mais sobre isso. — fala Avelino, quando estão voltando para a sala de aula.

— É só ler *O Livro dos Espíritos*, que está na sua prateleira — fala Felipe, empolgado e com alívio no coração.

— Mas... como você sabe?! — pergunta Avelino, espantado.

Chegam na sala. Avelino olha para Felipe, esperando uma resposta.

— É coisa de Espírito... — diz, brincando.

Avelino continua olhando para Felipe, esperando uma resposta.

— Depois da aula lhe explico. E à noite nos falamos pela internet.

Combinado?

— Certo.

Avelino está intrigado. Felipe está sem saber o que responder. Pai Joaquim e Aureliano ficam felizes. Este é o gancho para a conversa da noite, que eles planejaram. Deu tudo certo.

Depois do **Culto do Evangelho no Lar**, Felipe conecta-se, enquanto Avelino já está conectado, lhe esperando. Tem muitas perguntas a fazer.

Conversam muito sobre a vida espiritual. Felipe conta o que leu sobre vampirismo e Avelino pergunta como saber se ele está sendo “vítima” de Espíritos obsessores. Felipe explica:

— Frequentemente, nos casos de obsessão, a pessoa se sente deprimida sem motivo. O comportamento se altera sem razão. Ela tem muitos pesadelos ou medo de dormir, pois, quando dorme e sai do corpo, encontra Espíritos que lhe atacam. Algumas vezes, ouve vozes ou pensamentos estranhos invadem

sua cabeça. Esses Espíritos também tentam impedir que a pessoa ore com fervor e também que ele estude e se esclareça.

— Ah. Então é por isso que, toda vez que penso em ler *O Livro dos Espíritos*, acontece alguma coisa — comenta Avelino e, com isso, lembra-se da sua pergunta anterior.

— Como você sabia que eu tenho *O Livro dos Espíritos* em casa? — Felipe pensa um pouco e responde:

— Estive em sua casa em espírito e vi o seu livro.

— É verdade?! — indaga Avelino, intrigado.

— Sim. E, para ser sincero, tem mais uma coisa. Você quer saber?

— Claro!

— Tem certeza?

— Tenho sim, pode falar.

— Acredito que você está com sérios problemas espirituais — fala Felipe, com cuidado, pois não quer assustar o amigo.

— Você acha? Por quê?

— Primeiro: observe o que você está sentindo.

— É verdade. O que mais?

Felipe pede inspiração a Pai Joaquim, pois sabe que não ajudaria nada apavorar o amigo.

— Sinto que você deveria se cuidar mais espiritualmente, para que não aconteça nada de ruim com você.

— Mas vai acontecer alguma coisa ruim?

— Não. Não é para acontecer. Mas você precisa muito se cuidar. Senão, pode acontecer.

Avelino está intrigado com tudo aquilo.

— O que eu devo fazer?

— Orar com sentimento sincero, pedindo ajuda dos bons Espíritos e do seu anjo da guarda. Ler com atenção *O Livro dos Espíritos*. Fazer o Evangelho no Lar.

— Isso eu não sei fazer. Como é esse “Evangelho no Lar”?

— Eu lhe ensino. Posso ir aí amanhã, na sexta?

— Amanhã eu vou pra festa! — fala Avelino, com convicção.

— Se eu fosse você, não iria. Você sabe que depois vai ficar aquele vazio e aquela tristeza, não é? — argumenta Felipe.

— Mas eu vou na sexta na festa e aí na segunda fazemos o Evangelho. Que tal?

“Que situação”, pensa Felipe. “O que eu faço?”. Aureliano se aproxima de Felipe e o inspira.

— Avelino... Acredite ou não, mas eu vou lhe dizer. Desta festa você não volta. Se eu fosse você, leria o livro **Renúncia** em vez de ir se destruir, mas a vida é sua. Eu só quero lhe ajudar.

— Ei!!! Como você sabe desse livro também?! Felipe está desconcertado. Pai Joaquim sorri.

— Avelino, eu já lhe falei...

— Agora eu acredito! Não tenho como duvidar. Tô sentindo umas coisas estranhas.

— Avelino, vamos orar! Vamos fazer uma prece e a leitura do Evangelho. Depois vamos dormir e amanhã vou aí para conversarmos.

Pode ser?

— É... Pode. Vou esquecer este carnaval...

Leem o Evangelho e oram. Aureliano e Pai Joaquim coordenam a imensa equipe, que agora vai iniciar a “limpeza” do quarto de Avelino. O trabalho durará a noite e o dia seguinte. Será concluído durante o Culto do Evangelho no Lar. Soubessem os encarnados um terço da importância do Evangelho no Lar, e nunca viveriam sem cultivar as luzes do Cristo em suas casas. Felipe dorme Feliz. Vitória espiritual! A única que tem valor eterno. Pai Joaquim beija-lhe a testa. Aureliano e Pai Joaquim se abraçam.

— Parece que os jovens espíritos vão mudar a Terra! — diz Aureliano.

Sem saber, Felipe conquistou uma amizade por toda a eternidade. Um dia, quando mais precisar, Aureliano, Espírito de elevada condição, estenderá sua mão ao jovem Felipe. Seja onde for, ele estará ao lado de Felipe, quando ele mais precisar.

Ao adormecer, Felipe se encontra com Ivan.

— Que bom lhe ver! — fala Felipe.

— Parabéns por seu primeiro socorro! — comenta o amigo.

— Obrigado! — responde Felipe, que não estranha mais Ivan saber das coisas.

— Um dia você aprende a se manter informado, sem precisar de tanto tempo — explica Ivan.

— Eu?! Um dia vou saber de tudo que se passa, assim como vocês?

— Claro! Não existe privilégio: existe conquista, meu amigo. Hoje teremos uma palestra muito especial. Tanto pelo expositor, como pelo significado simbólico de sua presença — explica Ivan.

— Quem é? E qual é o significado? — pergunta, curioso.

— Você já ouviu falar de Pedro?... — Pedro? Que Pedro? O apóstolo de Jesus?!

— Sim.

— Um apóstolo do Cristo! Eu vou ver um apóstolo de Jesus de Nazaré!

— Vamos. Mas sem foto e sem autógrafo! — brinca Ivan. Devemos abrir nossos corações para que as impressões superiores fiquem gravadas para sempre — orienta o amigo espiritual.

— Vamos!!! — diz Felipe, empolgadíssimo.

Chegam ao jardim do Colégio Allan Kardec. Encontram amigos e conversam animadamente naquele ambiente de elevada beleza. A beleza desempenha uma extraordinária função na recuperação de Espíritos atormentados, bem como auxilia o desenvolvimento espiritual de todos.

Trinta minutos antes do início do diálogo, todos vão ao anfiteatro. É a aula de conclusão do curso: Cristo e mediunidade. Ali estão nada menos que dois mil estudantes. Patrícia está sentada, junto à mesa que fica em frente ao auditório. Ao lado dela, duas cadeiras vazias. Ela está em silêncio. Cabe-lhe manter a harmonia, com a ajuda de todos.

Eurípedes Barsanulfo entra, caminhando com tranquilidade, e, ao seu lado, uma figura diferente, simples e deslumbrante. Será ele? Uma agitação percorre o auditório e, ao perceber que isso poderia desconcentrar a todos, Patrícia pede:

— Mantenhamos o ambiente de paz e de prece. Em trinta minutos começaremos.

Todos se acalmam. A harmonia do ambiente é deslumbrante. O professor e o convidado cumprimentam Patrícia e se sentam, silenciosos. Decorridos trinta minutos, José, que está na plateia, levanta-se, dirige-se à frente e anuncia:

— Hoje temos a honra de receber, em nossa escola, um velho amigo da Humanidade: o pescador de Cafarnaum, Simão Pedro. Esse amigo, como faz questão de ser chamado, vem nos falar da vida de nosso amigo divino, Jesus de Nazaré. Pedro é o exemplo do apóstolo abnegado e sincero, que nunca negou suas deficiências, nunca escondeu suas quedas morais, nunca fingiu ser “evoluído — para usar uma expressão espírita — como tantos fazem ainda hoje. Já lhes previno para não se assustarem com a simplicidade e com a sinceridade desse Espírito, que tantas vezes revelou-se a si mesmo para curar suas feridas morais e para auxiliar-nos a melhor entender o caminho que ensina Jesus: simplicidade, amor, humildade. Vamos acolhê-lo, acompanhando a prece de Patrícia.

José se senta e Patrícia se levanta. Todos elevam o pensamento enquanto ouvem sua oração:

*Pai do universo e de todas as formas de vida, somente sentindo o Seu amor por todos os seus filhos podemos entender a presença desse amigo abnegado entre nós. O amor desconhece fronteiras sociais, culturais e espirituais; por isso, apesar de nossos erros por meios diversos, poderosamente o Senhor nos diz: “Meu amor é infinito! Levantai-vos, vós que estais caídos; erguei-vos, vós que lamentais. É hora de vida, a colheita está próxima: trabalhai e sereis felizes*

Patrícia está banhada em lágrimas. Durante a prece, percebeu o que significava a presença do apóstolo junto a Eurípedes no Colégio Allan Kardec: é o início da última etapa do trabalho cristão no mundo, pois a presença de Pedro significa a vinda de todos os Espíritos que se cristianizaram, ao longo dos séculos, para atuar diretamente na Terra, encarnando ou guiando os encarnados. É o fim dos tempos da iniquidade, da solidão cruel e da maldade no mundo. Patrícia identifica os verdadeiros

mártires do cristianismo de todos os tempos em sua visão espiritual. De agora em diante, eles atuarão juntos, de forma direta e poderosa.

Por causa disso, os Espíritos inferiores tanto combatem o Espiritismo, pois não querem se transformar e desejam aumentar o número dos que serão transferidos para outros mundos. A Terra será herdada pelos verdadeiros cristãos. Os pacíficos herdarão a Terra.

— Trago a Boa Nova! — inicia o apóstolo. Vocês, como eu, negaram o Mestre.

Essa frase gera um impacto profundo no auditório.

— Não neguem seus erros, amigos e amigas. Eu neguei o Mestre, mesmo tendo sido prevenido. Curei-me, por ser capaz de assumir o erro. Não nos tornaremos anjos negando nossa realidade humana. O Cristo sempre fez questão de enfatizar a necessidade da sinceridade de nossa condição.

Tudo o que disso passa, tem origem maligna. Por que Ele ensinou isso? Porque, muitas vezes, a criatura humana quer ser o que não é. Quer ser perfeita, sem o sacrifício de se aperfeiçoar. É esse desejo doentio que deu origem ao mito do anjo caído; afinal, anjo não cai, sabe voar! — fala Pedro, com bom humor, estimulando a alegria de todos, e continua: O mito do anjo caído é a história simbólica do ser humano que quer ser mais do que é. Quando a Lei de Deus o desmascara, ele se revolta. Não era anjo, era “anjo artificial”. É sobre isso que vou falar: o artificialismo dos cristãos atuais, dos herdeiros do Evangelho.

Após um momento de silêncio, em que parece observar cada ouvinte, Pedro prossegue:

— A maioria dos espíritas atuais estranharia as práticas mediúnicas de Jesus. As regras formais, e não morais, do atual movimento, são contraditórias com a mediunidade ensinada, de forma prática, por Jesus de Nazaré. Nós também nos espantávamos com o exemplo do Mestre. Ele simplesmente *vivia* o bem. Parece pouco, mas não é. Em qualquer questão, seu raciocínio sempre era e é o do Amor.

**Aprendemos com Ele a fazer uma pergunta simples: qual a vontade do Pai?** Ele não temia as barreiras e os preconceitos sociais. Atualmente, no movimento espírita, médicos que

conhecem a Doutrina Espírita e a praticam no centro espírita não defendem as ideias espíritas em seu meio. É lamentável! Quantos indivíduos poderiam ter evitado o suicídio se eles tivessem simplesmente expressado os princípios que acreditam? Mães espíritas ensinam aos seus filhos o egoísmo, “poupando-lhes” uma atividade social ou a prática da mediunidade, quando tantas vezes esse seria o caminho de sua verdadeira salvação... Dirigentes ocupam-se em campanhas de mando e de poder, desperdiçam tempo valioso a ser utilizado para a organização das atividades sociais, para a difusão doutrinária, para o consolo dos milhões de aflitos no mundo. Julgam-se muito importantes para se ocuparem com os sofredores...

Sabemos, em nosso íntimo, que só o caminho da verdade leva-nos à Grande Verdade. Por que fingir tanto? Por que querer ser o maior e sempre ter razão? Por que trair Jesus repetidas vezes, e nunca dar chance para que o Cristo brilhe em seus corações? **O arrependimento sincero é o único caminho que pode nos levar a Deus.** Assumamos sermos Espíritos imperfeitos. O arrependimento e a doação abnegada é o melhor caminho. Qualquer outra conduta é o caminho da ilusão, tantas vezes trilhado por cada um de nós. Muito obrigado por me ouvirem, e desde já coloco-me à disposição para suas perguntas.

O silêncio é geral. Patrícia, para incentivar as perguntas, indaga:

— Qual o maior desafio para o atual movimento espírita encarnado?

— Penso que é a mudança das gerações. **O Cristo, quando no mundo, nos ensinou a cooperação: todos nós, jovens e velhos, ricos e pobres, judeus e não-judeus aprendemos a cooperar por causa da insistência firme de Jesus em quebrar todas as barreiras do preconceito que tínhamos. O movimento espírita atual esqueceu dessa lição do Evangelho.** Digo atual, porque Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo formam modelos cristãos, também, no que se refere à colaboração. Apesar de todo o preconceito da época, muito maior do que o atual, Kardec reunia, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, a alta nobreza europeia e os operários mais rústicos. E anunciava, claramente, que não aceitaria que houvesse qualquer tipo de discriminação

social. Além disso, participavam das reuniões mediúnicas jovens de doze anos e senhores de avançada idade. Eurípedes Barsanulfo educou toda uma geração de adolescentes, não apenas para participar de reuniões mediúnicas, mas também para cuidar de enfermos e de doentes mentais.

Infelizmente, esses exemplos estão esquecidos. Vemos espíritas que querem proibir jovens de participar de reuniões mediúnicas. Como será isso possível? Estariam errados Jesus e Kardec? **Em nome de que autoridade proíbem a mediunidade cristã?** Por tudo isso, preocupa-nos como o atual movimento espírita receberá a Nova Geração, que tem a missão de renovar não apenas o movimento espírita, mas toda a sociedade terrestre. Preocupa-me que os atuais dirigentes, assim como fizeram os fariseus, continuam a criar regras e mais regras, em vez de vivenciarem a mediunidade segundo o Cristo. Como avaliar o potencial de um jovem, sem que ele participe das atividades espíritas? Como avaliar os frutos, se eles não permitem que a árvore sequer cresça?

Patrícia agradece e pede que outros perguntem. Um senhor idoso levanta-se e indaga:

— Mestre, como vencer meus terríveis desequilíbrios sexuais e ser um espírita sincero? Fui conhecido presidente espírita, e tinha medo que os outros soubessem como eu era. Reprimi-me e só consegui piorar minha situação; quanto mais me desequilibrava, mais máscaras usava para me impor ao movimento espírita. Como sair dessa armadilha?

Pedro olha para ele com carinho e responde:

— Amigo, nosso Mestre, Jesus, é o único que merece esse título. Existe apenas um caminho: a honestidade. Honestidade significa assumir a existência do problema e tratá-lo. Em seu caso particular, a terapia de vidas passadas teria gerado excelentes resultados. Mas, infelizmente, isso também está sendo combatido por muitos espíritas, como se Jesus não revelasse muitas encarnações e planejamentos espirituais aos que tinham ouvidos para ouvir. **Quem precise fingir para ser aceito em um ambiente, deve mudar de ambiente de atuação. É melhor se tornar um trabalhador apagado e abnegado, do que um líder espírita envolto em trevas.** Quando Jesus ensina que devemos nos confessar uns

aos outros, isso significa admitir nossas falhas e fraquezas e buscar ajuda sincera para nos fortalecer. A mentira tem levado à queda de muitos trabalhadores de boa vontade, que não têm coragem de serem sinceros consigo mesmos. Todos os conflitos emocionais têm solução, desde que queiramos. Querer significa aceitar nossas fraquezas e buscar ajuda, por meio da oração e do diálogo honesto.

Uma jovem pergunta:

— Qual foi a sua experiência mais marcante com Jesus?

O apóstolo pensa e responde:

— O ensino mais marcante do Mestre, para mim, veio após a minha desencarnação. A grandeza espiritual de Jesus é algo muito difícil de dimensionar. Tudo que presenciei na Terra é pouquíssimo, comparado ao Seu poder. Fala-se, com razão, que o amor pode curar, pode alterar a história, pode solucionar todos os problemas do mundo. Isso é verdade, mas depois de encontrar com o Cristo no mundo espiritual, descobri que o amor pode muito, muito mais!

**O amor constrói universos.** Tudo o que o Cristo fez em sua ida ao mundo é apenas pequeníssima fração de seu real poder. Por que não fez mais? Para não nos assustar. Isso é amor! — conclui o apóstolo, calando-se de emoção.

Como melhorar o atual movimento espírita? — pergunta Eclésio que, em seguida, para e se corrige: Quero dizer, como nós, que recentemente tanto atrapalhamos o Consolador, poderemos nos redimir?

— O primeiro passo é assumir-se falível, questionar-se: as ideias que defendo são do Cristo? Estão fundamentadas na codificação espírita? Ou eu as reproduzo em nome de minha arrogância? Observem que não é uma postura fácil para quem tem ilusão de poder. Saber-se falível significa consultar o Cristo e Kardec ao tomar uma decisão. É se perguntar sempre como eles fariam, em cada situação. Se os espíritas em geral e os dirigentes espíritas, em particular, se fizessem esta pergunta em vez de consultar os “poderosos” do momento, a fraternidade verdadeira já teria se instalado em seus corações e nos centros de atividade do Consolador. **Surpreende-me ver líderes espíritas que pensam poder tudo fazer, sem o auxílio direto dos Espíritos amigos.**

**Kardec nunca dispensou o amparo espiritual para suas decisões relativas ao movimento espírita; hoje, porém, dirigentes se reúnem e quase nunca nos consultam.** A arrogância não é um bom caminho. A autossuficiência não os ajuda a entrar pela porta estreita, que conduz a Deus. Na Casa do Caminho, todas as decisões importantes eram meditadas, segundo os ensinamentos de Jesus, e orientadas pelos bons Espíritos. Por que os dirigentes de hoje dispensam o amparo direto dos Espíritos? Serão infalíveis? — conclui o apóstolo.

Eurípedes levanta-se.

É o momento de passar para a outra atividade. Ele pede que se crie um poema, em homenagem à visita de Pedro ao Colégio Allan Kardec, relacionando o que foi aprendido com a vida emocional de cada um. O professor sabe o significado espiritual daquele momento. O apóstolo decidiu iniciar sua nova tarefa com os mais necessitados, os desertores do Consolador. Certamente não é possível mostrar todos os poemas aqui, então apresento dois. Um de Patrícia, o outro de uma senhora, de nome bem conhecido no movimento espírita, e que, por isso, não será identificada. Segue primeiro o de Patrícia:

*Pedro — és pedra — e sobre essa pedra edificarei minha igreja — disse o Cristo ao amigo pescador.*

*Contudo, ele nos disse que a pedra, a base da igreja do Mestre, não é Pedro: é a pedra.*

*E que pedra é essa? Pedro explica: “É a pedra que liga e edifica, é a pedra que não quebra, é a pedra que inspira, a pedra da igreja. É a base. É a mediunidade.*

*Mediunidade é a base da igreja do Cristo, porque ensina o Mestre: Deus é Espírito, Sua igreja é espiritual.*

E agora o da Senhora X:

*Senhor, mandei e não servi. Hoje vi o Apóstolo e senti tua mensagem para mim.*

*Maria que manda, sai da poltrona, da cadeira da direção, vai... Vai... Aprender amar teu irmão.*

*Estuda. Não atrapalha o trabalho do Mestre, achando que sabichão é palestrante famoso, que só sabe dizer não.*

*Não à mediunidade simples e ética, a ser vivida por todo bom cristão. Não ao Cristo, que é chave para a fama e pra ganhar dinheiro.*

*Mediunidade com o Cristo é simples ato de abnegação.*

*Ser cristão é dar um grande e silencioso não, aos valores do mundo vão.*

• • •

A tarefa de encerramento é sugerida pelo apóstolo: visitar dez enfermos e transmitir-lhes as energias e ensinamentos daquele encontro. Pedro inicia sua tarefa de forma simples, beneficiando 20 mil pessoas! “É o poder do amor, que não multiplica apenas pães...” — pensa Felipe ao sair, após o encerramento.

No dia seguinte, Felipe vai à casa de Avelino. Faz o culto do Evangelho no lar e aplica passes no amigo. “Como gostaria de contar tudo que tenho aprendido a Avelino...” — pensa Felipe. “Ainda não”, orienta Pai Joaquim. Afinal, é preciso que ele estude primeiro *O Livro dos Espíritos*, para poder entender as grandes verdades espirituais.

## Sobre a Série

**A**migo e amiga, vamos conversar sobre a obra que você vai ler. Primeiramente, quero dizer que você é muito importante para o Grupo Marcos. Todos os nossos esforços têm apenas um único objetivo: aproximar os corações que amam o Cristo e querem O servir mais e melhor.

Dito isso, vamos falar um pouco dos autores espirituais. O coordenador espiritual de nosso grupo é o Espírito Ivan de Albuquerque. Explica-nos esse amigo que nessa série encontraremos, como no Novo Testamento, diferentes estilos literários, inclusive representações simbólicas, como as empregadas por Jesus, em suas parábolas. Ninguém, portanto, se espante ao encontrar a mediunidade representada por uma simpática senhora. Alerta-nos o amigo que o Cristo também usou de simbolismo para melhor ensinar a verdade. E esse é o objetivo: apresentar a você a grandeza da Codificação espírita e da beleza da obra de nosso Pai. Facilmente você diferenciara o ensino simbólico da realidade objetiva, como fazemos ao ler o Novo Testamento.

A coordenação das histórias é de responsabilidade de Ivan de Albuquerque e as aulas vivenciadas por Felipe, nosso personagem central, têm como autores os professores que as ministraram. Consequentemente, cada aula ou exposição da série Se a Mediunidade Falasse possui autor específico.

Destacamos aqui que expressamos, com o máximo respeito, as ideias, pensamentos e sentimentos destes amigos que colaboram conosco. Esses Espíritos amigos são os verdadeiros autores desta obra. Para eles, o que mais importa é nos estimular ao estudo e à reflexão sobre a grandiosa obra de Allan Kardec e sua aplicação em nosso dia a dia. A vaidade em aparecer não existe em seus corações e eles deixaram para nós a decisão de os identificarmos por pseudônimos ou como eram conhecidos na Terra. Após muito refletirmos — pois nomes conhecidos podem causar incômodo — decidimos apresentá-los com seus nomes

verdadeiros, apenas por um único motivo: estimular você, amigo leitor, a ler e estudar suas obras. Alguns deles deixaram excelentes livros, que devem ser conhecidos por todos. Na medida do possível, citamos suas obras.

Em nosso caso, os encarnados, optamos por nos apresentarmos como Grupo Marcos. Assim, a atenção é direcionada para o conteúdo da obra, e não para especulações que podem nos distanciar dos critérios de Allan Kardec. Afinal de contas, deve-se avaliar a obra, e não os médiuns que a receberam, pois a série Se a Mediunidade Falasse será recebida por diversos médiuns.

## Com foi recebido o Livro

**V**ou contar um pouco a história deste livro. Quando começou a ser transmitido, pensei que fosse uma peça teatral; depois percebi que seria um livro e, em seguida, uma série... Fui percebendo isso aos poucos. Como observador atento, fui descobrindo os acontecimentos, conhecendo Felipe, suas dúvidas, medos e aventuras. **Psicografar é um ato de descoberta empolgante, de convívio com os bons Espíritos e de aprendizado cristão.** Isso aconteceu em meados de março de 2011. Como deve fazer todo médium, solicitei a mais de dez pessoas que, de fato, conhecem a Doutrina Espírita, para avaliarem a obra. Realizei ajustes e correções, além de duas revisões detalhadas com os amigos espirituais.

Não pensem os futuros médiuns que psicografar é tarefa “mágica” ou automática. Psicografia é a transmissão de obra (literária ou não) por meio limitado (a mediunidade), o que requer atenção, análises e correções. Toda mediunidade e todo médium têm especificidades que, ora auxiliam, ora dificultam o processo de recepção. No futuro, voltaremos a essa reflexão.

Possuo a mediunidade de **psicografia intuitiva**, o que me permite estar plenamente consciente no momento em que psicografo. Muitas vezes, quando alguém me via psicografar, pensava que estava apenas escrevendo... O que, de fato, eu estava fazendo. Só que eu escrevia a história de outro escritor.

Este livro foi inteiramente psicografado em minha casa, em horários combinados com os amigos espirituais, após a preparação do ambiente espiritual com o auxílio da realização quase diária do Culto do Evangelho, o que se tornou um hábito, que mantenho de segunda a sexta-feira. Ensinam os bons Espíritos que a casa do cristão deve ser um lugar de elevada vibração espiritual. Acredito que devemos nos esforçar para atingir essa meta, apesar de nossas limitações pessoais.

Para concluir, quero falar da alegria que sentimos com nossa publicação! Sonhamos em ter contato com vocês, jovens amigos! Sabemos que muitos entenderão e se empolgarão com a

proposta de nosso grupo. Sejam bem-vindos ao Grupo Marcos! Entrem em contato conosco, pois queremos multiplicar o número de amigos e de trabalhadores cristãos! Quem sabe um dia não nos conheceremos?

Acima de tudo, queremos dizer que, se este livro está em suas mãos, estamos muito felizes! Nosso sonho começa a se concretizar e convidamos você a fazer parte dele. Boa Leitura! É o desejo de todos que formam o Grupo Marcos!

### *Conheça o GRUPO MARCOS*

**G**rupo Marcos é um grupo de amigos: encarnados e desencarnados, jovens e adultos, estudiosos e aprendizes, que se propõe a ser uma união de laços cristãos.

O nome Marcos — o nome-símbolo do grupo — é em homenagem a uma encarnação de Eurípedes Barsanulfo, nosso dirigente espiritual, que ocorreu à época do Cristo.

Marcos foi um essênio que se tornou verdadeiro cristão. Essa história você pode conhecer no livro *A Grande Espera*, da Editora IDE (Instituto de Difusão Espírita).

## *Nossos Princípios*

1. Todos os produtos do Grupo Marcos (livros, cursos, programas de áudio, mensagens mediúnicas etc.) são colocados à disposição gratuitamente em nosso site [www.grupomarcos.com.br](http://www.grupomarcos.com.br), sendo previamente autorizado imprimir, copiar e divulgar;
2. As produções (mediúnicas ou não) levam apenas o nome Marcos e dos amigos espirituais, quando for o caso;
3. Para colaborar conosco ou caso você queira nossa ajuda, basta nos contatar; Nosso maior compromisso é com a coerência, o estudo e divulgação da obra de Allan Kardec;
4. Dentre elas, a Codificação e a *Revista Espírita* são as principais obras que norteiam o nosso trabalho;
5. Nosso compromisso específico é com a formação da Nova Geração, sem excluir ninguém de nossas atividades;

Nos propomos a produzir livros e programas de vídeo e áudio, ter encontros de estudo, presencial e virtual, de modo a colaborar com o movimento espírita.

## Breve Nota

**O**s trechos citados são indicados pela equipe espiritual, cabendo a equipe encarnada a responsabilidade da tradução ou escolha da tradução. Adotamos, na maior parte das vezes, a tradução de José Herculano Pires.

## Coordenador do GRUPO MARCOS

**I**van Santos de Albuquerque nasceu em Brotas, estado de São Paulo, em 16/01/1918 e desencarnou em 05/04/1946, com 28 anos. Jovem dedicado ao Bem, foi espírita sincero e trabalhou intensamente em prol da Doutrina Espírita e do



amparo de quem sofre. Soube sempre se sacrificar em benefício dos irmãos e familiares, como também de todos que encontrou em seu caminho. Esse amigo coordenou nossas atividades entre os anos de 2001 e 2016.

Nosso coordenador atual apresenta-se como: “O amigo espiritual de sempre.”

O Grupo Marcos tem a direção geral de Eurípedes Barsanulfo.

## CONTATO

Tenha acesso a todos os livros de forma gratuita e, se desejar, mantenha contato conosco

## Visite nosso site

[www.grupomarcos.com.br](http://www.grupomarcos.com.br)

## Conheça os livros do Grupo Marcos

- Meu Amigo Eurípedes Barsanulfo
- Conhecendo as Profundezas de Jesus Cristo — Jeanne Guyon
- A Imagem da Luz: A Presença do Cristo nas Três Revelações
- Depoimentos — Coletânea de relatos de Espíritos Diversos — Livros 1 a 3 — Ivan de Albuquerque (org)
- Depoimentos 1 — Coletânea de relatos de Espíritos Diversos — Ivan de Albuquerque (org)
- Depoimentos 2 — Coletânea de relatos de Espíritos Diversos — Ivan de Albuquerque (org)
- Depoimentos 3 — Coletânea de relatos de Espíritos Diversos — Ivan de Albuquerque (org)
- Mãos Invisíveis — Coletânea de histórias — pelo Espírito Marta
- Reflexões Educacionais — Série — Livros de 1 a 3 — Ivan de Albuquerque (org)
- Reflexões Educacionais — Livro 1 — Diálogos com Ivan de Albuquerque — Ivan de Albuquerque (org)
- Reflexões Educacionais — Livro 2 — Criatividade e Espiritismo — Ivan de Albuquerque (org)
- Reflexões Educacionais — Livro 3 — Didática Espírita — Ivan de Albuquerque (org)
- Doutrina Secreta Volume 1 — Série — Livros de 1 a 4
- Doutrina Secreta Volume 2 — Série — Livros de 5 a 11
- Doutrina Secreta — Livro 1 — Educação Espírita: Um Convite à Juventude
- Doutrina Secreta — Livro 2 — Deus para a Doutrina Secreta
- Doutrina Secreta — Livro 3 — Entregar-se a Deus
- Doutrina Secreta — Livro 4 — Sete Atitudes Essenciais em Nossa Relação com Deus
- Doutrina Secreta — Livro 5 — Caridade: Sentido Profundo
- Doutrina Secreta — Livro 6 — Imortalidade
- Doutrina Secreta — Livro 7 — Evangelho e Simbolismo Egípcio
- Doutrina Secreta — Livro 8 — Ísis e Osíris, Morte e Reencarnação
- Doutrina Secreta — Livro 9 — Reflexões sobre: A Origem do Saber Hindu

### Se a mediunidade falasse

- Doutrina Secreta — Livro 10 — Reflexões sobre: A Origem da Psicologia Ocidental
- Doutrina Secreta — Livro 11 — Reflexões sobre: A Compreensão Hindu de Deus e de Seus Atributos
- Se a Mediunidade Falasse Volume 1 — Série — Livros de 1 a 5 — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Volume 2 — Série — Livros de 6 a 11 — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 1 — Iniciação — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 2 — Vampirização — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 3 — Despertar — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 4 — Medo e Mediunidade — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 5 — Cristianismo e Mediunidade — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 6 — Antes do Consolador — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 7 — Consolador — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 8 — Renovação Social e Imortalidade — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 9 — Pequena Mestra — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 10 — Aventuras de um Morto — pelo Espírito Ivan de Albuquerque
- Se a Mediunidade Falasse Livro 11 — Conversas com José — pelo Espírito Ivan de Albuquerque

| LINKS GERAIS - GRUPO MARCOS 2025        |                        |
|-----------------------------------------|------------------------|
| <i>Nova Geração Livro dos Espíritos</i> | <a href="#">Castos</a> |
| Curso A Imagem da Luz                   | <a href="#">Castos</a> |

| LIVROS                         |                        |                              |
|--------------------------------|------------------------|------------------------------|
| Meu Amigo Eurípedes Barsanulfo | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Áudio livro MAEB               | <a href="#">Castos</a> |                              |
| Vivência Mediúnica Primitiva   | <a href="#">Amazon</a> |                              |

| SÉRIE SE A MEDIUNIDADE FALASSE (SMF) |                        |                              |                        |
|--------------------------------------|------------------------|------------------------------|------------------------|
| 1 Iniciação                          | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 2 Vampirização                       | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 3 Despertar                          | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 4 Medo e Mediunidade                 | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 5 Cristianismo e Mediunidade         | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 6 Antes do Consolador                | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 7 Consolador                         | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 8 Renovação Social e Imortalidade    | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 9 Pequena Mestra                     | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 10 Aventuras de um Morto             | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |
| 11 Conversas com José                | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> | <a href="#">iBooks</a> |

| SÉRIE – DEPOIMENTOS |                        |                              |
|---------------------|------------------------|------------------------------|
| Depoimentos 1       | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google Books</a> |
| Depoimentos 2       | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google Books</a> |
| Depoimentos 3       | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google Books</a> |

| DOCTRINA SECRETA                                           |                        |                              |
|------------------------------------------------------------|------------------------|------------------------------|
| A Origem no Egito Antigo — 1                               | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Deus para a Doutrina Secreta — 2                           | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Entregar-se a Deus — 3                                     | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Sete atitudes essenciais em nossa relação com Deus— 4      | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Seven essential attitudes in our relationship with God – 4 | <a href="#">Amazon</a> |                              |
| Caridade: Sentido profundo — 5                             | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |
| Imortalidade — 6                                           | <a href="#">Amazon</a> | <a href="#">Google books</a> |

| SÉRIE –REFLEXÕES EDUCACIONAIS                               |                              |                              |
|-------------------------------------------------------------|------------------------------|------------------------------|
| Diálogos com Ivan de Albuquerque (Reflexões educacionais 1) | <a href="#">Amazon</a>       | <a href="#">Google books</a> |
| (Reflexões educacionais 2)                                  | <a href="#">Amazon</a>       |                              |
| (Reflexões educacionais 3)                                  | <a href="#">Google books</a> |                              |
| Nova geração Livro dos Espíritos, Livro 1: Causas Primárias | <a href="#">Amazon</a>       |                              |

| CURSOS                                                          |                              |
|-----------------------------------------------------------------|------------------------------|
| Livro A Imagem da Luz: a Presença do Cristo nas Três Revelações |                              |
| <a href="#">Amazon</a>                                          | <a href="#">Google books</a> |
| A Figura do Cristo                                              | <a href="#">Castos</a>       |
| Anjo Guardião                                                   | <a href="#">Castos</a>       |
| SÉRIE NOVA GERAÇÃO                                              |                              |
| Apocalipse                                                      | <a href="#">Castos</a>       |

Grupo Marcos

|                                                                                                          |                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|
| A Grande Espera (Os essênios e o Cristo                                                                  | <a href="#">Castos</a>       |
| Socialismo e Espiritismo                                                                                 | <a href="#">Castos</a>       |
| Sonhos segundo o Espiritismo                                                                             | <a href="#">Castos</a>       |
| Prevenção a Autodestruição                                                                               | <a href="#">Castos</a>       |
| Deus um Amigo Especial                                                                                   | <a href="#">Castos</a>       |
| Reflexões Educacionais                                                                                   | <a href="#">Castos</a>       |
| Para acessar e baixar todos os nossos materiais gratuitamente,<br>segue link para nossas pastas do drive |                              |
| <a href="#">One Drive</a>                                                                                | <a href="#">Google drive</a> |

Se gostou do livro,  
agradeça, divulgando-o.

Contamos com você!



*Tipografias – Playfair Display 9, Montserrat Medium 16/12; e Fondamento 48, 36 e 28 e  
Beskerville Old 12*